

AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR. Elysio de Carvalho



Anno II.

N. 21

Setembro de 1923.

Preço 1\$000

BANCO ALLIANÇA

SÉDE NO PORTO

RIO DE JANEIRO

146, Rua do Rosario, 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo
 —Descontos—Operações bancarias
 em geral—Administração de
 propriedades—Cobrança de juros e
 dividendos—Inventarios—

Correspondentes em todo o territorio
 dos Estados Unidos do Brasil.

DEPOSITOS

A' ordem. . . . 4 % ao anno

DEPOSITOS A PRAZO E LETRAS A PREMIO

A prazo de tres mezes.	4 $\frac{1}{2}$ % ao anno
A prazo de seis mezes.	5 $\frac{1}{2}$ % ao anno
A prazo de nove mezes.	6 % ao anno
A prazo de doze mezes.	6 $\frac{1}{2}$ % ao anno

BANCO HYPOTHECARIO
DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

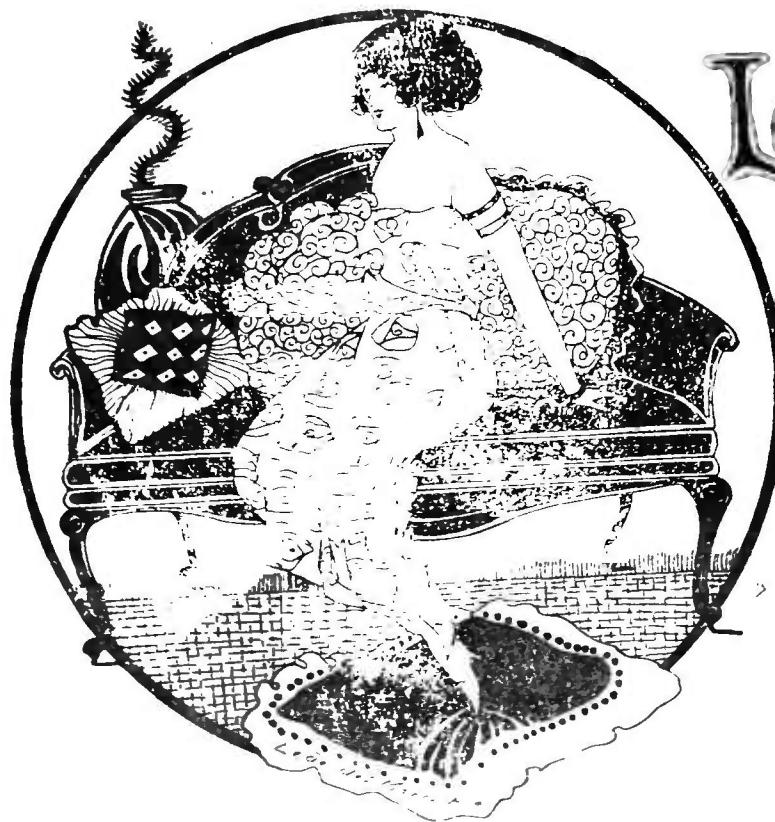
Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes
 á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS



Leão dos
Mares

Phone Central
822

Quereis adquirir **Moveis e Tapeçarias**
 os mais artisticos e confortaveis ?

Sem hesitar procure V. Ex. o **LEÃO
DOS MARES** que vos proporcionará o
 maximo de economia.

Mourão & Americo

RUA DO PASSEIO, 110 — (LAPA)

Uma bella sala de jantar holandeza, poderá ser adquirida por 1:000\$ e um rico
 dormitorio completo e embutido por 1:050\$000.

Banco Português do Brasil

CAPITAL... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Abre Conta Corrente

de movimento,

CONTAS CORRENTES

LIMITADAS COM

TALÃO DE CHEQUES,

Conta Corrente a

prazo fixo e

encarrega-se da adminis-

tração de

propriedades



FILIAES EM S. PAULO E SANTOS

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO

AMÉRICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Secretario da redacção: LUIS-ANNIBAL FALCÃO

SUMMARIO DESTE NUMERO

A ANTHROPOSOCIOLOGIA NOS ESTUDOS BRASILEIROS.....	OLIVEIRA VIANNA.
PATRIOTISMO BRASILEIRO	JOÃO DE BARROS.
A LIBERTAÇÃO DO MARANHÃO.....	GUSTAVO BARROSO.
SANTANDER	MAX GRILLO.
MARCEL PROUST E GOMEZ DE LA SERNA.....	CARLO BOSELLI.
A SALVAÇÃO DE FAUSTO.....	MESQUITA PIMENTEL.
CLEMENCEAU.....	CAMILLE MAUCLAIR.
MAUCLAIR E A LITTERATURA FRANCEZA NO SECULO XX....	L. A. F.
A ALMA DE ESPANHA.....	JOSÉ OSORIO DE OLIVEIRA.
NACIONALISMO	MOTTA TRIGUEIROS.
VIRGO PRÆDICANDA	CARLOS D. FERNANDES.
MENTALIDADE ARGENTINA.....	JOSÉ INGINIÉROS
POTENCIALIDADE ECONOMICA DE MINAS.....	REDACÇÃO.
IMPRESSÕES DO "SALÃO"	CARLOS RUBENS.
NOTAS & COMMENTARIOS.....	REDACÇÃO.
NOTULAS	REDACÇÃO.
PORTUGALIA	REDACÇÃO.
REPERTORIO	REDACÇÃO.

EXCERPTOS

DE

Machado de Assis, Graça Aranha, Renato Almeida, Metzinger, Gabriel Brunet, Guerra Junqueiro e
Elie Faure.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil. ..	10\$000
Para o Exterior	12\$000

VENDA AVULSA

Numero do mez	1\$000
Numero atrazado.	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.^o

Tel. Norte 6011

RIO DE JANEIRO - BRASIL

Caixa Postal 1228

AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 21

=||=

RIO DE JANEIRO

- SETEMBRO, DE 1923

=||=

ANNO II

A ANTHROPOSOCIOLOGIA NOS ESTUDOS BRASILEIROS

Esta bella sciencia, de tão recente criação, está sendo vítima de uns certos equivocos, que fazem parecer, nos olhos de muita gente, falsos ou tendenciosos os seus fundamentos. É uma sciencia essencialmente francesa, que teve como iniciadores duas poderosas organizações caracteristicamente latinas: Durand Le Gros e Gobineau. Os seus grandes systematizadores foram porém, allemaes e chamavam-se Ammon, Wolmann, Relmer e Chamberlain — e dahi a fonte de todos os equívocos.

Os dous primeiros eram homens de sciencia authenticos e entraram nos dominios da anthroposociologia com a sincera intenção de encontrar a verdade: mas, os dous ultimos foram buscar nas investigações anthroposociologicas as bases scientificas do imperialismo pan-germanista — e fizeram, não obra de scientistas, mas obra de partidarios, transformando a bella sciencia dos Gobineau e dos Lapouge em instrumento para a propaganda de um programma politico. Não eram, como observa Lapouge, anthroposociologistas, mas "cariaturistas da anthroposociologia." Deformaram a anthroposociologia aos feitos dos interesses germanicos, como os Houzé, os Finot, os Manouvrier, que os contrabateram, a deformaram ao geito dos interesses franceses, ameaçados pelas conclusões aggressivas dos pangermanistas, à maneira dos Reimer e dos Chamberlain. Chegado o ardor dos contendores ao ponto da temperatura branca, a serenidade desapareceu inteiramente dos debates, perdeu-se completamente a noção dos interesses da sciencia e a discussão dos argumentos se revestiu da feição irritada dos pamphlets.

Homens de cultura fundamentalmente francesa, os nossos letrados souberam desses debates apenas através dos oponentes franceses e, tendo assim uma visão parcial da questão, concluiram que a anthroposociologia está morta e que os materiais colhidos não teriam outra utilidade senão a de servirem para entrecos de romances de fantasia, sinão do genero dos de Julio Verne, pelo menos do genero dos de Pierre Loti...

Eu não quero, de modo algum, entrar no exame do ponto que deu motivo à formidável algazarra dos sociologos e anthropoligos franceses: a questão da superioridade dos povos germanicos sobre os povos chamados latinos, ou, em technica de antropologia, a superioridade do *Homo europeus*, de Lapouge, sobre o *Homo alpinus*, de Linneu, isto é, do dolicocephalo louro sobre o brachicephalo moreno — o que, em ultima analyse, redonda na affirmation da superioridade do germano sobre o celta, ou, mais particularmente — para colocar a questão no terreno incandescente da politica pangermanista — a do allemão sobre o frances. Estou absolutamente convencido que houve muito exagero, muita conclusão precipitada, muita inferencia sem

razão de ser da parte de Lapouge, de Ammon e de Wolmann — para falar unicamente dos mestres, que deram ás suas investigações a severidade e imparcialidade da sapiencia. É possivel que tenham de ser revistas e refundidas muitas daquellas "leis fundamentaes da anthroposociologia", taes como apareceram formuladas nuna obra de Lapouge, pois data de 1909 (*Race et milieu social*, pag. 169). Nada disto diminui o immenso valor da nova sciencia social e a enorme importancia practica das suas conclusões.

Mesmo naquellas suas affirmações sobre a superioridade do dolico-louro nem tudo está errado. Ha, sem duvida, um sólido fundo de verdade nessas conclusões, que, embora exageradas na sua significação e importancia, estão muito bem separadas por dados objectivos, extremamente copiosos, para serem totalmente errados. O que é certo é que os anthroposociologos de verdade, como

Lapouge e de Amon se restrinjam exclusivamente a isto.

Não; o dominio da anthroposociologia é incomparavelmente mais vasto: é o estudo das reacções reciprocas da raça do meio social. Qualquer agregado humano, seja qual for o habitat em que viva, está sempre sujeito a duas ordens de influencias: as que lhe vem da sua base physica, e as que lhe vem da raça.

Dos reflexos do meio cosmic sobre o grupo social e deste sobre o meio cosmic cuida a "anthropogeographia".

Dos reflexos da raça sobre o grupo social e do grupo social sobre a raça cuida uma outra sciencia, que é a "anthroposociologia".

O fundamento desta ultima sciencia, o seu postulado basico é o principio da hereditariade dos caracteres ethnicos. Por isso mesmo ninguem pôde discutir questões de anthroposociologia sem conhecer heredologia a fundo — pois, toda questão de anthroposociologia, como de ethnologia, se reduz, afinal, a um problema de hereditariade. Estamos diante de uma sciencia, que marca, como se vê, o ponto de transição entre as sciencias naturaes e as sciencias sociaes. Os que entrarem nos seus dominios tem que ir preparados para jogarem, ao mesmo tempo e com a mesma segurança, com os dados da biologia e os dados da sociologia.

Entre nós, a anthroposociologia encontra um campo admiravel para investigações. Presumo que ninguem haja até agora cultivado aqui esses estudos, tão cheios de sedução e interesse, devidos exclusivamente à prevenção existente contra o mais notável representante da nova sciencia no mundo latino: Vacher de Lapouge. O poderoso pensador de *O aryano* passa por ser o maior pregoeiro da superioridade dos povos germanicos sobre os povos latinos — e dahi a prevenção contra a sua obra e, consequentemente, contra a anthroposociologia. Entretanto, a obra fundamental de Lapouge não é *O aryano*; mas sim, as *Seleções sociaes*. Este livro, embora opine nella superioridade da raça dolico-loura, é uma soberba construcção scientifica, que bastaria para mostrar a complexidade dos problemas versados pela anthroposociologia — tal como o livro de Amon: *A ordem social e as suas bases naturaes*.

Entre nós, os problemas da anthroposociologia offerecem o interesse mais vivo, porque a nossa massa social sofre a influencia de tres raças differentissimas, duas das quais exóticas: a branca e a negra; e, além disso, duas dellas, a negra e a vermelha, vivendo num clima social muito diverso dos climas sociaes da sua formação originaria. As reacções reciprocas destas tres raças sobre o nosso meio social e do nosso meio social (que, aliás, não é o mesmo ao norte e ao sul do paiz) sobre estas tres raças são

O INSTINCTO DE NACIONALIDADE

Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão alli farto manancial de inspiração e irão dando physiognomia propria ao pensamento nacional. Esta outra independencia não tem Sete de Setembro, nem campo de Ypiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sahir mais duradoura; não será obra de uma geração, nem duas; muitas trabalharão para ella, até perfazel-a de todo.

MACHADO DE ASSIS.

Lapouge, por exemplo, têm sempre o cuidado de accentuar que as leis que regem, segundo elles, a distribuição social das raças, e que deram motivo ao protesto dos Finot, dos Houzé e dos Manouvrier, só têm verificação nos meios sociaes, compostos exclusivamente de *H. europeus* e *H. alpinus*. As leis que regem o comportamento do *H. europeus* em relação a outros typos ethnicos, como por exemplo, o *H. meridionalis*, que é o typo dominante da Italia do sul e na peninsula iberica, — não estão ainda perfeitamente definidos.

Errado, porém, andará quem confundir anthroposociologia com apologia do homem dolicocephalo louro. Os anthroposociologos allemaes, de comparsaria, alias, com alguns bellos espíritos franceses, chegaram á conclusão da superioridade dos dolico-louros: mas, seria evidentemente reduzir de uma maneira injusta o campo da anthroposociologia, julgar que a formosa sciencia de La-

PATRIOTISMO BRASILEIRO

ELÍSIO DE CARVALHO E OS BASTIÓES DA NACIONALIDADE

O artigo, que transcrevemos, data venia, do "Primeiro de Janeiro" de 1 de Julho de 1923, do ilustre escritor Sr. João de Barros, é uma admirável synthese do nativismo brasileiro, que se não deve isolar, mas, ao revés, se fecundar nas tradições gloriosas da raça comum.

Enquanto, por vezes, nós em Portugal discutimos se temos ou não uma origem etnica que nos permita considerar a nacionalidade um todo uno, eterno e diferenciado dos outros da população ibérica — o Brazil, pela pena dos seus mais altos escritores e sabios, afirma-nos essa crença e justifica-nos essa certeza. Para eles, uma das causas mais fortes da união e da cohesão do seu vasto paiz, é, precisamente, a ascendencia lusitana — e dessa ascendencia se honram e orgulham como sendo duma das mais antigas e vigorosas raças da Europa. A memoria recente do que foi a formação do Brazil pela persistencia e pelo genio portuguez, criando uma Patria tão diversa das outras patrias da America do Sul e a elas tão superior, ensina aos brasileiros essa attitud de justiça e de verdade para com os lusitanos, e faz-lhes sentir a profunda originalidade e a personalidade indestrutivel desse antigo povo, que aonde vive ou passa edifica e levanta construções immorredoiras.

estudos do mais alto interesse scientifico e cheios de fecundas consequencias praticas. Na Evolução do povo brasileiro, ao estudar a evolução da nosa raça, bosquejá, em traços ligeiros e genericos, alguns problemas mais interessantes da nossa anthroposociologia; mas, o que digo alli está longe de representar um estudo exhaustivo das questões abordadas. Num outro ensaio, de menores proporções, sobre *O tipo ethnico brasileiro e os seus elementos formadores*, que veiu no volume introductorio do *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographicico do Brasil*, publicado pelo Instituto Historico, eu accentuo um pouco mais a analyse de alguns aspectos da nossa psychologia ethnica, especialmente dos modernos tipos europeus, confluentes ao sul do paiz. Mas, o problema do eugenismo desses tipos e dos nossos mesticos indoiaricos — apparece estudo muito succinctamente e está exigindo uma analyse mais demorada e exhaustiva. Pretendo fazel-a em trabalho mais especializado e de maior tomo — *O Aryano no Brasil* — para que estou carteando materiaes, de modo a poder discutir esses problemas ethnicos e anthroposociologicos com o possivel rigor scientifico.

No Brazil, o problema das influencias ethnicas tem uma importancia muito consideravel, porque não existem aqui certos preconceitos de casta ou

Estas reflexões fazia eu lendo o magnifico livro de Elílio de Carvalho, que se chama "Os Bastiões da Nacionalidade". Elílio de Carvalho é um dos mais luso-filos entre os luso-filos escritores brasileiros, e é um dos mais belos e elevados espiritos da sua geração. Entusiasta, mas refletido; artista de vibrante sensibilidade, mas pensador de sereno raciocínio; critico e poeta, historiador e economista, — todas estas multiplas facetas do seu nobre talento se subordinam a uma mesma orientação patriótica. Desde muito que propaga, defende e explica as ideias e as acções que mais uteis lhe parecem á grandeza e á prosperidade da sua terra. E tal é o poder de convicção que anima as páginas dos seus livros, ou da sua revista "A America Brazileira"; e tão cheios de logica e de razão e de probidade mental são os seus argumentos que bem pôde dizer-se ter conquistado já, pela influencia da sua obra, um lugar de conductor e de professor de fé nacionalista entre a mocidade do Brazil.

Essa fé nacionalista afirma-se com especial insistencia em "Os Bastiões da Nacionalidade" — livro todo consagrado á gloria e ao futuro do Brazil, livro em que se encontra esta frase orgulhosa: "tudo, em nós, é antes de tudo, brasileiro"; e que, no entanto, pelo amor e pelo apêgo que denuncia ás coisas portuguezas, bem poderia trazer na capa uma epigrafe significativa, num epígrafe que é a divisa do apostolado de Elílio de Carvalho: — "pelo Brazil e por Portugal", como já foi a divisa do apostolado inesquecível do inesquecível João do Rio...

"E assim que o Brazil, no pensar do admirável escritor (Graça Aranha) se tem de afirmar como o continuador do genio portuguez no mundo americano, dando à alma antiga mais vigor, mais entusiasmo e mais agilidade, e á America mais claridade, mas inteligencia, mais beleza nas suas relações com o universo", escreve, Elílio de Carvalho.

Neste periodo, incisivo e claro contempla-se todo o pensamento do prosador ilustre sobre o magnifico problema do destino brasileiro, que ele assim entrelaça, intimamente, ao destino portuguez: "Quem nascia brasileiro que o transmontano ou o alfaeínha que levou a sua paixão da terra até ao sacrificio de defendê-la com a própria vida?" — continua Elílio de Carvalho. E, mais adiante: — "aos portuguezes devemos, digamos sem enfeite, a grandeza da terra, unida e identificada, pelo sangue e pelo espírito da patrula, e a opulencia da nacionalidade".

Não teriam importancia estas afirmações se viessem dum brasileiro que não consagrasse a actividade da sua vida ao culto e ao engrandecimento do Brazil. Mas Elílio de Carvalho é supremamente, ardenteamente patriota. Fala, portanto, com uma autoridade maxima — e foi por isso que a sua defesa dos portuguezes, quando se deu o ataque nativista, produziu tão funda impressão. O seu amor a Portugal não é um sentimento posticio: — é a consequencia directa do seu amor ao Brazil, cujas tradições e passado são os mesmos que nós reivindicamos para nós, e que nos pertencem tanto como aos proprios brasileiros.

"Os Bastiões da Nacionalidade", pelos assuntos tratados nos seus varios capítulos, pela condição do seu autor, e pelo seu estilo vehemente e moço, merece a atenção de todos os espiritos desjosos de estudar e comprehendêr o Brazil. E para os portuguezes possue este livro um interesse particular: — mostra como o patriotismo da élite brasileira não é adverso nem hostil ao patriotismo lusitano.. Muito pelo contrario. Um e outro se fundem, na evocacão e na religião do Passado. Um e outro se approximam na legitima ambicão de continuar, em nações diversas, os exemplos desse Passado heróico e as victorias sempre renovadas duma raça comum.

Oliveira VIANNA

João de BARROS

A LIBERTAÇÃO DO MARANHÃO

Conferencia realizada no Instituto Varnhagen em 28 de julho de 1923

O Maranhão foi um dos maiores batalhões da resistência portuguesa à emancipação do Brasil. Não que lhe faltasse aos filhos o mesmo ardor patriótico que agitava o paiz de sul a norte, nem que entre elles alguns não tenham sido dignos de hombrear com os mais altos vultos da formação da nossa nacionalidade. Mas as condições do momento, resultantes do seu afastamento da capital, da sua vida económica quasi independente, das suas relações directas com Lisboa, da sua representação fiel ás Cortes do Reino, do numero, prestígio e fortuna do elemento português no seu seio, tornaram-no numa como base da repulsa lusa às legítimas aspirações da nossa gente. No entanto, no momento de declarar-se a luta aberta, os independentes do Maranhão, souberam com coragem pegar em armas.

Quando o rastilho da insurreição despertada pelo grito do Ypiranga crepitou pelo Ceará e pelo Piauhy, a organização lusitana daquella província onde nasceu Gonçalves Dias apareceu aos olhos ansiosos dos *carcundas*, que assim se apelidavam os brasileiros, como um terrível espantalho. Por isso, ao historiar, desenvolvida e pormenoradamente, os factos desenrolados após a celebre proclamação da Parnahyba, o illustre sr. Abdias Neves chama no livro, tão interessante quanto bem documentado, a "Guerra do Fidié", a essa ameaça o *perigo maranhense*.

Desde 1821, o Brasil todo estremecia, aqui e ali, como se lhe percorressem o vasto corpo calefrios denunciadores de grande crise. E as próprias províncias mais distantes do fóco de nacionalismo, que era a região do Centro-Sul, sentiam fortes ahalos. Não só nas cidades do littoral se agitavam as idéas e os homens. As notícias da effervescencia percorriam os sertões asperos e distantes. Por toda a parte, um fremito entrecortado de rebeldia, como os fugazes clarões que perpassam por entre as nuvens amontoadas, pouco antes do aguaceiro despejar-se e de rotejar a tempestade.

Sae-se da agitação a prol da organização constitucional para a dos decretos que chamam D. Pedro a Lisboa e convocam os procuradores das camaras. Movimentam-se Lédos e Andradás, José Clementes e Januários, Nobregas, Sampaios, Rochas, tantos outros. O Rei torna ao outro lado do Atlântico e, na anarchia nacional, enquanto o Príncipe procura enfeixar nas violentas mãos os destinos do jovem povo, algumas províncias só escutam as vozes e só cumprem as ordens das Cortes portuguesas. Entre elas o Maranhão.

Rai o anno memorável de 1822 e o echo do FICO repercute no paiz inteiro. E' a grande reacção nacional que se despenha. Guarnições lusas já capitulam. D. Pedro percorre Minas e S. Paulo. Ferve o movimento libertador. Ha tanto sonho nas almas, tanta luz, tanta esperança nos olhos de todos quantos se preparam de ser brasileiros e tão somente brasileiros. E, à sombra, formidavelmente, a Maçonaria age sem treguas, em defesa dos melhores destinos da grande pátria que desperta para o grande futuro.

Borbulham levantes, como solfataras, pela vasta face da terra brasileira. As

canções do povo ridicularisam o filho de outra banda:

"Marinheiro pé de chumbo,
calcanhar de frigideira,
quem te deu a ousadia
de casar com brasileira?..." (1)

Travam-se os particulares, nascidos em solo diverso, de razões a cada passo. Nossos patrícios de enfão sentem correr-lhes nas veias como que um sangue novo. E, afinal, à margem do arroio paulista, o grito definitivo estruge, acordando mais uma nação neste portentoso continente.

Ergue-se o Brasil à voz luminosa da liberdade, porém não todo. Alguns de seus membros continuam acorrentados ás algemas coloniaes. Não faltarão energias para quebral-as e atiral-as longe. Depois de porfiada peleja, a 2 de julho, rompem-se os ferros vis da Bahia gloriosa. Em seguida, liberta-se o Piauhy, liberta-se o Maranhão e liberta-se o Pará. E, assim, o gigante pode espreguiçar-se ao sol, livre para todo o sempre.

O echo do brado "Independencia ou Morte!" leva quasi um anno para atingir essa Atenas Brasileira, que tem sido a

A SIMPLICIDADE DE DEBUSSY

Quando se lança pela primeira vez os olhos sobre uma partitura da orchestra de Debussy, ficamos surprendidos com a complexidade da escriptura. Rythmos e motivos se entrelaçam e se superpõem numa atmosphera cambiante. Instrumentos se associam em combinações inesperadas, segundo dosagens imprevistas. Poder-se-hia suppôr que este conjunto de tão extraordinaria instabilidade não vai soar bem: muito ao contrario, na execução tudo entra em ordem. Os themes principaes emergem, os rythmos se accusam contrariando-se e a sonoridade é a mais bizarra caricia para os ouvidos. A impressão que se tem desse conjunto tão complicado é a da maior simplicidade. Só o que se precisa para que este efecto se produza, é que um habil regente de orchestra tenha cuidado de pôr cada cousa no seu lugar. Também é preciso que esse regente de orchestra comprehenda e sinta profundamente as bellezas da arte debussysta...

HENRY PRUNIÈRES.

mais dadivosa mãe de intelligencias para a nossa gloria intellectual. Resoara, fraco, em outubro, na cidade piauhyense de Parnahyba, onde o juiz João Cândido e o coronel de milicias Simplicio Dias da Silva proclamam a adhesão da província ao novo estado de coisas. Mas a junta do Maranhão, aluna e corpo ligados à metrópole, apoiada nas bayonetas e na artilharia da forte guarnição, escudada no prestígio moral da Egreja, representada pelo bispo Nazareth, oppõe-se á marcha, ao alastrar do movimento revolucionário e atira sobre o Piauhy o seu anathema, enquanto o brigadeiro Didié, commandante das armas, que se achava em Oeiras, prepara-se para atacar os sediciosos.

Era preciso suffocar logo aquelle impulso de patriotismo. E, como diz o emi-

(1) Esta quadra tinha a seguinte variação no Maranhão:

"Marinheiro pé de chumbo
calcanhar de requieijo,
quem te deu a ousadia
de casar no Maranhão?"

nente historiador, Sr. Rocha Pombo, na sua monumental "Historia do Brasil", assim de melhor combater o nacionalismo revoltado dos brasileiros, a junta maranhense pôz-se de concerto com a do Pará "no sentido de se mantêrem ficas ao governo de Lisboa".

Avança Fidié, arrantando as suas peças de artilharia e carretas de munição com bois, pelos sertões inhospitos afora, talando campos e saqueando fazendas. Fogem, assombrados, os patriotas da Parnahyba, atravessando as fronteiras cearenses, rumo de Sobral e Granja, nucleos de vitorioso nacionalismo.

Todavia, as fagulhas destinadas a atear o incendio naquellas regiões não se apagam. Mantêm-nas accésas o vento de rebeldia e liberdade que sopra de todo o interior do Ceará, onde os independentes piauhyenses refugiados buscam apoio moral e reforços.

Fidié faz da Parnahyba, conquistada com pouco esforço, a sua Capua, sem as delícias da classicia, bem entendido, mas identica, como demora, á do outro, embora não se possam comparar os tamanhos historicos de ambos. Sua ausencia prolongada da capital do Piauhy permite que ella se torne tumultuaria. Lavra a agitação pelos sertões em fóra. Ha qualquer coisa no ar, dizem todos. Só tem mais do que dizem. E a junta lusófila de Oeiras manda apressadamente chamar o Fidié.

Antes que elle chegue, porém, prendidos pela medrosa tyrannia da tal junta, os independentes se desmascaram, chefiados pelo brigadeiro Souza Martins. Proclama-se a independencia. "De mãos dadas com o Ceará", reza um documento coévo, está o Piauhy preparado para a luta.

E os cearenses com os seus guritões de couro das velhas milícias e ordenanças, de fundo largo e achatados, diferentes dos da tropa portuguesa, afunilados e altos, o que lhes deu a alcunha de *cabeças chatas*, pois o crânio achatado é comum a todo habitante do Nordeste e não peculiar somente aos de minha terra; com os cearenses, em bandos quasi sem disciplina, mas armados e peor comandados, entram pelo territorio da província vizinha, a depredar a pecunia alheia e a saquear os povos, como o faziam os avidos e brutais soldados da metropole. João Brígido chamou a essa entrada "aladroada expedição de Caxias".

Chefiavam-nos homens de rija tempra e velha experiência de caudilhismo sertanejo: Tristão de Alencar, destinado a ser um dos heróes tardios de revolução de 1824 e prometido á morte pela mão raivosa dum sequaz dos Cunhas do boqueirão, nos campos ensanguentados de Santa Rosa; e o afamado José Pereira Filgueiras, ou Felgueiras, especie de Pancho y Villa diminuido pela dininuição do próprio ambiente, um dos homens agiantados de maior força que o folk-lore sertanejo perpetua, contando o povo que, sosinho, desatolava da lama um carro de bois, que seu braço era duma cana só, dum só osso, e que disparava com elle estendido, sem que fugisse do lugar, mau grado o formidavel recuo, qualquer um dos seus dois bacamarte: o Bócca da Noite ou o Estrella d'Alva!

E' ainda o folk-lore que perpetua a lembrança da *mitriaga* espantosa, a metralha da artilharia portuguesa do Fidié, que, no campo do Retiro do Genipapo, varreu essas hostes bravias e estonteadas, hordas de sertanejos mal armados, derrotando-as. Contra onze canhões e mais de mil homens de boa tropa de linha lusitana, os pobres matutos bisonhos pelejaram

SANTANDER

proposito do um livro do General Abreu e Lima

O Governo venezuelano, presidido pelo Sr General Juan Vicente Gomez, "austero e simples", que, segundo o conceito do seu ministro do Exterior, sente pelo Brasil a admiração do homem do trabalho por aquele que possue em um grau eminentíssimo a mesma fecundadora virtude" pensou render uma homenagem exultante e digna da grandeza do Brasil no primeiro Centenario de sua Independência, ao ordenar que o intelligente diplomata Dr. Diego Carbonell publicasse os manuscritos do livro *Resumo histórico da ultima dictadura do libertador Simon Bolívar, comprovada com documentos, por Ignacio de Abreu e Lima*.

Este pamphletó, escrito com o particular proposito de exaltar o nome de Bolívar e offender a memória de Santander, chamado pela posteridade o Organizado das Victorias da Guerra da Independencia, permaneceu inédito até que o illustre medico e diplomata Dr. Carbonell, o viesse tirar do olvido para presentear-o como homenagem da Venezuela ao Brasil. O livro de Abreu e Lima, que com certeza não agradou a Bolívar pois não foi publicado em seu tempo sofre de um lado, de excessos dith.ramb.os a respeito de feitos os menos memoráveis do grande homem e, de outro, é um terrível amontoado de juizos apaixonados contra Santander, o Homem das Leis, o estadista que lutou para que prevalecessem sobre os louros da victoria, a Repu-

blica e as instituições que se tinham dado aos povos libertados. O livro de Abreu e Lima, composto ao calor da inimizade com Santander, em dias em que as paixões cegavam o juizo dos homens, está cheio de erros, é injustamente apaixonado contra Santander e, por conseguinte, deve ser lido com desconfiança. A imprensa brasileira, com a agilidade de compreensão que a distingue, quasi nenhuma importância concedeu ao livro editado pelo Governo Venezolano, embora se achasse entre as suas páginas a tradução de um Goulart de Andrade do formoso panegyrico composto por José Enrique Rodó sobre Bolívar.

Os juizos do General Abreu e Lima são hoje revistos pelos historiadores, que tiveram o cuidado de estudar em arquivos e documentos authenticos o periodo da historia colombiana de 1825 a 1830. A segunda ditadura de Bolívar à qual se refere Abreu e Lima, acha-se perfeitamente julgada. As tremendas acusações contra Francisco de Paula Santander, principalmente, toda a suposta participação do Homem das Leis na conspiração de 25 de Setembro de 1828, foram desvanecidas de um modo sereno e bem fundado.

Embora o autor destas linhas tenha dedicado numerosos dias ao estudo na personalidade histórica de Santander e não ob-

tres horas a fio, como leões! Heroismo desnorteado e barbaro!

Fidié foi um capitão que poderia dizer, consoante o verso celebre: "eu não cuido" Canhões não o louvaria. Triunfante, esqueceu a impedimenta. Alongou-se da sua caga, como o diria um chronicista medieval. O regimento de cavalaria de milícias de Sobral, ás ordens do capitão Nereu, que também invadiria o Piauhy rebeldado e convulso, surprehendeu-a, malou-lhe a guarda e levou-a eomsgo. E o chefe Inso foi acampar no Estanhado, hoje União, sem munições, que, assim, as perdeu todas!

Dalli retirou, depois, para Caxias, no Maranhão.

Então, todo o Piauhy agitado proclama a libertação e o Ceará acode-lhe continuamente com socorros de homens e de arma. A situação dos portuguezes no norte não é mais tão importante e segura como fôra. Começa-se a sentir que o Maranhão, apesar de meio asphyxiado, vibra. A sua junta fortifica-se na capital e pede socorros urgentes a Lisboa, enquanto por varios logares do interior vai-se acclamando o nome imperial de D. Pedro I.

"Alli só se espera a voz dum chefe", diz Rocha Pombo. Em S. Luiz, soffrem os brasileiros nativistas temores e vexames de toda a ordem; agem, no entanto, em outros pontos. As apprehensões da junta cortam-lhe até a voz. Nem responde aos officios em que Fidié lhe pede socorros, de Caxias.

Isolada da capital pelo movimento geral de insurreição dos maranhenses, Caxias é assediado pelas tropas do Ceará e do Piauhy. Fidié demite-se do comando e a cidade capitula. Toda a província estava ás mãos dos patriotas e a capital certamente não poderia resistir muito tempo. Lavrara alli certa anarchia, que dia a dia se accelerava. Não se deve esquecer que até officiaes da tropa de linha, como os tenentes Barradas e Raposo, acompanhados do alferes milieiano Reis, revoltaram-se de armas na mão contra o domínio portuguez, combatendo na rua os soldados do marechal Faria.

Emfim, lord Cochrane, conde de Dun-donald e marquez do Maranhão, commandando a nau de guerra *Pedro I* seguida de brigues, surge no porto de S. Luiz, aposse-

se de navios portuguezes, arria de todos os mastros, em terra e no mar, o pavilhão das quinas, substitue-o pela bandeira auriverde, desembarea marinheiros para conter aqueles renitentes a que se refere Vieira da Silva, proclama de vez a independencia e acclama o Imperador e Defensor Perpetuo do Brasil a 28 de julho de 1823.

Este resumo, feito sem graça e sem valor, dos factos de que decorreu a independencia do Maranhão, cujo centenario o Instituto Varnhagen commemora, mostramos que, para tal resultado, se contribuiu a accão vinda de fôra, do Piauhy directamente e do Ceará, através do Piauhy, também concorreu a agitação interna, criadora de anarquia provisória, necessária á celoção dos bons frutos, fonte das energias possantes que ajudaram a desmantelar a máquina preparada para matar alli o movimento libertador.

Nessa luta, não conseguiu a força que se oppunha á generalização da nossa independencia separar do corpo do paiz a grande província de Odorico Mendes e dos Azevedos. Outras lutas em outras paragens, mesmo idéas separatistas, até agora não conseguiram também fazer desunir-se parte alguma deste territorio imenso, patrimônio que nos legaram descobridores, bandeirantes, colonizadores, independentes, o indígena regressivo, o negro que arroteou as terras virgens e hostis, ao sol, e á chuva, o luso bravo, patrimônio que devemos legar intacto ás gerações do futuro, se quizermos ter o orgulho nobre de havermos, em verdade, constituído uma nação.

Nesta data centenaria e augusta pela sua significação e pela sua veltice, rendendo homenagem á memoria daquelles que trouxeram o Maranhão aos braços dos seus irmãos já libertos, façamos votos para que, no meio das desunidas nacionalidades, geradas na fragmentação espontânea dos antigos vice-reinados espanhóis da Ameríca do Sul, continue o Brasil a ser a exceção que é, pela homogeneidade de seu todo, pela união de suas varias partes, pela manutenção sob as estrelas da mesma bandeira duma das maiores áreas concedida ao povo, que nos foi entregue inteiriça, una, pela admirável força de cohesão da nossa Raça, — Raça mãe de prodígios!

stante achar errados os conceitos de Abreu e Lima na sua obra, absteve-se de commentá-la: não para contribuir na conspiração de silêncio com que foi acolhida no Rio de Janeiro, mas por consideração de outra especie, entre as quais avultou principalmente a estima que professa pelo Dr. Carbonell. Ademais, o organizador das Victorias que libertou o Equador, em Pichinchas, a Venezuela em Carabobo e o Peru' e a Bolívia em Ayacucho, bem pode desafiar só com a sua obra os embates de seus inimigos, passados como presentes. Committeu erros e faltas, uma delas, não só no conceito de Abreu e Lima como nos dos escritores de Avila, consistiu em ter defendido a lei contra a ditadura. Mas a sua obra, as bases democráticas e livres que põe como fundamento da República na Colômbia elevara Santander no decurso dos tempos até o cumprimento da maior admiração entre os estadistas e os povos da América. No discurso que pronunciou no dia 4 de Janeiro deste anno o Eminent Secretary of Estado dos Estados Unidos. Mr. Hughes, traçou a figura de Santander nos sobrios traços que seguem: "Em uma época em que o processo do governo republicano se achava ainda em oração de formação, Santander fez compreender ao seu povo a importância de formar um governo de leis e não de homens, e foi devido ao seu trabalho infatigável que se largaram os cimentos dessas garantias de liberdade pessoal nas instituições de justiça, sobre as quais deve descansar, infalivelmente, a grandeza de vosso paiz. A lição que ele ensinou é a que o mundo ainda precisa. E, porque não se limitou a ensinal-a, mas também consagrou a sua vida ao estabelecimento dos princípios essenciais da liberdade, rendemos altas honras ao seu nome e compartilhamos comovidos do orgulho que tendes da sua obra."

Na guerra da Independência colombiana assinalaram-se muitos guerreiros. Basta lembrar em Cordoba, o herói de Ayacucho, elevado a general por Sucre, no campo de batalha. Santander foi também guerreiro e um dos principais estrategistas de seu tempo na América. Mas não são precisamente as glórias militares que nos empolgam, na Colômbia. Nossos militares, desde Santander até o actual presidente da República, engenheiros militares, são, antes de tudo, homens civis que estudaram em universidades nacionais ou estrangeiras. Desde tempos immemoriais o povo colombiano repete esta trova:

En Colombia, que es la tierra
de la cosas singulares,
nos dan paz los militares
Y los civiles dan guerra.

Se Santander não tivesse sido o estadista que praticou o princípio por elle formulado e seguido (as armas vos deram independencia, as leis vos darão liberdade,) citado por Mr. Hughes; se não tivesse sido o estadista que, depois dos combates, e ainda no meio da guerra, fundou colégios e estableceu as bases da administração pública, não seria o varão exímio e a figura representativa da pátria que edificou e educou para a vida republicana.

Mas, dirá o leitor, porque escreve agora este colombiano, a respeito do livro de Abreu e Lima, quando se abstive de julgar a ser publicada? Responderé simplesmente; porque o livro do procere pernambucano influiu seu duvida, no juizo que um escritor brasileiro estampou acerca de Santander, juizo synthetico, no qual, sem attenuações de especie alguma, nega-se toda virtude e todo mérito ao homem eleito pela Colômbia para representá-la em effigie no recinto da União Pan-americana de Washington. Na serie de artigos, de amena leitura, que vem publicando o "Imparcial" sob a epígrafe "Do meu balcão sobre os Andes", um escritor, que assinala as suas crónicas em Santa Fé de Bogotá, o Snr. Anthero Gama, pseudónimo de um illustre brasileiro, diz, o seguinte, na crónica intitulada "Pernambucanos na Colômbia": "Abreu e Lima fez toda a campanha da independência colombiana. Mereceu de Bolívar o epitheto honroso de "el guapo, el valiente". Gozou da confiança de varios chefes, como Paez, Soubllette, Santander. Deste ultimo foi amigo íntimo, escreveu-lhe numerosas cartas que estão reproduzidas no "Archivo Santander", mas depois reformou o juizo sobre esse caudilho, formulou-lhe graves acusações. (1) Por isso os historiadores amigos de Santander consideram-nos nosso patrício, um "vil aventureiro miserável discolo, apostata e traidor". Em compensação todos quanto francamente estudaram a personalidade de Francisco de Paula Santander, são unanimes em imputar-lhe felonias

Gustavo BARROSO

inhonestidades. O antigo vice-presidente da Nova-Granada, de facto, é por muitos considerado um baixo demagogo, e por duas vezes tentou assassinar o mesmo Bolívar tralhadoramente, desmentindo a confiança que lhe dispensava, de boa fé, o insigne chefe. De modo que os detractores do nosso Abreu e Lima estão caracterizados e conhecidos; são os endeuadores desse verdadeiro díctolo que se chamou Santander; não merecem maior atenção". (2) Chamo a atenção que o Sr. Anthero Gama, teria formado um juizo tão pouco benevolo sobre os feitos e os méritos de Santander. Verdade é que muitos dos detractores do Homem das Leis, de evidente parcialidade, têm repetido as acusações violentas que lançaram contra elle os amigos das ditaduras e mesmo das tiranias, em tempos passados, quando o processo se achava vencido o prisioneiro, por ter defendido a constituição e as prerrogativas do regime civil. Posteriormente, essa escola chamada "cesarismo democrático" por um dos seus corypheus, repele pela boca de seus escritores, as acusações que se fizeram em 1828 contra Santander por se ter oposto à dictadura bolliviana. E' certo, também, que o mais grave e ilustrado dos escritores venezuelanos, Gil Fortoul, defendeu Santander, de que apareceram até hoje 17 grossos volumes — provavelmente não estudados pelo Sr. Gama, — contribuiu para que se analysasse e ponderasse qualificasse em seu genuino valor os feitos e a conduta de Santander em relação aos actos diktatorias de Bolívar. Para o autor destas linhas, o homem, chamado por autonomia, o Libertador, é um dos genios mais extraordinários que tem toda a humanidade, o que não impede todavia que no quadro da historia, que é e só devo ser mestre de justiça e lampada de verdade, se defenda com consciencia o Homem das Leis, a quem o próprio Bolívar dizia desde o Peru: "O exercito, no campo, e V. Ex., na administração, são os autores da existência da liberdade da Colômbia. O primeiro deu vida ao sólo dos seus pais e dos seus filhos, e V. Ex. a liberdade por que fez imperar as leis no meio do ruido das armas e das cadelas. Resouve V. Ex. o mais sublime problema da política se um escravo pode ser livre. V. Ex. merece, pois, a gratidão da Colômbia e do gênero humano. Aceite a minha como soldado e como cidadão" (Arquivo Santander, tomo XIII pag. 27) Não me é possível em tão curto artigo demonstrar suficientemente quanto apaixonado e leviano é o julgo que, em tom dogmatico, nos dá o procere colombano o Sr. Gama. Tentalo-hel, todavia.

O "baixo demagogo" ao qual se refere o Sr. Gama, exerceu o Governo da Colômbia durante os nove ultimos annos da guerra de independencia. Seu temperamento severo, que chegou a actos de uma rigidez apenas perdurable nas circunstancias anomárias da guerra, carecia dos impulsos e das aptidões do demagogo. Muito o contrario foi o grave estatista e militar; carácter frio, previdente, ini-

(1) E' aventureado afirmar que Abreu e Lima tivesse sido amigo íntimo de Santander. Na carta daquele para este, datada de 5 de Janeiro de 1822 queixa-se de que o estadista não respondeu às suas repetidas missivas, do que o vice-presidente da Colômbia "nem s'quer lhe mande lembrâncias em algumas de suas cartas ao General Páes e Souquette". Na mesma carta lhe pede um serviço que fora difícil a Santander fazer naquele momento. "Por Deus, meu General, termina Abreu e Lima, escreva-me e diga-me algo". Em carta de 14 de Abril do mesmo anno o procere pernambucano mostrase muito grato ao grande republicano. Sem dúvida, Santander tinha acolhido favoravelmente o seu pedido. "Os qualates de sua amizade, diz elle, estão a prova de toque". Na carta de 7 de Julho, do sitio de Maracaibo, accusa-lhe o recebimento dos documentos nos quais Abreu e Lima funda o seu pedido. Na de 14 de Junho de 1823, conta-lhe que ao imperio do Brasil se deu uma constituição e finalmente solicita que o nomeie Secretario da Legação que a Colômbia deve enviar ao Rio de Janeiro. Estas cartas que o auctor leu, em seus originais, foram algumas respondidas por Santander. Mas este não deixou cópias das respostas no seu arquivo. (V. Arquivo Santander, tomo V a X inclusa).

(2) — Ignoro em absoluto se na Colômbia se escreveu alguma causa contra Abreu e Lima. O que posso assegurar, sem temer nenhum equívoco, — é que nenhum escritor de mérito no meu paiz, se atreverá a chamar de "vil aventureiro" a quem nos levou o concurso de seu valor na guerra de Independencia. Sou levado a crer que o Sr. Gama exagera demasiado.

O LIBERTADOR

O libertador sente o Universo em si. Para elle tudo é imagem e a função essencial do espírito humano é a função estética. Este poder de transfigurar é a essencia da arte. Tudo se transfigura e em cada transfiguração ha uma imagem que muda. A imagem que passa chama a que ha de vir. Este perpetuo fieri de imagens é a suprema estética. O movimento é eterno. Nada é estático e tudo é extase. O pantheismo é emanente e não transcendente. A transfiguração é a causa e o fim; é o universo inatingível. Explica-nos a nós mesmos e conserva o nosso perpetuo mistério. É uma divina ilusão. O abysmo está em cima, no alto, e o Ser sobe, perde-se, transfigura-se. Sente a Unidade absoluta; é a imagem. E' o maximo da ascenção. E' a beatitude além da alegria. E' o extase além da imagem. E' a transfiguração que se detém. Eternidade. Recomeça a descensão, e a imagem renasce. Multiplica-se a transfiguração, prodigam-se os extases, a vida define-se, o absoluto explica-se, a Unidade desune-se. E' a volta à ansia da fusão do ser no Todo infinito. A ascensão recomeça. Tudo se transforma. Tudo é imagem. Transfiguração, perpetuo jogo estético do Universo, e que se transporta ao infinito espiritual. A alma transporta-se e é o extase. O Homem imagina-se, é o Idéa. A Dôr transfigura-se, é a Illusão. O Amor realiza-se, é a Magia. A Vida exalta-se, é a Alegria.

GRAÇA ARANHA.

migo das exhibições: orador de raciocínios commedidos, desdenhara as metaphoras deslumbrantes; n'uma das suas cartas a Bolívar, censura, entre zombarias e verdades, o uso de imagens estupendas, com as quais o insigne herói revestia os seus discursos. No discurso que proferiu recentemente em Washington o Ministro da Colômbia, antigo Ministro do Exterior, Dr. Olaya Herrera, disse ao esboçar a figura de Santander: "Serva ao povo, mas não o lisonjeava. Era um servido desinteressado da democracia, mas o seu temperamento e o seu carácter sempre o deixavam longe de toda inspiração demagogica. Sua constituição espiritual mostra-o, na guerra como na paz, com o aspecto da mais perfeita austeridade. Suas mensagens são paixões de estado: nunca falhos de entusiasmo, que é o dom das convicções profundas e sinceras, animados porém pelo raciocínio e pela analyse, sobre as quais fundava os actos de sua vida e os conselhos ao seu povo. Tinha a dignidade do mandatário que representa a magestade nacional e a modestia de quem sabe que um cidadão colocado nos altos postos do governo, é mero servidor da liberdade do seu paiz. Teve sempre ante os olhos as responsabilidades históricas, e nos mais graves conflitos possuía todo o valor civil necessário para assumir-las. Apertava para julgar os seus actos as almas que contra elle usava a paixão, mas a lisonja não mesclou o ouro finíssimo de sua idiosyncrasia".

O homem das Leis

Durante o tempo que exerceu o governo, Santander esforçou-se por merecer, antes de tudo, o nome de legislador conscientioso, que respeita as normas constitucionais e somente às leis attende. Se Bolívar era o Herói, o caudilho dos impossíveis, Santander também possuía uma ambição de gloria: a de organizador da liberdade. Alguns lances de sua vida darão uma clara idéa do seu temperamento legalista. Nunca quiz perseguir a livre manifestação do pensamento. Foi esta decisão inquebrantável de seu procedimento como governante um dos motivos de suas desavenças com Bolívar. Santander acreditava, com toda sinceridade, que não seria precisamente a glória militar, e ainda menos as ditaduras, que fariam respeitadas as novas repúblicas, mas sim o exercício contínuo e sereno da Lei dentro da Liberdade. Comprehendia isto com perfeita clarividência; sabia que os espíritos selectos do velho e do novo mundo esperavam isso das democracias que iam surgindo na América. Se Bolívar via longe, não menos vasta era a visão de Santander. "Sou amigo das leis por convicção e sustental-as-hei como cidadão; sou militar e devo sustentá-las nessa qualidade", — dizia a Bolívar, — "sou o primeiro magistrado da República e é meu dever morrer na luta, defendendo o regime constitucional." Era um demagogo quem fazia assim em princípios do século XIX? Os jornais de Cartagena e de outras cidades atacavam-no sem treguas, no momento em que a República levava suas armas triunfantes até o Peru. Santander nunca pensou em suspender esses jornais. Parecia-lhe útil que, embora erradamente se exercesse o pensamento em toda liberdade. Um rasgo verdadeiramente typico pinta esse respeito pela liberdade que era um princípio fundamental do grande republicano: ao sahir do palacio do Governo encontrou ele, pregado

á porta, um libello impresso. Leu-o. Tudo era contra elle. Tomando o seu lapis, o procere escreveu simplesmente, em baldo da folha: — "inteirado. Santander." Tal era o baixo demagogo. Sendo presidente da Nova Colômbia, em 1839, Santander não occultou a sua sympathia por José Maria Obando, que disputava a primeira magistratura a José Ignacio de Marquez. Mas não interveu em absoluto nas eleições. A prova disso foi cabar: Marquez foi eleito. Demagogo quem, já em 1839, dava semelhante exemplo às democracias americanas? Uma vida tão intensa, uma personalidade tão relevante, teve, — e ainda os tem, — inimigos irreconciliáveis. Ha espíritos ingenuos que estão convencidos de que, denegrindo Santander, vão sentar-se ao lado de Bolívar nos Campos Elyseos. Desde 1830 até nossos dias alguns dos panegyristas de Bolívar procuraram escurecer a figura do Homem das Leis, único grande adversário que nas horas de desastrosa ditadura do genial caraqueno, podia medir suas forças com a fulgurante figura de Bolívar. O triumpho momentâneo foi para o Libertador. Mas a vitória definitiva foi para os vencidos. As ditaduras não fundam nada de estavel. São monumentos de barro que o sopro do tempo desfaz. A História collocar-se-ha, — se já não está collocada, — ao lado daquelas que, como Santander, só confiam na Lei posta ao serviço da democracia. Certos escritores para quem Bolívar é um semideus, (eu o admiro como poucos entre os heróis) querem a todo transe oferecer-lhe uma vítima em seus altares, a mais augusta, a que representa o genio cívico, o homem que não se deixou perturbar pelos esplendores da glória militar, mas sim a luz serena da República, assentada em bases de justiça. E um escritor brasileiro que sem dúvida, terá tido o tempo suficiente de estudar a vida de Santander, chamou-o de "baixo demagogo." Exactamente o contrário é que elle foi: um homem de governo, um severo republicano. "Em Santander, disse L. Garcia Ortiz, ex-ministro do Exterior e historiador distinto, a arte do governo, os dotes de comando foram ingenitos. No anno de 1866 dizia em Pariz o Príncipe Pedro Bonaparte ao nosso Ministro plenipotenciário, Don Manoel Maria Mosquera e ao seu Secretario Don Aníbal Galindo: — "Conheci todas as Magestades da Europa e posso lhes assegurar que não conheci ninguém em que a natureza tenha impresso com caracteres mais fortes o dom de mando do que no general Santander."

Attentado contra Bolívar

"Por duas vezes, diz Anthero Gama, tentou (Santander) assassinar o mesmo Bolívar traíçoeiramente, desmentindo a confiança que lhe dispensava, de boa fé, o insigne chefe" Assim se escreve a história. Ninguém ignora na Colômbia que Santander salvou uma vez Bolívar de ser ferido, talvez assassinado, ao sahir de uma festa pública. Na conspiração de 25 de Setembro de 1828, quando se achava deposto do mando pela ditadura, foi julgado e absolvido da acusação que, naturalmente, os seus inimigos se empenharam em fazer. Os conspiradores da "nefanda noite setembrina", que foram numerosos, nunca accusaram Santander como cúmplice do attentado. Na "representação" que o famoso procere dirigiu da fortaleza de Bocachina a

Bolívar. Santander escreveu: "Aos olhos da paixão dada a todos os meus padecimentos para tão pequenos, ao falso de consciência de que devia perder a vida como grande criminoso, dado elleg, devo ainda soffrir mais. Preceito de examinar se esta maneira de pensar offende a razão. E como é que ultraja a philosophia? limito-me a dizer que nem o testemunho de minha consciência, "nem o processo formado contra mim, me coloca no numero dos criminosos. Não fui conspirador; não dirigi, acordei hei, auxiliado ou executado a conspiração de 25 de Setembro; e reprovei o projecto logo que o conheci no seu inicio; procure, afastal-o, dissuadindo aquelles que eu sabia adoptal-o; ignorei o que ia acontecer em 25 de Setembro; e emfim é isto que me enche de satisfação e de gloria: salvei a vida de V. Ex. do punhal fatídico dos conspiradores; não consta isso tudo do processo?" Houve por acaso contra esses factos notórios outra causa além de declarações infundidas, conjecturas devesas e miseráveis referencias, nascidas do espírito partidário? Pois se tudo é assim como demonstra o processo, se não há delito senão onde há vontade deliberada de quebrantar a lei; porque hei de me julgar criminoso e merecedor das penas que padeço? E mais adante, no mesmo memorial, acrescenta o grande virtuoso, como pura recordar Bolívar, prepotente Dicador, as razões de suas desavenças: "Magistrado supremo, fui independente nas minhas opiniões e constantemente guulado pela lealdade à mais firme, porque a "verdadeira lealdade," segundo um profundo philosopho, "é uma firme e leal adhesão à constituição e às leis da sociedade de se que se faz parte." Assim reafirmava Santander da prisão, os princípios que tinha sustentado desde o começo. Se um homem que assim procedia e assim se expressava não

teria um grande carácter, que o Sr. Gama nos mostre um outro que lhe seja superior na América para se lhe preste homenagem. Po-

PASCAL E ESCHYLO

Porque Pascal nos faz pensar em Eschylo? Porque a palavra trágica se nos apresenta para qualificar a poesia pascaliana? E porque temos a impressão que Eschylo no *Prometheu encadeado* nos deu o poema do Homem, tal qual devia ser feito por um grego dos tempos heroicos e Pascal o poema do Homem, como deveria ser feito por um cristão, que era ao mesmo tempo uma natureza aspera e viril? Porque temos a impressão que, de modos diferentes, Eschylo e Pascal nos deram o mesmo poema: o poema da humanidade esmagada?

GABRIEL BRUNET.

deria citar numerosos testemunhos e documentos para defender o organizador das vitórias da Independência da acusação que

um nome levianamente lhe dirige o escritor brasileiro. Mas não os tenho em mãos. Bistam as seguintes linhas da *História do Colômbia*, por Llenao o Arrubla, obra coroada pelo Governo da República: "O general Santander foi julgado e sentenciado à morte como responsável na conspiração, mas apesar de suas ideias políticas e de sua oposição firme e franca à ditadura, nunca se comprometeu a sua participação no attentado" (ib. e. Pag. 394, t. 11-1-1912). Como defensor da Constituição, nosso herói não podia ser partidário da ditadura exercida por Bolívar. Disso não se pode deduzir com boa lógica que aprovasse um atentado contra a vida do Libertador, que Santander admirava com a convicção que os grandes caracteres sentem pelo gênio. Quando um dia de 1831 chegou ao desterrado a infâsta notícia da morte de Bolívar, um servidor do proscripto pensou dar-lhe uma boa nova no communhur-lhe o fim do grande homem. Santander, levantando-se de sua cadeira, indignado, fez cair o imprudente, e, em mudo colloquio consigo mesmo, chorou o desaparecimento daquele imortal entre os mortais. E' causa facil negar-se os méritos e as virtudes de um varão extraordinário. Bastam umas poucas palavras. Ao contrário, para fazer-se a defesa do mesmo homem é preciso mais tempo e mais estudo.

"A virtude dos homens públicos, escreveu Santander, é uma propriedade da história imparcial." Mas é indispensável d'go eu, que se conheça essa vida em cada caso; examinar a fundo os factos e proceder com muito cuidado quando se as conhece apenas por ouvir dizer.

Max GRILLO

MARCEL PROUST E GOMEZ DE LA SERNA

Um critico madrilheno, Ballesteros de ultimo terço do seculo XIX, misturada porém com o puro humorismo espanhol e a própria ironia exótica.

Enquanto Proust pôde agradar ou não, sem alternativa, segundo o gosto dos leitores, Gómez de la Serna agrada e desagrada, maravilha e irrita, atrae e repelle ao mesmo tempo. Proust produz uma só emoção e uma só sensação; de la Serna produz as mais variadas e contraditorias emoções, comprazendo-se em divertir-se com a paciencia e a serenidade do leitor. Ao meio de uma coisa seria põe uma brincadeira, uma insensatez ou um gracejo, acaba-se sem saber se está caçoando ou falando a sério.

Para elle não existe mais do que um respeito "sui generis, para o seu uso pessoal. Deforma tudo. As noções normaes do gosto da propriedade, da seriedade, as leis da arte reputadas intangíveis, não as leva em conta. Substitue tudo isso por outras coisas, vindas do capricho do seu humor, do seu temperamento e da sua vontade.

Proust é um escritor homogêneo; Gómez de la Serna é difícil de julgar, não faz romances sobre este ou aquelle modelo; é um escritor personalissimo, de um valor literário positivo, ainda que discutivel.

Tambem, no que diz respeito aos estilos, ha diferenças radicais. Enquanto Proust é respeitoso para a sua língua, parece que de la Serna é que inventa a delle.

Apesar de tantas e tão grandes diferenças espirituais, é incontestavel que ambos são grandes renovadores das normas e dos valores das respectivas literaturas.

Carlo BOSLELI

EMERIC MADÁCK

Neste anno de centenarios litterarios, celebrou a Hungria o de Emeric Madáck, uma das figuras mais insignes de sua literatura, e cujo nome é glorioso em toda a Europa. Nasceu em 21 de Janeiro de 1823, em Also-Sztrekova, de uma família de antiga nobreza e, tendo perdido seu pai muito cedo, foi sua mãe, mulher de grande espirito, que se ocupou com a sua educação. Depois de seus estudos básicos, feitos no proprio castello de Also-Sztrekova, fez o seu curso na Universidade du Port, revelando-se logo um nacionalista exaltado, recusando todos os empregos publicos, por se bater contra a oppressão austriaca. Foi em 1840, que publicou, numa edição para amigos, o seu primeiro livro *Lontirágok*, tendo, por esse tempo, produzido varios trabalhos litterarios e estheticos, feito versos e discursos e scripto, sob pseudonymo, em varios jornais hungares. Quando da revolução de 1848, embora uma grave doença o impedissem de tomar papel saliente no movimento de libertação, acompanhou-o com frenético entusiasmo, tendo sido mesmo preso, por um anno, por ter assinado um prescripto. Sahindo da prisão, em 1853, em golpe terrível quasi o annihiou: a sua mulher abandonará os filhos, fugindo com um sedutor. A custo reequilibrado, dedicou-se a estudos de philosophia e de historia, escrevendo a *Tragedia do Homem*, terminada em 1860, que é a sua obra prima. Foi eleito deputado e na Dieta hungara seus discursos fizeram o maior sucesso, revelando-o, por assim dizer. Varias sociedades litterarias o chamaram a seu seio e foi a época do seu apogeo. Mal o gozou, pois em 5 de Outubro de 1864 morreu, de uma molestia de coração. Escreveu uma tragédia — *Moysés* e um fragmento *Tundérálm* (*Sonho de Fada*), afira poesias líricas e satyricas. A *Tragedia do Homem* foi recentemente traduzida para o francês pelo Sr. Ch. de Bigault de Casanova, que, sobre ella, assim se manifesta: "Acreditámos que nunca a eterna queixa do homem vibrou com acentos mais plangentes, do que sob a forma impersonal, de que damos aqui a tradução. Sente que o seu autor a escreveu com as lagrimas e o sangue do proprio coração. Ademais, o grito de angustia que se escuta ininterruptamente dessas duzentas paginas responde tanto mais profundamente quanto o poeta abstrae completamente a sua individualidade, assimilando no mais íntimo os sentimentos egoistas e nacionais: por isso a obra pessimista de Madáck é unica na literatura hungara, e talvez o seja também na literatura universal."

A SALVAÇÃO DE FAUSTO

O Sr. Renato Almeida publicou sobre o *Fausto* um livro de feitio pouco vulgar em nossas letras: eruditó, conscientioso, completo e bem ordenado. Commentou ahí toda a fragmentaria, diffusa e, no entanto, possante tragedia goetheana; e, para fio conductor atravez dessa brenha espessa, tomou a ideia da salvação de Fausto, desenvolvendo-a e alargando-a numa theoria geral do Destino Humano. Desta sorte ostenta o seu commentario a cupula de uma ampla significação philosophica ao mesmo tempo que se firma sobre os alicerces de um minucioso trabalho de exegese litteraria. Neste ultimo aspecto, e mcsmo para os leitores familiarisados com os processos dos glosadores e dos criticos do 1º e do 2º *Fausto*, dos *Fragmentos* de 1890, e do *Urfauast* achado em 1887 por Erich Schmidt entre os papeis de Luisa Gräschhausen, apresenta este livro do Sr. Renato Almeida explicações elucidativas, como por exemplo, a interpretação subjectiva das Madres — quebracabeças de tanto Eckermann imprudente —, e a interpretação Spinosista da palavra "acção" na celebre paraphrase ao Evangelho de São João no monólogo do 1º acto. — Não vou agora empenhar-me na obra subtil e improficia de commentar este commentario. Quero apenas servir-me da oportunidade da sua publicação para conversar com o seu Autor e os seus leitores sobre o problema do Destino e sobre as razões que podem justificar a salvação final de Fausto, encarado a um tempo como individuo e como symbolo representativo da creatura humana em geral.

§ I

Creio que foi Th. Jouffroy nas suas *Mélanges philosophiques* e no seu *Cours de Droit Naturel* o philosopho que com mais vivacidade, mais calor, ao mesmo tempo que com mais exactidão ordenou os termos essenciaes desse problema do destino que angustiosamente tem atormentado tantas gerações de homens de espirito inquieto e de coração affectivo. Elle minudamente analysou os motivos que levam o homem a interrogar o universo em busca da resposta que lhe dê a chave do enigma da sua vinda ao mundo, e enumerou os factos que impõem ao homem a duvida dessa pergunta e a ansia por uma solução que lhe assegure para sempre a alma inquieta. Effectivamente, os prazeres que o homem persegue com tanto ardor na esperança de obter com elles essa felicidade constante cuja sede o aguilhôa; mal alcançados se dissipam em fumaça deixando-lhe apenas na boca aquelle saibo amargo de cinza a que se referem as Escripturas. Si desilludido dessa perseguição elle se afasta das cidades tumultuosas onde vive e busca um allívio no espectáculo da natureza, esta lhe accresce o tormento, porque ante a grandeza das montanhas, a largura dos valles, a profundezia insondavel do céo, a multiplicidade infinita dos astros, o homem se sente de uma pequenez miserável e lhe parece que a sua vida, as suas paixões, as suas preoccupações são mesquinhias e insignificativas no meio desse círculo descomunal de cousas grandes. Si horrorizado por essa contemplação o homem move os olhos para os seus semelhantes não acha melhor consolo: a historia mostra-lhe uma sucessão intermina de gerações humanas que desde a noite dos tempos até a era actual avançam umas atraz das outras, agitam-se por um minuto sobre uma pequena superficie da terra e logo se abatem, calcadas pelas gerações que lhes sobrevêm no encalço, e se desfazem successivamente no esquecimento — até á presente geração que se agita no minuto presente e já começa a ceder o espaço onde pisa á geração que lhe ha de suceder... E si consultar ainda a biologia e a geologia verá o mesmo espectáculo em ponto maior e repetirá a mesma pergunta desolada, porque as raças animaes, como os povos, se sucederam sobre a terra, e antes dellas desfilaram as especies da fauna e da flora nos grandes periodos geologicos que precederam á vinha do homem; e as camadas mesmo dessa terra sobre a qual a vida surgiu e prolifera-se superpuzeram umas ás outras, e dessas revolu-

cões enormes, de que o homem apenas pode conceber uma ideia imprecisa, quasi não restam vestigios, e espécies e raças e famílias inteiras vicejaram e desapareceram sem deixar siquer memoria de sua passagem sobre a terra... Nessa transitoriedade universal que vale o homem, para que vive, que destino tem, si é que tem algum?

A essa pergunta ansiosa differente respostas têm sido formuladas pelos homens em todas as epochas da civilisação, competindo os philosophos com os theologos e os scientistas no esforço para estancarem, no manancial das suas doutrinas, a sede espiritual de certeza que afflige tantos corações. O Sr. Renato Almeida, sempre bem informado, recordou, no ultimo capítulo do seu livro, as principais dessas soluções resumindo-as ás vezes com exactidão e elegancia.

Essas theorias philosophicas sobre o destino do homem podem ser agrupadas, *gross modo*, em duas vastas categorias: as doutrinas mecanistas e as doutrinas finalistas.

Para os mecanistas o universo é o efecto necessário de uma Causa Primeira, espirito, materia, ou incognita que transcende dos limites do nosso conhecimento, efecto que se desenvolve em virtude da impulsão inicial sem plano preconcebido, sem fim previamen'te visado; o homem, nessa evolução do universo, é um efecto, um objecto contingente como os demais que o cercam, e o seu destino, como o dos animaes e das plantas com os quaeas convive, é unicamente satisfazér as tendencias diversas do seu organismo de accordo com as leis do meio physico e social onde vive. A sua felicidade é satisfazer aquellas de suas tendencias que lhe proporcionam prazer maior e mais duradouro, isto é, que lhe permittem viver sadio e respeitado entre os seus semelhantes; e o facto de sentir elle tendencias para realizar determinadas acções significa unicamente que o seu organismo vive e nunca que o seu destino seja satisfazer *necessariamente* essas tendencias ou que não as podendo satisfazer, por ser contrariado pelos outros homens, pelas molestias, pela morte, pelos limites dos seus sentidos, e do mundo em que vive, lhe seja concedida uma vida supplementar na qual ellas sejam então plenamente satisfeitas. Os homens desejam porque tem sentidos, intelligencia, imaginação; mas disso não se pôde deduzir que haja necessariamente no mundo objectos correspondentes exactamente a todos os desejos humanos nem que os homens só sintam desejos para se apropriarem effectivamente dos objectos de seus desejos. Viver satisfazendo, no logar e no tempo em que vive, as tendencias do seu organismo e, si for obstante nisso, remover os obstaculos ou, não o podendo, contentar-se com o que lhe é dado alcançar, e esperar, o mais sozegada e alegramente que puder, a morte inevitável, é no que se resume, para os mecanistas, todo o Destino do Homem — consequencia logica da sua propria natureza e não desempenho de alguma ordem superior e alheia a elle.

Para os finalistas o universo é a criação de um Ser Supremo, materia ou espirito, que nós podemos conhecer ou que jámais conheceremos, mas não é uma criação *necessaria*, resulta de um acto voluntario do Ser Supremo que o executou para dar existencia a uma obra de arte ou de mecanica, ou, quando menos, a um brinquedo, um espectáculo em summa, para a sua vista ou um campo de experiencias para a sua curiosidade. Assim sendo cada cosa existente no universo poderia não existir; si existe é porque delihrou creal-a o Ser Supremo e como este, como ser absolutamente intelligent e poderoso que é, tem sempre um objectivo em mira quando age, cada cosa que existe foi creada para attingir determinado fim, previsto pelo Creator, e é dotada dos meios requeridos para poder alcançar esse fim. Portanto, si o melão tem gomos, é para ser partido e comido em familia; si a espuma do mar é branca é para que de longe os marinheiros a avistem destacada sobre o dorso negro dos escolhos; si a pulga é parda é para que os homens facilmente a possam descobrir sobre a alvura da pelle

A REDEMPÇÃO DE FAUSTO

A vida de Fausto for obra da regeneração, não inconsciente, como poderia parecer aos menos avisados, mas effectiva, porque sempre que o demonio tentava desvial-o do caminho recto para invios atalhos, recusava com repugnancia e horror. Fausto venceu a razão com a propria razão, conseguindo conhecer seu diabo e evitá-lo. O passeio na caverna de Auerbach, a noite a cosinha da Feiticeira e a noite de Walpurgis não conseguiram, na fascinação reluzente e suggestiva de seus motivos, seduzir-lhe o espirito, avido pelo mais alto e mais perfeito. Seu desejo foi a sabedoria, ou seja chegar ate o Eterno: pela razão, como doulor; pelo sentimento, como amoroso; pela belleza, como contemplativo; pelo trabalho, como governante. A posse da verdade, do amor, do rythmo, ou da felicidade, foram as etapas, pelas quaeas pro-euro Deus, no universo immenso. Seu estorço foi sublime, sua aragem grandiosa de fe, de fé no destino da creatura, por mais que a vida lhe seja hostil e precario o seu ser na terra. A ventura a mejada, não era o prazer, era a perieigão, que é Deus. Mas a creação para ser fecunda precisa elevar o homem e colocal-o em sympathia com os similares. Portanto é obra de amor. *In Anfang war die Tat.* A criação foi um acto de amor e a vida seu reflexo, ligando os homens entre si e levando-os até Deus. So o amor explica o universo, só elle nos revela essa intelligencia superior que tudo crê e essa vontade suprema que tudo quer, só elle nos justifica, elle é o começo e o fim da existencia, como emanção inefável de Deus.

RENATO ALMEIDA.

ou das roupas; e si os homens sentem determinados desejos é para que os satisfaçam alcançando os objectos que os despertam. Esses objectos existem e podem ser alcançados pelos homens, porque resultando tudo da criação voluntaria e perfeita do Ser Supremo este não iria criar os homens com desejos por determinados objectos si corretamente não crasse tais objectos destinados a serem atingidos pelos homens que o desejam e não desse aos homens os meios efficazes para os alcançarem. Si o homem procura a felicidade perenne é porque ella existe, si elle tem horror á morte é porque é immortal, e si morre, apesar disso, é porque essa morte é apenas apparente e o seu Eu subsiste em uma vida ulterior e perfeita... Desta sorte, apesar de todos os soffrimentos que o atormentam e de todos os mysterios que o cercam, o homem, creatura de um Deus previdente, sorri ao seu destino que, atravez de todos os óbices, elle prevê e está seguro de alcançar: a eterna felicidade.

Aqui, por maior que seja o meu empenho de ser breve e claro, não posso deixar de notar que as doutrinas finalistas se repartem em varias modalidades discordantes entre si a respeito do modo pelo qual o homem cumple o seu destino e sobre a natureza mesma dessa felicidade perfeita ou beatitude a que elle está destinado. E assim que para alguns philosophos a vontade de Deus é que conduz o homem ao seu destino e para outros Deus apenas lhe dá a liberdade e os meios de se salvar; para uns todos os homens alcançam a Beatitude, mas para outros só a alcançam alguns, aquelles que a mereceram por suas virtudes ou a ganharam por uma Graça arbitrarria de Deus; para uns ainda o destino do homem se cumpre todo neste mundo na vida presente, enquanto para outros elle se perfaz em vidas successivas, neste ou noutras mun-

dos, ou em Paraíso Supraterrenos; enfim, para uns a beatitude a que se destina o homem é a satisfação das suas tendências em uma vida pessoal e consciente posto que eterna e suprasensível, enquanto que para outros essa beatitude é a confusão da individualidade com o Creador, ou é mesmo a desagregação, a aniquilação definitiva da individualidade...

Receio muito que por amor à brevidade eu me tenha tornado obscuro, e que tendo encantado às pressas e um pouco brutalmente — as numerosas e matusadas teorias sobre o destino humano nesses dois compartimentos do mecanismo e do finalismo, estreitos demais para essa multidão pullulante, eu as tenha inadvertidamente deformado ou truncado. Essa minha insuficiência, aliás, pouco importa agora; não estou fazendo um curso sobre o problema do destino; quiz apenas lembrar as suas diversas soluções para resumir a questão no seu estado actual — e eterno — e indicar as diferentes estradas que se abrem diante do espírito curioso que se dispõe a viajar nesse paiz. Quanto ao resto, e como se usa dizer em estylo forense, invoco os auros supplementos do benevolo leitor.

Interessado pelo problema do destino de fronte as variadas soluções propostas pelos philosophos de toda especie, o Sr. Renato Almeida, orientado pelo seu temperamento affectivo, inquieto, squioso de certeza, escolheu uma das teorias finalistas e homologou-a no seu livro. É uma fatalidade inherente á imperfeição do nosso organismo; as nossas ideias se tingem com a cor das nossas sensações e muitas vezes a escolha dc um thema de estudo implica a direcção em determinado sentido desse estudo. "Il avait un besoin passionné de connaitre la destinée de l'homme; — il établit comme axiome que tout être a une destinée et de là il dérive le reste". (Taine — L'philosophes Classiques — p. 265). O que disse Taine de Jouffroy applica-se ao caso vertente...

Não juro (Não jurárs, S. Matheus, V, 34) que a doutrina adoptada pelo Sr. Renato Almeida seja a católica ortodoxa; e, de resto, não me parece que elle, no encontro das opiniões que refere, se tenha ocupado a definir e estabelecer muito claramente a sua; penso que elle não desdenharia de partilhar neste assumpto a opinião de Santo Thomaz de Aquino — combinando-a com a de Santo Agostinho; entretanto estimaria — para segurança do meu espírito — que mais de espaço elle se houvesse demorado a explicar as razões da sua preferencia.

Essas razões, si não as encontramos por elle expostas ex-cathedra, deparam-se-nos, comtudo, dispersas pelo livro e, sobretudo, nas críticas feitas pelo autor a diferentes doutrinas. E assim que, demorando-se particularmente no exame das teorias modernas concernentes ao destino humano, o Sr. Renato Almeida recusa sua adhesão á maioria delas: — ao materialismo porque lhe repugna dar á matéria vontade e consciência criadoras e porque a geração espontânea ainda não está provada; — ao positivismo porque este não responde á sua pergunta sobre a finalidade da vida e assegura mesmo que tal pergunta é ociosa por irresponsável; — ao néo-vitalismo e ao bergsonismo porque estas doutrinas subtils diluem na matéria e na "evolução criadora" as ideias de finalidade e consciência divina que lhes servem de fundamento... Desses teorias apenas uma agrada ao seu espírito prudente, é o pragmatismo de William James, que não affirma nem nega categoricamente a finalidade da existência humana, mas que aconselha a vida, a acção, a prática moral e, provisoriamente, sob beneficio de inventario, affirma certos axiomas convenientes para facilitar a cada homem a tarefa presente de viver e agir.

O Sr. Renato Almeida é francamente sympathico ao pragmatismo: "Na enorme crise presente que atravessa o mundo, escreve elle, caracterizada por um negativismo despótico e por uma anarchia verbal em que se pretende sujeitar a razão ao instinto, deprimente-se o sentimento para abolir a fé, o primeiro est, o que se há de fazer, para re-é ensinar a crença" (pag. 365) — Entretanto essa sua parada no pragmatismo inseguro e dubitativo é de curta duração. Se-

dento de certeza busca doutrinas mais afirmativas, e não encontrando satisfação nas respostas restrictas dos scientistas e hypotheticas dos philosophos entrega-se resolutamente ao instinto, ao sentimento para ouvir da religião, com o ouvidão da fé, a resposta absoluta que lhe contente definitivamente o espírito ansioso. — Creio que os seguintes períodos, recordados do seu livro, exprimem exactamente o seu pensamento: "No correr desorientado pela terra, escreve elle, procuramos um fim, mal suspeitado, em cuja intenção dirigimos a prece mais íntima do coração afflictio, no limite ultimo do conhecimento. Esse termo da intelligencia que, por força, ha de ser a causa universal, portanto Deus, constitue para o homem a tortura da sua razão..." (pag. 291) — "Fechemos os ouvidos aos philosophos e aos scientistas, certos de que pouco havemos de perder perdendo a sua sabedoria fragil, pretenciosa e ridícula, como aquelle homunculo de Wagner..." (pagina 294) — "A razão, o sentimento e o instinto, disputam-se como o meio mais perfeito de penetrar no supremo conhecimento, o qual permanece inacessível aos elementos de verificação que temos como realidade. O limite ultimo, só nos pode dar a fé, manifestação derradeira e suprema da psyché humana" (pag. 292) — "Nesse ponto a intuição de Sécrétan é profundamente humana e o mais certo meio da creatura humana chegar até Deus, como no symbolo de Fausto, é pela intelligencia tornando-se fé para sentir os primeiros principios. A impossibilidade da razão é que nos induz a procurar uma força mais alta que nos solicita, como inspiração divina e é o sentimento." (pag. 370). Porque — conclui elle, "na vida uma ideia se impõe á creatura como solicitação íntima de seu espírito e sua mais imperiosa necessidade — a ideia de Deus, causa causarum. Não é possível afastal-a por mais que a contingencia queira resolver a existencia e, se é HYPOTHESE, é a unica sobre a qual se pôde rasonavelmente construir o ser" (pag. 368). "Não abandono a HYPOTHESE salvadora cuja crença, afinal de contas, não trará mal maior" (pagina 293).

Em resumo, o Sr. Renato Almeida opina que o homem não é um mero acidente no universo e que a sua vida é o desenvolvimento dc um Destino concebido por Deus, porque ao seu coração generoso repugna acreditar que assim não seja e porque essa hypothese lhe parece a mais consoladora de todas. A sua attitudé é a mesma aconselhada por Pascal na sua conhecidissima teoria da apostila. O facto é que o seu temperamento que o levára a escolher esse problema do Destino para thema das suas cogitações já previamente, tambem, lhe ditára a solução a que haveria de chegar: a sua erudição só lhe trouxe argumentos para confirmal-o na acceptação do theorema que o seu sub-consciente formulára... "Tu ne me chercheras pas, si tu ne m'avais déjà trouvé"...

Posta nestes termos a questão evidencia-se a superfluidade de qualquer discussão puramente logica. A solução adoptada pelo Sr. Renato Almeida sobre o problema do destino não é uma theoría, é uma crença, não procede da razão, procede do coração e, para citar novamente Pascal, "le coeur a ses raisons que la raison ne connaît pas" e que, portanto, não podem ser discutidas só racionalmente. No seu modo ironico e sarcastico, o Sr. Renato haveria de superiormente rir-se do meu afan si eu me entretivesse aqui a alinhavar syllogismos frios e claros para demonstrar que a sua doutrina é ou não é logica. *Facilé et solus credimus quod volumus, redarguiria elle...* Porque, neste passo, a sua attitudé de intellectual, abrazado de fé e menosprezador da intelligencia, é a inversa exacta de de Santo Agostinho que, no dizer de Santo Anselmo, era, justamente, a fé tornando-se intelligencia, "*fides querens intellectum*", e que achava proveitoso esforçar-se por comprehendér e explicar os dogmas da sua fé. "*ut intelligamus quod credimus*"

Cumprementemos, pois, o Sr. Renato Almeida por ter alcançado em tão boa hora, segundo a estrada lisa da Fé, a certeza suprema que outros, caminhando por veredas mais asperas, levam tantos annos a procurar

e só alcançam tardivamente — como aquelle vigoroso Brunetière — quando a alcançam; — e antes que, excedido pelo meu nefario intellectualismo, elle me compare a Wagner, ao Homunculo, ao Bacharel presumido que "deante do diabo nelle não crê" (pag. 195); concordemos com elle que a fé, mais do que a dialectica, é a autoridade competente para decidir, sem recurso, esse litigio secular sobre o destino dos homens e sigamos em sua compagnia, atravez a "selva selvaggia" do drama goetheano, as pegadas do Doutor Fausto assim de verificarmos, no destino deste personagem, a comprovação e a pratica das doutrinas do Autor.

§ II

Não vamos aqui realizar a tarefa ingrata e esteril de autopsiar o Fausto e, comparando a nossa analyse à que nos apresentou o Sr. Renato Almeida, notar minuciosamente o que elle omittiu e o que elle ajuntou na sua descrição do personagem de Goethe.

Estando certo, como acabamos de ver, que cada homem, vindo ao mundo tem um destino definido a cumprir, que é tornar ao Deus que o criou (pag. 369), é natural que o Sr. Renato Almeida observasse á luz dessa philosophia a accão dramática do Fausto e só se deixasse impressionar pelos episódios do poema que confirmassem ou illustrassem a sua ideia. Como é sabido, nós só extrahimos de um livro o que lá previamente depositamos, isto é, em qualquer obra, — e melhor ainda numa obra, calotica, ampla, irregular e suggestiva como o Fausto, — nós só vemos, como nesse espelho magico da feitiçeria, a nossa propria imagem com feições alucinadas, quero dizer, os nossos desejos escondidos sob o aspecto dos objectos do mundo externo. Desta sorte, no Fausto, o Sr. Renato reconheceu o seu proprio espírito inquieto, ansioso, torturado pelo desejo de comprehender o absoluto, descrente das sciencias que só reclamam o contingente, acalentado pela ação que distráe o espírito na perseguição de um ideal, salvo, enfim, pela Fé religiosa que sossega o coração revelando-lhe Deus fim supremo e suprema aspiração do seu ser; — e no desenvolvimento do drama goethiano elle descobriu a comprovação da sua theoría da vida, pois — "a vida de Fausto, — escreveu — foi a obra da regeneração, não inconsciente, como poderia parecer aos menos avisados, mas efectiva, porque sempre que o demônio tentava desvia-lo do caminho recto para invios atalhos, recusava com repugnância e horror. Fausto venceu a razão pela propria razão, conseguindo conhecer o seu diabo e evitá-lo. O passeio na caverna de Auerbach, a ida á cosinha da Feiticeira e a noite de Walpurgis não conseguiram, na fascinação relusente e suggestiva de seus motivos, seduzir-lhe o espírito, avido pelo mais e mais perfeito. Seu desejo foi a sabedoria, ou seja chegar até o Eterno: pela razão, como doutor; pelo sentimento, como amoroso; pela belleza, como contemplativo; pelo trabalho, como governante. A posse da verdade, do amor, do rythmo, ou da felicidade, foram as etapas pelas quais procurou Deus, no universo immenso. Seu esforço foi sublime, sua accão grandiosa de fé, de fé no destino da creatura, por mais que a vida lhe seja hostil e precário o seu ser na terra. A ventura almejada não era o prazer, era a perfeição, que é Deus" (paginas 272-3).

Essa interpretação que nos deu da figura de Fausto o Sr. Renato Almeida é seguramente das mais nobres que se podem formular; eleva, consola, revigora o espírito de todos aqueles que se habituaram a mirar-se na obra de Goethe como num espelho e a afivelar ao proprio rosto a máscara de Fausto.

Que o Sr. Renato me perdoe, comtudo; apesar da sua capitosa dialectica não consegui ver o Fausto como no seu livro o mostra: um carácter de arestas definidas, uma alma forte (pag. 326) que, embora transviada algumas vezes, aspira sempre a elevados ideias e se esforça tenazmente por attingil-os (paginas 137, 372, e passim); ao contrario, elle continuou sempre a me parecer um carácter indeciso, quasi amorpho, débil e inquieto como o seu irmão Wetter, preoccupied comsigo

mesmo como o seu illustre progenitor, sempre insatisfeito porque os seus nervos são doentes e o seu espírito ávido pede ás cousas externas mais do que elles lhe podem dar, dominado sempre por sugestões estranhas, peteca de Mephistopheles que o leva para toda a parte, mesmo contra o gosto delle, falador e tagarela impenitente que nas occasões decisivas de sua vida, quando deve resolver e agir para demonstrar que é um homem e não um tiere, — abandonar Margarida ou casar-se com ella, por exemplo, buscar Helena, dirigir a batalha do Imperador, adquirir a cabana de Philemon e Baucis — entrega-se totalmente ao arbitrio de Mephistopheles e segue os conselhos deste, quites a lamuriar-se depois por não ter realizado os seus desejos — que elle não formulou, e por não ter encontrado satisfação nos acontecimentos — que elle não se esforçou por orientar no sentido da sua vontade...

Quanto á redenção ou salvação de Fausto — pois que no continuar a tragedia determinou Goethe de salvá-lo — ella não se explica satisfatoriamente, a meu ver, nem como recompensa aos esforços virtuosos de Fausto, pois estes não se observam no correr do drama, nem como o cumprimento de um decreto imprescriptível do Senhor e independentemente das acções de Fausto, pois isto não se concilia com o criterio dc salvação afirmado no Epílogo pelo Côro dos Anjos. Só explica inteiramente uma tal salvação, penso eu, aquella doutrina da reversibilidade das penas e dos méritos, tão cara a Paul Bourget tradicionalista e católico. A redenção de Fausto, dest'arte, não é obra da Fé, é obra do Amor; e não dos amores que Fausto sentiu por Margarida ou pela fantástica Hélène, amores fracos e curtos, maculados demasiadamente dc egoísmo, — mas do Amor que por elle sentiu Margarida, a unica pessoa inteiramente viva e integralmente humana de toda essa confusa obra, amor absoluto, completo, incondicional, eterno, que persiste mesmo através da Morte, e que induz Margarida, quando chega para Fausto o momento supremo, a interceder por elle junto da mais piedosa das Santas e a obter que a alma daquelle peccador se cleve no Céo em seguimento da sua que o atraía, sempre para mais alto, pela força do seu radioso Amor. — Fausto não é salvo porque luctasse constantemente pelo bem, nem porque o Senhor assim o houvesse predeterminado; elle é salvo porque uma criatura humilde e piedosa, forte pelo grande amor que a animava, penitenciada duramente dos seus peccados que eram apenas a consequencia desse amor, tomou sobre seus homens, frágeis mas corajosos, a responsabilidade das culpas desse pobre homem a quem tanto amava e repartiu com elle o benefício divino que os seus sofrimentos, a sua contrição, e a sua fé nunca abalada lhe haviam grangeado.

Margarida, na sua simplicidade tosca, no seu amor ingênuo e ardente, na sua fé constante é a grande figura desse drama; quanto a Fausto pessoalmente, elle inspira-me sympathia e piedade, mas não admiração; elle me parece humano, mas humano demais, — diria Nietzsche; é uma alma vulgar, não um carácter superior; é uma existência falhada, não uma vida perfeita. Fraco, incerto, balofão em excesso elle me parece impróprio para symbolizar um destino completo que ha de ser, forçosamente, superior ao da média vulgar humana, e deve-se desenvolver, através de lutas, erros e emendas, por ventura, mas consciente do seu esforço e tendendo vigorosamente para um determinado fim previsto claramente ou obscuramente presentido.

Retrancando a figura de Fausto indubitablemente o Sr. Renato Almeida se deixou em absoluto dominar — porque isso convinha ao seu sistema philosophico — por aquella sentença do Senhor no Prologo, confirmada no Epílogo pelo côro dos anjos, a qual sentença impõe — exteriormente — á vida de Fausto uma significação superior e uma orientação continua, significação e orientação que de facto não se encontram ou foram totalmente esquecidas no tecer da trama mesma dessa vida. — Foi deste modo, salientando no drama o que confirmava a sua teoria e deixando em penumbra o que a contrariava ou

lhe era indiferente, que o Sr. Renato Almeida conseguiu apresentar-nos um Fausto forte e persistente — ein strebende Mensch —, enquadrado entre aquella sentença fatalista do Senhor:

"Ein guter Mensch in seinen dunkeln Tagen
Ist sich des rechten Weges wohl bewusst."
e aquella affirmativa dos Anjos:

"Wer immer strebend sich bemüht,
Den können wir erlösen"...

Como quer que seja essa interpretação da personalidade de Fausto apresentada pelo Sr. Renato Almeida é rasoável; pôde-se mesmo assegurar que ella é das mais rasoaveis que têm surgido, e basta ler o livrinho de H. Lichtenberger sobre o Fausto (Ensaio de Crítica Impessoal) para se formar uma ligeira ideia do delírio de imaginação a que se entregaram numerosos commentadores do Fausto interpretando-o nos sentidos mais abstrusos, mais contorcidos, mais distanciados da letra do poema e do bom senso.

Naturalmente cada leitor interpretará o Fausto consoante as idiosyncrasias do seu temperamento e as conclusões da sua experiência pessoal, aceitando ou rejeitando os esclarecimentos dos exegétas. Sómente no que elles comprovarem ou infirmarem da sua propria concepção. Ultimamente, discutindo em Paris com o philosopho Bergson a respeito da obra

Kantiana, o relativista Einstein — que é preciso citar antes que passe de moda — resumiu o debate assegurando que assim como cada individuo tem o seu tempo próprio, o seu, também "cada um tem seu Kant próprio". Analogamente se dirá que cada um tem o seu Fausto próprio, isto é, interpreta pessoalmente essa obra de Goethe sem que os melhores comentários alheios alcancem modificar essencialmente os elementos da sua interpretação. Foi o que Anatole France exprimiu finalmente assegurando que "une argumentation suivie sur un sujet complexe ne prouvera jamais que l'habilité de l'esprit que l'a conduite."

Desta sorte cada pessoa verá sempre o Fausto com os seus próprios olhos e o julgará fatalmente pelo estalão do seu gosto individual, atribuindo-lhe tais ou tais intenções nos seus actos, salvando-o em atenção a tais ou tais preferencias da sua philosophia. Mas todos poderão buscar no livro do Sr. Renato Almeida elementos para aperfeiçoar ou corrigir sua propria interpretação, sinão mesmo argumentos para contrariar interpretações alheias, e todos poderão admirar a habilidade litteraria, philosophica e hermeneutica com que o Autor logrou integrar a figura de Fausto — symbolo do Homem — salvo a um tempo pela Graça do Senhor e pela constância de suas aspirações idealistas — na solução religiosa que aceitou como unica definitiva do problema do Destino Humano.

Mesquita PIMENTEL.

A potencialidade económica de Minas

A actividade económica do Estado de Minas Gerais, nos vários ramos da produção animal, vegetal, mineral e manufactureira, não tem sofrido descontinuidade, conforme os algarismos da estatística da exportação.

No anno de 1922, o valor da exportação, incluindo-se o valor da exportação isenta de impostos, elevou-se a 512.826.156\$, contra 524.544.492\$ em 1921, com a diferença para menos de 11.718.836\$ no anno findo.

São os seguintes os numeros apurados:

1. — VALOR DA EXPORTAÇÃO TRIBUTARIA:	
Animais e seus produtos	135.726.029\$000
Vegetais e seus produtos	306.463.356\$000
Minerais	38.670.226\$000
Artigos manufacturados	31.966.540\$000
Total	512.826.157\$000

2. — VALOR DA EXPORTAÇÃO NÃO TRIBUTARIA:

Animais e seus produtos	3.407.516\$000
Vegetais e seus produtos	11.827.040\$000
Minerais	437.996\$000
Artigos manufacturados	7.962.918\$000
Total	23.635.470\$000
Valor total da exportação	536.461.627\$000

São as seguintes, em contos de réis, as sommas com que contribuiram os principaes productos para esse total:

1. — ANIMAIS E SEUS PRODUCTOS:	
Bovinos	53.954.000\$000
Queijos	23.535.000\$000
Aves	10.995.000\$000
Manteiga	10.974.000\$000
Carnes de bovinos	9.109.000\$000
Suinos	8.013.000\$000
Produtos de suinos	7.868.000\$000
Leite	7.212.000\$000
Sóia	3.267.000\$000
Ovos	3.093.000\$000
Couros secos e salgados	2.351.000\$000
Muares	1.469.000\$000

2. — VEGETAIS E SEUS PRODUCTOS:

Café	269.946.000\$000
Tecidos de algodão	15.496.000\$000
Arroz	5.580.000\$000
Feijão	5.780.000\$000
Milho	5.650.000\$000
Fumo	5.431.000\$000
Batatas	4.895.000\$000
Madeiras	4.429.000\$000
Carvão vegetal	4.072.000\$000
Assucar e rapaduras	2.572.000\$000
Fructas	2.713.000\$000
Algodão	2.303.000\$000
Vinho	2.164.000\$000
Cascas taniferas	1.633.000\$000

3. — MINERAIS E SEUS PRODUCTOS:

Ouro	16.627.000\$000
Manganez	12.555.000\$000
Ferro e artefactos	6.651.000\$000
Aguas mineraes	6.435.000\$000

NACIONALISMO

Em destros, este grande pensador argentino numa carta dirigida a um ilustre homem de lettras do Brasil, faz notar, cheio de inquietamento essa "crise de exaltação nacionalista que se tem manifestado em todos os países depois da guerra", lamentando todo elevado na aspiração utópica de um sopro de concordia infinita ligando a América-Latina, lamentando esse alvorecer do nacionalismo como um entrave forte e lamentável das doutrinas místicas do seu sonho pacifista.

O ilustre publicista vê no nosso movimento cogenerador talvez, na expansão notável da nossa actividade nestes últimos anos uma ameaça temível de pan-brasileirismo.

Estamos efectivamente num grande período de transição.

O phénomeno, porém, é universal. Sentimos que um grande vento de revolução passa abalando as nossas velhas instituições.

Eu não sei, meu Deus, perdido neste recanto obscuro do Brasil, neste rincão formoso do S. Francisco de um céo tão azul e tão puro, eu não sei o que surgirá dos escravos da hecatombe que ensanguentam a velha Europa, mas creio firmemente que daquelle choque terá resultado idéas e ideias mais verdadeiras, concepções mais reaes em proveito da civilização.

E para nós realmente, ella trouxe a lição incisiva de que a vida de um povo está no aproveitamento inteligente de suas energias. Foi de facto ella que nos despertou, que nos acendeu o ardor da nacionalidade, não o ardor guerreiro, tressalando à ceserna mas amor da patria, trabalhador e pacífico.

Ingenieros não observa bem quando coloca o nacionalismo emparelhado synonymicamente com patriotismo, militarismo ou prussianismo. No velho mundo, onde as instituições e os usos modernos estão profundamente vinculados ao passado histórico — o nacionalismo manifesta-se, incontestavelmente, por um forte sentimento de "egoísmo nacional". Não se concebe o princípio de patria sem a sua correlativa defesa militar e isto pela razão simples de que a patria foi adquirida por conquista, já foi retalhada pelo invasor brutal e está sempre ameaçada por pretensões eternas e insubmissas. Acresce ainda a circunstância de habitarem a Europa povos de índole guerreira o que não acontece nos vastos campos do novo mundo.

Não há na América o terror permanentes do invasor ambicioso mercê da sua vastidão territorial, das immensas riquezas disseminadas e do profundo espírito de democracia e liberdade de que fomos o berço. Penetramos, depois da guerra como que num forte e brilhante período de trabalho intenso, de ação e de estudo. Sente-se por toda a parte, nas cidades, nos campos, nos sertões invios um verdadeiro despertar com todos os seus deslumbramentos.

Possuo mesmo dizer que a era do desasco tombou e que raiou enfim para o Brasil o sol secundo de uma nova Renascença, illuminando horizontes mais amplos e mais prometedores.

E foi indubitavelmente a guerra que nos fez acordar para a vida intensa; foi ella que nos fez erguer do marasmo pusilânime do "que-me-importa-lá" em que vivímos.

O espírito novo saído desta geração opulta de idéias tão robustas: o ardor sympathico de uma imprensa sã, bafejando, guanhando com o seu vigoroso poder divulgador as novas aspirações da nacionalidade; a penetração cada vez mais intensa do espírito regenerador pelos sertões longínquos — toda essa exaltação brilhante é, não ha dúvida, a mais lídima manifestação de um resurgimento do alvorecer de uma nacionalidade.

A quelque chose malheur est bon. A conflagração do velho mundo veio delinearnos poderosamente o sentido das actividades nacionais no tocante ao seu desenvolvimento. E' certo também, lamentavelmente verídico, que não trouxe, como esperava a ingenuidade dos pacifistas, nenhum ensinamento aos governos das grandes potências militares no sentido de se pôr termo ao delírio macabro dos armamentos. A Europa é ainda hoje, como ha cinco annos, um grande acampamento onde um exército formidável bivaqueia com sentinelas vigilantes nos postos avançados.

Viram desalentados os pacifistas ortodoxos o ruir inesperado de um sonho antigo, dessa deliciosa chimera tão irrealizável quanto a ancia da Perfeição nunca alcançada, do velho Ulysses.

Ingenieros participa desse amargo desalento quando condena essas manifestações de nacionalismo.

O nacionalismo não é obsessão do amor da patria.

Nacionalista não é aquele que cerrando as vistas para o resto do mundo num grande desdém, concentra-se irredutivelmente dentro da muralha chinesa do preconceito de que só a sua patria é grande e capaz de lhe proporcionar todo o bem, desprezando inconscientemente tudo que não estiver sob o seu céo. Isso podia ser nativismo retrogrado ou burrismo inconsequente, absurdo, nula nacionalismo.

Pode perfeitamente harmonizar-se o mals辛do pacifismo. Os dous sentimentos são antinómicos, não se repelem portanto. Seria, antes, a formula ideal da democracia latino-americana, — um producente nacionalismo irmão a um grande espírito de concordia a guiar os nossos destinos.

Este seria o ideal político da América-latina.

Mas porque recuar de um sentimento tão justo e tão nobre? O nosso passado histórico não é uma grande lição de amor à Justiça e à Paz? Não é uma garantia notável dos nossos intuitos? Isso não basta então para assegurar e reaffirmar o nosso grande desejo de uma operosidade pacífica? Pacifistas sempre o fomos. A nossa história exuberantemente o demonstra a cada passo. Se as aspirações pacifistas alguma vez foram defendidas com valor e brilhantismo o foram por nós em Haya, quando os potentados procuravam velar com falsos adereços as suas ambições em detrimento da liberdade das pequenas nações de paz garantidora da civilização.

Pacifistas sempre o fomos. Não temos o espírito guerreiro dos anglo-saxões ou dos germanos. Seria crime revoltante o estorvar, de qualquer maneira, esse cálido e confortante bafejo de soerguimento que nos anima na hora presente, só porque entre os povos d' além-mar na velha Europa, tão gasta e exgotada, o amor da patria, o ardor nacionalista não é um sentimento pacífico, sahido de uma visão mais ampla e altruista e progressiva — é antes um dever emanado dos quartéis, do espírito da disciplina e veste, quasi sempre, para sahir à rua, a fardeta prussiana.

Como e porque reprimir um sentimento que não nasceu espúriamente de nenhum decreto, mas que é próprio do homem, que nasceu com elle, que adormecido às vezes, já existia, latente em seu coração?

* *

O amor da nacionalidade é a modulação ampliada do amor da família. E' o mesmo sentimento que restricto, quasi mesquinho no berço das associações humanas, à medida que elles crescem e se ampliam e ganham em proporção elle as acompanha, crescendo, ampliando-se também, vinculando-se profundamente na alma humana. Começa no lar, ascende ao clan, à tribo, à cidade, à nação.

O homem deixando as cavernas, associando-se à mulher, constitue a família primitiva e num bocado de terra funda a sua primeira

pequena pátria (1) com o seu tumulto, o seu deus lar, o seu fogo sagrado. Aquella terra receberá o seu pão e a elle próprio; nela vibrarão as almas de seus antepassados; e manifiestada por isso, Elle a defende sobretudo contra o inimigo que a profanar porque lá está o seu deus, a sua fé; é elle que o alimenta e abriga, é a terra patrum, terra dos pais. Dessa veneração, desse apego quase inconsciente, vago, mesclado de superstíciones, de crenças rudimentares, surgem as primeiras manifestações do amor da pátria. Ela amea um sentimento de uma estreiteza e mesquinhice verdadeiramente primitiva, mas é já uma manifestação evidente de um sentimento forte e bem nascido.

Mas tarde, em Roma, o sentimento do amor da pátria alteia o vóo, ampara-se guinha em robustez e em fé civica; — a pátria é a cidade, é Roma alta e opulenta, com os seus heróes e o ptytanado, (2) é a "Terra sagrada da pátria" sacra terra patriae. O patriotismo estriba-se então num mundo de fortes convicções, é um sentimento energico potente, enrijado de supremas virtudes elevadas.

A pátria era para o cidadão de Roma o bem supremo, o único bem porque nella encontrava a segurança protectora das leis, a homogeneidade da fé, da língua, da raça, dos costumes, da arte de todo esse acervo de sentimentos e qualidades communs que caracterizam uma nação. O exílio era a mais cruel punição quo se lhe podia inflingir. Amava portanto acima de tudo a terra que lhe dava o sol e que o vira nascer, os seus campos e as suas seáras, os heróes do passado, os seus deuses, as suas lendas. Estava preso à ella como o avarento ao seu tesouro, por ella iria ao sacrifício dos sacrifícios.

O sentimento entretanto, vai crescendo com o desenvolver da civilização. O Império romano baqueia pela infiltração irresistivel e assoberbadora das tribus irrequietas e insubmissas do norte; a velha fibra, rígida do romano está gasta pelas dissipações e desatinos da decadência. A civilização penetra, com a queda do fulgor de Roma, no crepusculo, no obscurantismo, na asphyxia do feudalismo medieval. E como que se perde na escuridão dolorosa e suffocadora da Idade-Medieval todo o antigo ardor da pátria...

Mas, é que, na sombra se estão formando novas nacionalidades, resquícios do velho mundo romano. A Renascença é a apresentação no palco do mundo, dos novos povos, saídos como que por milagre, dos escombros de uma civilização morta.

E' o estado agora a grande pátria, pátria maior, com os seus governos, a sua aristocracia e os seus exercitos. A theocracia militar impõe. A pátria está encarnada n' rei. A nação ainda não surgiu para arrancar de suas mãos o direito divino. Approximase porém, imperturbavelmente do ponto culminante. A analyse racionalista surge com

(1) — F. de Coulanges — A cidade antiga.

(2) — F. de Coulanges — A cidade antiga.

HARDING

A figura do Presidente americano que desapareceu, antes que tivesse ensejo de caracterizar o seu governo por qualquer gesto universal, é uma personalidade admirável de self-made man, pois de simples agricultor, typographo e conductor de bond, conseguiu atingir a uma das mais altas posições no mundo, como seja governar a grande república norte-americana. Harding era um representativo da política yankee e a sua indicação para combater e vencer o idealismo de Wilson, significou bem o desejo do povo de seu paiz, de entregar o governo a um homem que, embora sem ser figura de elite como o seu antecessor, fosse o plain American (um simples americano), sem a perturbação dos elementos estranhos, que o paiz não concorda em conjugar ao rythmo poderosissimo de sua grandeza. Praticando a política de isolamento, evitando imiscuir-se nas contendas da Europa, até onde só foi, quando sentia que o militarismo ameaçava subverter a ordem mundial, a América do Norte não se desinteressa do bem estar da Humanidade e o seu idealismo está sempre pronto a servir tão nobre causa. Harding, nessa orientação geral, promoveu a conferencia de Washington, para cuidar da limitação geral dos armamentos, principiando por dar o exemplo nas forças armadas de seu paiz; e celebrou o Tratado do Pacifico, cuja significação não é mistér encarecer. Entre os chefes da poderosa Repùblica Norteamericana, que desde Washington têm governado o paiz, em 150 annos, Harding tem um logar assinalado, pela sabedoria política com que o dirigiu, num dos periodos mais tumultuosos para o mundo, ainda atordoado pelo fragor da grande guerra.

— Encyclopedia; um livro, o — Contrato Social — derruba um throno. A proclamação dos Direitos nivela os homens. A pátria é nação. Não se combate mais pelo rei; morre-se pela nação.

Mais a ambição dos governos, o espírito guerreiro, oppremem os pequenos Estados. A Europa é uma vasta coberta de retalhos. Os Estados faltam a cohesão de uma homogeneidade étnica. Povos Inteligentes estão subjugados... um Governo que lhes é estranho ou vivem dispersos, sem independência.

Uma voz, porém, Manccini, invocando o princípio das nacionalidades, congrega sob a mesma bandeira uma unica nação.

A pátria é a nação una e indivisível. Patriotismo é nacionalismo — forma ampla e rejuvenescida de um sentimento progressivo.

Poderá, porventura um dia, romper esse sentimento sublime os diques da nacionalidade e estender-se à humanidade? Não, porque desde que elle se desentranhe d'alma dum arca estiolar-se-ha inutilmente em outras regiões onde não encontrará ambiente propício. Será como certas plantas que só vicejam numa certa região. Transplantadas é tirar-lhes a vida. A fé na nacionalidade gera o patriotismo quo é a essencia vital de um povo. Perdida a fé cívica, inoculado o veneno mortal da descrença, do Indifferentismo corruptor nálma de um povo, esse povo vergará inevitavelmente sob o proprio peso de seu envelhecimento.

A's vezes na vida das nações, passa um torpor. As fibras da nacionalidade estão comum que adormecidas.

De subito, porém, picadas pelo aguilhão de um grande princípio, de um facto vultuoso, ell-as que vibram e despertam.

Opera-se então um rejuvenescimento; as capacidades dynamizam-se, as actividades criadoras produzem; uma operosidade alentadora amparada pelos honrados dirigentes vem restabelecer a fé e a força perdidas.

O Brasil dormia o seu velho sonno, pesado, moite criminoso, esquecido do mundo, de si próprio esquecido embriagado pela verotragia frouxa de velhos pataratas galanteadores que lhe embaiavam o sonno com a eterna e sediga toada das nossas grandezas, a melopéia narcotizante da nossa riqueza e sensaborias que taes. Um optimismo exterior, injustificável, matava a nação lentamente tirando-lhe "a consciencia clara de seus grandes deveres, cortando-lhe o estímulo para as fortes ousadias" como dizia então o grande revoltado que foi Sylvio Romero.

Era uma nota picante e de alta distinção a exhibir-se nos salões a ignorância das causas do Brasil. Fez época então a phrase infame de que nós éramos um povo sem história.

Enquanto outros povos trabalhavam fuldamente, nós dansavamos; enquanto os outros povos produziam e exhibiam ao mundo o resultado de seu trabalho, as descobertas científicas, os estudos de antiguidade, as conquistas da hygiene, nós mostravamos — o irrisão — o Amazonas.

Os Governos davam-nos avenidas e ne-gavam-nos o pão espiritual da instrucção.

Que se ensinava á criança nas escolas? que noção lhe dava o professor do paiz em que nascera? Uma idéa confusa (quasi que se poderia dizer *cáfusa*) de que estamos num paiz ideal de fadas, bafejado por todos os Bens supremos da vida; ensinava que "no Brasil tudo é grande", que isto é o el-dorado, o verdadeiro el-dorado maravilhoso e fantástico da lenda. Gente houve que quiz demonstrar por aí que o paraíso da legenda bíblica era situado nos nossos vergeis. Incutiu no espírito da pobre criança essas idéas rústicas e brilhantes de grandeza incomensurável, noções hyperbolicas delirantes de um fausto e gloria verdadeiramente phenomenaes, sem entretanto adduzir nenhuma prova efficiente.

Na imaginação daquelle cutesinho que se estava formando para a vida, ia então, pouco e pouco, erguendo-se aquele sumptuoso e falso edifício de grandeza. A pátria surgia-lhe como uma terra immensamente deslumbrante, plethorica de riqueza, dotada de todos os inefáveis dons de abundância, fortuna e regalo.

Tinhamos as mais fulgentes e sumptuosas montanhas de ouro e os maiores rios; as mais ricas florestas e a fauna mais pura; os mais verdes campos e as terras mais férteis; os maiores habels diplomatas e os portos mais harmoniosos; tinhamos humilhado Rosas e vencido a tyrannia de Lopez; tinhamos mudado de régimen como quem muda sosegadamente de roupa depois do almoço.

Era isso que se pensava: era nisso que se cría: era disso que se esperava tudo. A

A MENTALIDADE ARGENTINA SEGUNDO JOSE INGENIEROS

No ultimo numero da *Revista de Filosofia*, a notável publicação que dirigem os Srs. José Ingenieros e Aníbal Ponce, encontramo-nos a resposta daquelle illustre escriptor, á carta que o philosopho Henri Bergson lhe dirigiu na qualidade de presidente da Comissão de Cooperação Intellectual da Lige das Nações, sobre a mentalidade moderna da Argentina. Não nos furtamos ao prazer de dar uma *synthese* desse importante depoimento. A' primeira pergunta, responde que nos ultimos dez a quinze annos foi accentuado o progresso no domínio dos estudos historicos e litterarios, na Argentina: os methodos e criterios mais adoptados na França e na Alemanha tiveram visivel influencia sobre a historia e a literatura argentinas. Fóra desses dominios, a producção original é escassa, sem que haja tambem trabalhos de vulgarização. Actualmente só ha um homem de scienza no paiz, algumas de cujas producções têm sido traduzidas no velho mundo: ha também duas dezenas de escriptores scientificos ou litterarios que têm colaborado em revistas europeas, alnda que a hospitalidade dessas temha sido tendenciosa para consolidar as "amicizades" nascidas ou accentuadas com a guerra. A segunda resposta affirma que, em geral, o publico se interessa muito pouco pelos estudos scientificos e litterarios, o que explica, lá como em toda parte, pelo culto da violencia que empolga o mundo depois da guerra. Quanto aos jornaes, que dedicam uma secção se malha a qualquer acontecimento scientifico e litterario (têm as columnas cheias diariamente, com box e outros desportos) têm, em compensação um excellente serviço de informações da vida intellectual na Europa, superior ao de qualquer diário desse continente. Os estímulos ainda são parcos e o exito comercial nullo, não havendo escriptor que possa viver das letras. Por ultimo, o valor comercial das novelas tem crescido, mas em geral, de novelas curtas e mal escriptas, ao sabor das massas menos lettras que as iem com agrado. Em summa, não existe circunstancia alguma que favoreça a producção intellectual, salvo a excepção citada da novella, do teatro e, além dessas, dos trabalhos me-

dicos, que constituem um reclamo indireto para a profissão. Respondendo à terceira pergunta disse o Sr. Ingenieros que a actividade scientifica se circumscreve, na Argentina, como allás em todos os países da America Latina, nas universidades do estudo. (Não a excepto quanto ao Brasil, seja dito de passagem, pois entre nós, ao contrario do que pensa o illustre escriptor argentino, ha homens de notável saber fóra do ambito universitario. Como exemplos: Ruy Barbosa e Oswaldo Cruz). Condena as missões universitarias europeas e diz depois que a situação económica do professorado é má. Ganham pouco e lentes, sendo que muitos só ocupam as cadeiras por dedicação ou por sacerficio, vivendo das suas profissões. Os que são apenas professores, devem ocupar varias cadeiras, 3, 4, até 8 e 10, o que prejudica a actividade intellectual. O unico remedio lhe parece assegurar a situação económica do professorado, de sorte que, cada qual, possa viver pre-ocupado exclusivamente com a actividade intellectual. Sobre as instituições mais importantes, da mentalidade do paiz, cita as 5 universidades: Buenos-Aires, La Plata, Córdoba, Litoral e Tucuman, adiantando que a produção das duas ultimas é praticamente nula. Todas dispõem de recursos sufficientes para viver. A Faculdade de Philosophia e Letras de Buenos-Aires, é uma especie de escola normal superior. Sobre a influencia extranha, diz o Sr. Ingenieros que foi essencialissima na formação intellectual da sua pátria, sendo que as maiores influencias literarias são da França e da Espanha, que disputam a primazia dessa actuação, que tende a diminuir. As influencias scientificas predominantes não são da França, Alemanha, Italia, Estados Unidos e Espanha, paizes de maior clientela scientifica, na ordem enumerada. Quanto à influencia da Argentina no exterior, declara que seria absurdo que a Argentina, com o idioma espanhol, pretendesse ter qualquer influencia na Europa, tendo, porém, alguma, embora pequena, na vida intellectual da America latina. A' sexta pergunta, sobre os meios de informação intellectualizados, respondeu o Sr. Ingenieros, af-

nossas aspirações, se algumas havia, fundavam-se nestas crenças. Tudo já estava feito; tinhamos tudo; nada mais era preciso fazer. Já existia tudo feito, os problemas serenamente resolvidos para a delicia do brasileiro. A vida correria facil e doce como uma boa anedota.

Entretanto, penetrando na luz da vida publica, ao forte contacto com as realidades ambientes, que via a criança de hontem?

Um doloroso espectáculo.

A criança via com desmesurada surpresa os horrores inimaginaveis das séccas, o flagelo tetrico e acabrunhante da fome e dos exodes involuntarios dizimando as populações; via uma grande plebe pavida, de mãos postas, pelas injustiças potentes da Justica; entrava a conhecer o eterno fantasma do deficit, esse nosso grande pesadelo; desolava-se em contemplar uma população analphabeta e pobre a esmoliar pelos bairros sordidos e andrajosos.

Esburoava-se então, como num despertar subito de um sonho feliz, a visão antiga do el-dorado, e uma grande descrença, um cruel e mortal desinteresse pela pátria vinha substituir o falso sonho da infancia. Desiludido, descrente da pátria só lhe ficava um conceito que era um epitaphio: — paiz perdido.

Eis o estado moral do Brasil antes da guerra.

A guerra foi o aguilhão potentissimo que nos veio despertar do commodismo pusilânime em que vivíamos.

Eramos ricos; sim, mas de que nos serviam essas riquezas se elas faziam obscuras, mal sabidas, ignoradas quasi, abandonadas criminosamente? A guerra nos fez prescritores intelligentes e operosos.

Vislumbrados os aiores da era fecunda a imprensa nacional num gesto louvável de carinhoso amor, amparou, incentivou e continua a ser o arauto e a propulsora do movimento renovador.

Apoiar as nossas ricas energias nas forcas vivas da nação; estudar, aproveitar, melhorar a terra; fortificar as instituições com a virtude republicana; procurar os erros da nossa historia para corrigirmo-nos no futuro; robustecer a fé cívica nos fortes ensinamentos do passado; fazer cidadãos... eis o nosso nacionalismo tal qual tem sido.

Sahir do indifferentismo em que vivímos para roarmos no cosmopolitismo dissidente, incaracterístico, seria absurdo inqualificável.

Não é um estorvo ás ineffáveis docuras do pacifismo um movimento regenerador intenso que se apoia no Trabalho honesto, no Direito constructor e na Justica fecunda.

Pretender apagar o facho antigo, o fogo sagrado do patriotismo em prol da ideologia mystica de uma pátria de todas as raças metidas numa nova Babel — é fazer mera bizarraria philosophica.

Hoje poderemos dizer com orgulho que representamos, apezar de tudo, um valor efficiente na grande scena do mundo, gracias a esse benéficio despertar das nossas forças criadoras. Hoje a visão antiga, negra e acabrunhadora diluiu-se batida pela realidade nova e viva que nos cerca e nos eleva. Hoje, mais do que nunca poderemos dizer cheios de fé — "Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste" — porque antevemos com júbilo um porvir digno deste grande povo, digno desta grande terra.

E. Motta TRIGUEIROS

firmindo que os livros e revistas da Europa chegarão a Buenos Aires, 20 dias depois de aparecerem. O seu paiz julga que a actividade intelectual da Europa está em crise e a sua produção inferior à de antes da guerra. Para que a informação fosse ainda mais completa, basaria mais dinheiro. Quando as relações intelectuais com pessoas e organizações estrangeiras assumem como a possibilidade de melhorá-las ou de estabelecer uma organização intelectual, diz que diminuem, apesar dos esforços feitos pela França e pela Alemanha para estimular seus partidários mais por motivos políticos do que por estima intelectual. A propósito de uma organização internacional de alta cultura, acha que isso depende da "desmobilização dos espíritos". Declara que o predomínio das paixões políticas produzirá uma morbida xenofobia paralela ao protecionismo económico. Os intelectuais de cada país podem-se a escrever tendenciosamente, descobrindo genios nos seus compatriotas e exagerando-lhes os méritos, obra que os governos incentivam, o que dificulta em absoluto essa cooperação, que o Sr. Ingenieros não acredita poder ser feita por Comissão da Liga das Nações, a que

responde, porque seria um novo instrumento de propaganda política dos aliados, sem vantagens para o progresso intelectual. Só com o tempo isso se conseguirá, depois de passados os intelectuais perturbados pela guerra. Algumas sociedades e fundações ricas dos Estados Unidos, tentaram se ramificar na Argentina, mas pouco conseguiram pela aversão crescente contra o imperialismo político do seu paiz de origem. A oitava pergunta, sobre as tendências e orientação que se podem preservar, teve como resposta o seguinte: em ciência, nada tipicamente autônomo; nas letras e nas artes, parece accentuar-se o espírito regionalista; na política, uma certa renovação, cujo caráter se irá definindo à medida que na Europa se extenda a revolução social, começada no fim da guerra; na filosofia, domina os jovens um accentuado espírito pragmático. Sobre a influência da actividade intelectual na moral pública, reconhece o Sr. José Ingenieros, que, na Argentina, como, aliás, em toda o mundo, há um ambiente de inimoralidade dominante, uma licença nas costumes, nas relações sociais, na economia e na imprensa, que perturba o rythmo de

crescimento dos povos. Tal meio, no contrário, não pode contribuir para o desenvolvimento intelectual. Em resumo, conclui, o futuro público portenho, podemos dizer que na vida intelectual argentina se observam os mesmos fenômenos negativos que na Europa, a causa foi a guerra, mas não diminuiram com a sua terminação; o público se interessou menos do que antes pelas altas actividades intelectuais, dispensando maior atenção ao teatro e novela; toda a vida científica gira em torno das universidades oficiais, não existindo institutos privados que cooperem na produção intelectual; as relações científicas com o estrangeiro diminuíram apesar da tendenciosa propaganda com fins políticos, os meios de informação são bons e proporcionam aos recursos; a organização internacional da actividade científica está agora dificultada pelas paixões xenófobas excitadas pela guerra, o nacionalismo e o imperialismo; as únicas orientações renovadoras se manifestam no terreno da reforma social; a moralidade pública sofreu uma depressão desfavorável ao progresso da actividade intelectual.

VIRGO PRÆDICANDA

A ELYSIO DE CARVALHO,

zelador e vedeta dos "Bastiões da Nacionalidade"

Nas plagas do Reconcavo nasceste,
Morena filha do sertão agreste,
Moça destemerosa e varonil;
Quiteria de Jesus, virgem bahiana,
Que evoluisse de gracil Diana
Em defensora estrenua do Brasil.

Dera o seu brado o Príncipe Regente,
Fazia-se mister que a nossa gente
Consolidasse o feito desse herói.
Accende-se a peleja na Bahia,
Onde Madeira em tática porfia,
A conquista pacífica destrói.

Então, afluem de distritos vários
Fogosos contingentes voluntários,
Para a obra commum de defensão.
Entre esses taes Quiteria se apresenta,
Desfarçando na impropria vestimenta
Seu feminino e bravo coração.

Examinado, inscreve-se artilheiro
O camponez intrepido, trigueiro,
De membros e maneiras tão gentis,
Que para logo desconfiam todos
Da sua compostura, dos seus modos,
Do seu porte e seus traços varonis.

Eis se descobre a cívica fallacia
E o bello ardil, a temerosa audácia
Abre um sulco de augúrios no porvir
Ginge um curto saio a vivandeira,
Que, agora, de espingarda e cartucheira,
Nos "Periquitos" lesto vae servir.

Encarniça-se a lucta horrendamente.
Quiteria, sempre indomita e fremente,
Caminha na vanguarda das legiões.

Salta impecilhos, mofo de emboscadas,
Accommette trincheiras, paliçadas,
Quadrados, contingentes, esquadrões.

Quando, em Paraguassu, varias senhoras
Se fizeram da Patria defensoras,
Num arremesso insolito e feroz;
Lá estava Quiteria, desgrenhada,
A tiros de fuzil, golpes de espada,
Guardando as águas da patrícia foz.

Com Labatut, na arena de Cabrito,
Correndo aos chamamentos do seu grito,
Quiteria de Jesus presente está.
Garbosa pelejou sete batalhas
E esteve na refrega, entre as metralhas,
Que a sagraram cadete em Pirajá.

Joven, galharda, deslumbrante heroina!
Triumphaste da horrifica chacina,
Calma, ascendeste ao Capitolio, a pé.
Bem haja a Communhão da Soledade,
Que a tua fronte de epica deidade
Ornou com ramos floreos de café.

Ficaste sendo o symbolo da gloria
E entraste, eximia, os porticos da Historia,
Nascida embóra em asperos confins.
Foste, naquella hora alviçareira,
A imagem da patria brasileira,
Toucada de esmeraldas e rubins.

Agraciou-te enfim, Pedro I
Com a merecida cruz de cavalheiro,
Insignia do brasílico valor;
E em vez de marechal só foste alferes,
Enlevo e orgulho de homens e mulheres,
Pomba custodia de bravura e amor.

Carlos D. FERNANDES.



IMPRESSÕES DO SALÃO

Admirada, em conjunto, a nossa exposição oficial de bellas artes causa uma agradável impressão. Há como em todas as mostras, o que satisfaz e o que não entusiasma; o que deixa o espectador indiferente e o que commove. Pode não ser um "Salão" à altura da nossa capacidade ou como querem os que diante da nossa produção artística se abstrahem das condições do meio, da nossa educação esthetic, do estímulo popular ou oficial que os idealistas d'arte possuem. Acresce que o actual certamen fez-se logo após o do Centenario, o que denota esforço e dedicação dos nossos artistas.

Não podemos dizer que é inutil uma exposição de artes plásticas, mesmo quando nella não figurem, como na deste anno, pintores como Parreiras, Baptista da Costa, Visconti, Theodoro Braga, Lucílio e Georgina de Albuquerque, Bracet, Bruno e escultores como Antonino de Mattos, Francisco Andrade, Kanto, Leopoldo Silva e Mazzucchelli e que ahi falta sinceridade, quando o que se expõe, se não foi realizado com perfeição, o que em nenhum centro de arte do mundo já se encontrou, foi feito com inteligência e com alma e com a honestidade rara do artista brasileiro.

Ha obras interessantes e de valor no "Salão" de 1923. Veja-se, por exemplo, esse tumultuoso e singularissimo Antonio Parreiras, de uma capacidade de trabalho formidável, de uma palhetaria rica de cõr e luz, fremente e tropical. As suas telas, mais de setenta, ornam sossinhos uma sala enorme. E a Natureza, varia e linda, placida, dormente, auroral, evocadora e pulchra de França, Suissa, Normandia como a do Brasil, ahi vive numa transplantação emocional poderosa e numa gloria fulgente de beleza.

E' verdade que a crítica sabia e exigente não vê nessa opulenta realização pictórica motivos para ficar embasbacada como ficou diante da pintura de efeito do Sr. Koek-Koek, mais cabotino que "pintor de amargura e pessimista", renovador e das paisagens vulgares de Monsieur Louis Tinayre. Mas, apesar disso o Sr. Parreiras é um mestre incontestável. Ninguem o supera na paisagem, onde queríamos quo concentrasse todos os primores do seu talento.

Pintor individual, possuidor de uma técnica admirável, colorista audacioso e justo, Parreiras traz consigo o sentimento da Natureza universal, interpretando-a com grande alma, de cada região traduzindo a formosura o a dôr, a alegria e a graça, de subito apprehendendo e traduzindo o característico deste ou daquelle lugar. Encanta na França como deslumbra no Brasil. E maravilhoso em Vallée de la Dala (Suissa) e em Aurora nas planícies da Normandia, como nos aspectos encantadores da Corsega e nos do Brasil, de tão intensa exuberância.

Porque não vê coisas harmoniosas e de profunda existencia pantheística como Castanheiro de ouro (França), de uma grande, inarrável beleza; Velho Parque, tão cheio de amarguras na solitária morada e nas arvores outonais revelando ermo e abandono? Como esquecer Outono florido, de tão enorme desalento na paisagem, que é nossa, na maravilha d'ouro das arvores em efflorescencias lucidas? Último clarão (Suissa), um trecho de rua que era que os ultimos clarões do sol tocam a irregularidade do casario e que é um trabalho sobrio e sólido — e Piratinha, admirável de encantamento nas arvores e de esplendor na luminosidade alacre do dia?

Se nenhuma dessas telas valessem como arte, nem Inferno verde, que é uma das provas mais vigorosas da Natureza brasiliaca, nem Salgueiros, nem Champfleuris, ahi estaria

esse grandioso triptico Terra natal, onde tão bem se sente a grandiosidade da mata que tão raros perlustradores tem tido, onde a Terra é um hymno gloriosíssimo de melodia e luminosidade.

Só os quadros desse portentoso Parreiras despertariam o louvor de quantos sabem apreciar as bellas coisas patriciais, como têm despertado o entusiasmo vivaz dos estrangeiros. Como o emotivo do Solitude, aparece esse outro mestre da paixão lyrical do Brasil que é o Sr. Baptista da Costa. Das suas quatro telas é bastante vêr Nuvens da manhã, de tão doce poesia nas arvores distantes que a nevoaça da manhã envolve sob o céo calmo, sobre o lençol da agua dormente. Tudo nesse pequeno quadro é serenidade, luz melancólica, sereno amanhecer. E' uma tela valiosa, um pouco diferente de quanto temos admirado do notável paisagista brasileiro.

O Sr. Pedro Bruno tem: Yara, A pescadora, Symbolo das praias e Repouso e mostra que o premio de viagem lhe foi um bem apreciável. Evoluiu. Sua pintura é agora mais fresca, mais espontânea e mais bella. Pode-se elogiar com prazer o Repouso, nú de justa e vigorosa carnacção. Interpretado com justeza e boa técnica e louvar, com sinceridade, o Symbolo das praias — uma das obras mais importantes do "Salão" reveladora da nova maneira do artista. O tipo louro de mulher que saí do mar trazendo no braço uma criancinha é de muita frescura e muita simplicidade, como o ambiente é harmonioso e sympathico.

Ao Sr. Theod. Braga de quem se não pode deixar de elogiar os trabalhos constantes e apreciaveis de estylisação da flora e fauna do Ruiz, na aancia de crear, como evidentemente creou, uma esthetic puramente brasileira, cabe muitos louvores pela sua tela Senhora, um esbelto tipo de mulher pintado com sobriedade, elegancia e leveza de tons, vivendo num ambiente calmo e de muita harmonia. A mulher loura, com um grande chapéu escondendo a farta cabelleira, de pé, tendo no braço direito a "boa" branca, voltada para o espectador, olha direito, numa expressão serena e numa allure natural e distinta. E' uma obra de arte brilhante, digna de ser vista com aféição e inteligencia.

Uma paisagem de imensa belleza é Mangueira, desse novo eminentíssimo que é Egard Parreiras. O caminho à esquerda, a grande arvore à direita, os planos seguintes e o marmas além, são feitos com espontaneidade e conhecimento de valores e planimetria — todo o quadro sendo rico de colorido e de ar.

O Sr. Elyceu Visconti é o pincel sempre brasileiro. Seis são os seus bellíssimos trabalhos, feitos com aquella segurança technique que tanto se louva e aquella simplicidade inteligente, cheios de rythmo e de expressão caricias. De todos se destaca Afectos, de tocante sentimento e agradável maneira, como de sua obra se destaca uma alegre, festiva orquestração de cõres e sonoridades.

O Sr. Paula Fonseca (João Baptista de), vai se distinguindo como paisagista, tornando-se senhor dos motivos, sentido melhor a Natureza, com melhor conhecimento de perspectiva aerea, de planimetria, mais espontaneidade e graça. E' o que revela Recanto de Fazenda, bem sentido, de agradável corte e bôa luz, traduzindo a grande poesia e solidão

campesina. Retrato (aguarela) Duna ensolarada Midinette não o envio do Sr. Gaspar Miguelhães, o labirinto estudosíssimo pintor. Pôm feito, com muito carac er e conhecimento do genero é Retrato, como digno de menção é Duna ensolarada, trecho de praia de Ipanema tocado de sol e de humor de ondas velhas.

O jovem Sr. Garcia Bento, marinista, como na Hispania Javier Jr. Wirthuyzen, é o "pintor de los jardines" não nos poupa dar os seus joviais aspectos prateiros, as suas águas solitarias e dá-nos apenas Turia de sol, que confirma o seu renome. O juvenil Sr. Oswaldo Teixeira, por quem se deslumbra o Jury do "Salão" é a mesma revelação pictórica singular. Inquieto, procurando a sua maneira caracteristica, a sua luz, a propria individualidade. Cada trabalho seu revela essa inquietude, fala da sua indecisão diante da arte eterna e divina, do caos de que procura sahir, tomado rumo direito à belleza. Sua tela melhor devia ser Sinit párulus ventre ad me. E a mais fraca Preferimos Recostada de multo vigor e naturalidade e os dois retratos.

Do saudoso pintor que soube ser Arthur Timotheo o "Salão" se honra com um Retrato, que é um primor d'arte, mostrando a inteligencia sadia que tão cedo enlutou a nossa pintura. João Timotheo figura com duas palzagens e uma mancha, esta sendo de multa belleza e colorido agradável e confirmadora dos meritos do pintor.

A senhora Sarah Figueiredo merece incentivos com Maruf Retrato da senhorinha L. B.

Manoel Santiago, que apareceu prometedoramente há tres annos expõe Yara, que o não recommenda. Cândido Fortunari fez o Escultor Paulo Mazzucchelli, cujo carácter soube fixar. O joven Dakir Parreiras está representado com uma tela — No quintal, evidenciando a sua maneira moderna de ver e sentir as coisas. E' na feição que revela um bom trabalho.

A secção de escultura diz que não temos escultores... o que Bernardelli, Corrêa Lima, Eduardo de Sá, Moreira Junior e outros podiam desmentir. Tem uma duzia de expositores, sendo de justiça que salientemos Leopoldo Silva, com Piedade; Kanto, Andrade, Antonino de Mattos e Mazzucchelli. Seis são os gravadores de medalhas, à cuja frente notavelmente se salienta o mestre Augusto Girardet, os melhores sendo Leopoldo Campos, Soubre e Arlindo Bastos. Dos novos expositores da secção de archiectura destacam-se: Berna, Dunugras e Francisco Santos.

A secção de artes applicadas teve apenas quatro expositores: Helios Seelinger dá-nos dois azulejos nos quaes reproduz Carravelas e Nossa esquadra em evoluções; Theodoro Braga, que mostra varios trabalhos de estylisação da flora e fauna brasileiras tão desprezadas diante das suas pobrissimas rivais, estrangelras e uma interessante frisa decorativa animando a lenda do Veadão e o lababy. Ludovico Berna expõe um ritral, em estylo Luiz XV e duas taças e a senhora Wanda Marie mostra um tapete bordado à mão, trabalho de gosto e habilidade, feito em anágrom e lâminas brasileiras sobre um desenho de Raul Peleirneiras, que na secção de pintura assigna três caricaturas a aguarella e que muito fazem rir.

E outros trabalhos ha no Salão e que nos escaparam neste relato ligeiro e pallido.

Carlos RUBENS

firmando que os livros e revistas da Europa chegam a Buenos Aires, 20 dias depois de impressos. O seu paiz julga que a actividade intelectual da Europa está em crise, a sua produtividade inferior à de antes da guerra. Para que a informação fosse ainda mais comum, bastaria mais dinheiro. Quando as relações intelectuais com pessoas e organizações estrangeiras, assim como a possibilidade de melhorias ou de estabelecer uma organização intelectual, diz que diminuem, apesar dos esforços feitos pela França e pela Alemanha para estimular seus partidários mais por motivos políticos do que por estima intelectual. A propósito de uma organização internacional de alta cultura, acha que isso depende da "desmobilização dos espíritos". Declara que o predomínio das paixões políticas produz uuma morbida xenofobia paralela ao protecionismo econômico. Os intelectuais de cada paiz põem-se a escrever tendenciosamente, descobrindo genios nos seus compatriotas e exagerando-lhes os méritos, obra que os governos incentivam, o que dificulta em absoluto essa cooperação, que o Sr. Ingenieros não acredita poder ser feita por Comissão da Liga das Nações, a que

responde, porque seria um novo instrumento de propaganda política dos aliados, sem vantagens para o progresso intelectual. Só com o tempo isso se conseguirá, depois de passados os intelectuais perturbados pela guerra. Algumas sociedades e fundações ricas dos Estados Unidos, tentaram se radicar na Argentina, mas pouco conseguiram pela aversão crescente contra o imperialismo político do seu paiz de origem. A oitava pergunta, sobre as tendências e orientação que se podem prever, teve como resposta o seguinte: em ciência, nada tipicamente autônomo; nas letras e nas artes, parece accentuar-se o espírito regionalista; na política, uma certa renovação, cujo caráter se irá definindo à medida que na Europa se extenda a revolução social, começada no fim da guerra; na philosophia, domina os jovens um accentuado espírito pragmático. Sobre a influência da actividade intelectual na moral pública, reconhece o Sr. José Ingenieros, que, na Argentina, como aliás, em toda o mundo, há um ambiente de inmoraltade dominante, uma licença nas costumes, nas relações sociais, na economia e na imprensa, que perturba o rythmo de

crescimento dos povos. Tal meio, no contrário, não pode contribuir para o desenvolvimento intelectual. Em resumo, conclui, o liberto publicista portenho, podemos dizer que na vida intelectual argentina se observam os mesmos fenômenos negativos que na Europa; a causa foi a guerra, mas não diminuíram com a sua terminação; o público se interessou menos do que antes pelas altas actividades intelectuais, dispensando maior atenção ao teatro e à novela; toda a vida científica gira em torno das universidades oficiais, não existindo institutos privados que cooperem na produção intelectual; as relações científicas com o estrangeiro diminuíram apesar da tendenciosa propaganda com fins políticos, os meios de informação são bons e proporcionais aos recursos; a organização internacional da actividade científica está agora dificultada pelas paixões xenófobas excitadas pela guerra, o nacionalismo e o imperialismo; as únicas orientações renovadoras se manifestam no terreno da reforma social; a moralidade pública sofreu uma depressão desfavorável ao progresso da actividade intelectual.

VIRGO PRÆDICANDA

A ELYSIO DE CARVALHO,

zelador e vedeta dos "Bastiões da Nacionalidade"

Nas plagas do Reconcavo nasceste,
Morena filha do sertão agreste,
Moça destemerosa e varonil;
Quiteria de Jesus, virgem bahiana,
Que evolnisse de gracil Diana
Em defensora estrenna do Brasil.

Dera o seu brado o Príncipe Regente,
Fazia-se mister que a nossa gente
Consolidasse o feito desse herói.
Accende-se a peleja na Bahia,
Onde Madeira em tática porfia,
A conquista pacífica destrói.

Então, afluem de distritos vários
Fogosos contingentes voluntários,
Para a obra commun de defensão.
Entre esses taes Quiteria se apresenta,
Desfarçando na impropria vestimenta
Seu feminino e bravo coração.

Examinado, inscreve-se artilheiro
O camponez intrepido, trigueiro,
De membros e maneiras tão gentis,
Que para logo desconfiam todos
Da sua compostura, dos seus modos,
Do seu porte e seus traços varonis.

Eis se descobre a cívica fallacia
E o bello ardil, a temerosa audacia
Abre um sulco de augúrios no porvir
Cinge um curto saio a vivandeira,
Que, agora, de espingarda e cartucheira,
Nos "Periquitos" lestos vae servir.

Encarniça-se a lucta horrendamente.
Quiteria, sempre indomita e fremente,
Caminha na vanguarda das legiões.

Salta impecilhos, mofo de emboscadas,
Accommette trincheiras, paliçadas,
Quadrados, contingentes, esquadrões.

Quando, em Paraguassù, varias senhoras
Se fizeram da Patria defensoras,
Num arremesso insolito e feroz;
Lá estava Quiteria, desgrenhada,
A tiros de fuzil, golpes de espada,
Guardando as águas da patricia foz.

Com Labatut, na arena de Cabrito,
Correndo aos chamamentos do seu grito,
Quiteria de Jesus presente está.
Garbosa pelejou sete batalhas
E esteve na refrega, entre as metralhas,
Que a sagraram caíde em Pirajá.

Joven, galharda, deslumbrante heroina!
Triumphaste da horrifica chacina,
Calma, ascendeste ao Capitolio, a pé.
Bem haja a Communhão da Soledade,
Que a tua fronte de epica deidade
Ornou com ramos floreos de café.

Ficaste sendo o symbolo da gloria
E entraste, eximia, os porticos da Historia,
Nascida embóra em asperos confins.
Foste, naquella hora alviçareira,
A imagem da patria brasileira,
Toucada de esmeraldas e rubins.

Agraciou-te enfim, Pedro I
Com a merecida cruz de cavalheiro,
Insignia do brasílico valor;
E em vez de marechal só foste alferes,
Enlevo e orgulho de homens e mulheres,
Pomba custodia de bravura e amor.

Carlos D. FERNANDES.



IMPRESSÕES DO SALÃO

Admirada, em conjunto, a nossa exposição oficial de bellas artes causa uma agradável impressão. Há como em todas as mostras, o que satisfaz e o que não entusiasma; o que deixa o espectador indiferente e o que commove. Pode não ser um "Salão" à altura da nossa capacidade ou como querem os que diante da nossa produção artística se abstrahem das condições do meio, da nossa educação estética, do estímulo popular ou oficial que os idealistas d'arte possuem. Acresce que o actual certamen fez-se logo após o do Centenário, o que denota esforço e dedicação dos nossos artistas.

Não podemos dizer que é inutil uma exposição de artes plásticas, mesmo quando nella não figurem, como na deste anno, pintores como Parreiras, Baptista da Costa, Visconti, Theodoro Braga, Lucílio e Georgina de Albuquerque, Bracet, Bruno e escultores como Antonino de Mattos, Francisco Andrade, Kanto, Leopoldo Silva e Mazzucchelli e que ahi falta sinceridade, quando o que se expõe, se não foi realizado com perfeição, o que em nenhum centro de arte do mundo já se encontrou, foi feito com inteligência e com alma e com a honestidade rara do artista brasileiro.

Ha obras interessantes e de valor no "Salão" de 1923. Veja-se, por exemplo, esse tumultuoso e singularíssimo Antonio Parreiras, de uma capacidade de trabalho formidável, de uma palhetaria rica de cor e luz, fremente e tropical. As suas telas, mais de setenta, ornam sossinhos uma sala enorme. E a Natureza, varia e linda, placida, dormente, auroral, evocadora e pulchra de França, Suissa, Normandia como o do Brasil, ahi vive numa transplantação emocional poderosa e numa glória fulgente de beleza.

E' verdade que a crítica sabia e exigente não vê nessa opulenta realização pictórica motivos para ficar embasbacada como ficou diante da pintura de efeito do Sr. Koek-Koek, mais cabotino que "pintor de amargura y pesadilla", renovador e das paisagens vulgares de Monsieur Louis Tinayre. Mas, apesar disso o Sr. Parreiras é um mestre incontestável. Ninguem o supera na paisagem, onde queríamos quo concentrasse todos os primores do seu talento.

Pintor individual, possuidor de uma técnica admirável, colorista audacioso e justo, Parreiras traz consigo o sentimento da Natureza universal, interpretando-a com grande alma, de cada região traduzindo a formosura e a dor, a alegria e a graça, de subito apprehendendo e traduzindo o característico deste ou daquelle lugar. Encanta na França como deslumbra no Brasil. E' maravilhoso em Vallée de la Dala (Suissa) e em Aurora nas planícies da Normandia, como nos aspectos encantadores da Corsega e nos do Brasil, de tão intensa exuberância.

Porque não ver coisas harmoniosas e de profunda existência pantheística como Castanheira de ouro (França), de uma grande, inNarrável beleza; Velho Parque, tão cheio de antírguras na solitária morada e nas arvores outonais revelando ermo e abandono? Como esquecer Outono florido, de tão enorme desalento na paisagem, que é nossa, na maravilha d'ouro das arvores em efflorescências lucidas? Último clarão (Suissa), um trecho de rua que em que os ultimos clarões do sol tocam a irregularidade do casario e que é um trabalho sobrelo e sólido — e Piratinha, admirável de encantamento nas arvores e de esplendor na luminosidade alacre do dia?

Se nenhuma dessas telas valessem como arte, nem Inferno verde, que é uma das provas mais vigorosas da Natureza brasiliaca, nem Salgueiros, nem Champfleuris, ahi estaria

esse grandioso triptico Terra natal, onde tão bem se sente a grandiosidade da mata que tão raros perlustradores tem tido, onde a Terra é um hymno gloriosissimo de melodia e luminosidade.

Só os quadros desse portentoso Parreiras despertariam o louvor de quantos sabem apreciar as bellas coisas patriciais, como têm despertado o entusiasmo vivaz dos estrangeiros. Como o emotivo do Solitude aparece esse outro mestre da paisagem lírica do Brasil que é o Sr. Baptista da Costa. Das suas quatro telas é bastante ver Nevoas da manhã, de tão doce poesia nas arvores distantes que a nevoaça da manhã envolve sob o céo calmo, sobre o lençol da agua dormente. Tudo nesse pequeno quadro é serenidade, luz meiguisceira, sereno amanhecer. E' uma tela valiosa, um pouco diferente de quanto temos admirado do notável paisagista brasileiro.

O Sr. Pedro Bruno tem: Yara, A pescadora, Symbolo das praias e Repouso e mostra que o premio de viagem lhe foi um bem apreciável. Evoluiu. Sua pintura é agora mais fresca, mais espontânea e mais bella. Pode-se elogiar com prazer o Repouso, nú de justa e vigorosa carnáçao, interpretado com justeza e boa técnica e louvar, com sinceridade, o Symbolo das praias — uma das obras mais importantes do "Salão" reveladora da nova maneira do artista. O tipo louro de mulher que saí do mar trazendo no braço uma criancinha é de muita frescura e muita simplicidade, como o ambiente é harmonioso e sympathetic.

Ao Sr. Theod. Braga de quem se não pode deixar de elogiar os trabalhos constantes e apreciáveis de estylislação da flora e fauna do Brasil, na ação de crear, como evidentemente creou, uma esthetic puramente brasileira, cabe muitos louvores pela sua tela Senhora, um esbelto tipo de mulher pintado com sobriedade, elegancia e leveza de tons, vivendo num ambiente calmo e de muita harmonia. A mulher loura, com um grande chapéu escondendo a farta cabellera, de pé, tendo no braço direito a "boa" branca, voltada para o espectador, olha direito, numa expressão serena e numa allure natural e distinta. E' uma obra de arte brilhante, digna de ser vista com aféição e inteligencia.

Uma paisagem de imensa beleza é Mangueira, desse novo eminente que é Egard Parreiras. O caminho à esquerda, a grande arvore à direita, os planos seguintes e o mar mais além, são feitos com espontaneidade e conhecimento de valores e planimetria — todo o quadro sendo rico de colorido e de ar.

O Sr. Elyseu Visconti é o pincel sempre brasileiro. Seis são os seus bellíssimos trabalhos, feitos com aquella segurança técnica que tanto se louva e aquella simplicidade inteligente, cheios de rythmo e de expressão cariciosa. De todos se destaca Afectos, de tocante sentimento e agradável maneira, como de sua obra se destaca uma alegre, festiva orquestração de cores e sonoridades.

O Sr. Paula Fonseca (João Baptista de) vai se distinguindo como paisagista, tornando-se senhor dos motivos, sentido melhor a Natureza, com melhor conhecimento de perspectiva aerea, de planimetria, mais espontaneidade e graça. E' o que revela Recanto de Fazenda, bem sentido, de agradável corte e bona luz, traduzindo a grande poesia e solidão

campestres. Retrato (aguarela) Duna ensolarada Midimite, não o envio do Sr. Gaspar Magalhães, o laborioso estudioso pintor. Bem feito, com muito caracol e conhecimento do gênero é Retrato, como digno de menção é Duna ensolarada, trecho de praia de Ipanema tocado de sol e de rumor de ondas verdes.

O jovem Sr. Garcia Bento marinista, como na He-panga Javier Jr. Wethuysen, é o "pintor de los jardines" não nos poude dar os seus jovens aspectos praieiros as suas ilhas solitarias e dá-nos apenas Tarde de sol, que confirma o seu renome. O juvenil Sr. Oswaldo Telxeira, por quem se deslumbra o Jury do "Salão", é a mesma revelação pictórica singular, inquieto, procurando a sua maneira característica, a sua luz, a propria individualidade. Cada trabalho seu revela essa inquietude, fala da sua indecisão diante da arte eterna e divina, do caos de que procura sahir, tomando rumo direito à belleza. Sua tela melhor devia ser Sinit párrulus ventre ad me. E' a mais fraca. Preferimos Recostada, de muito vigor e naturalidade e os dois retratos.

Do saudoso pintor que soube ser Arthur Timotheo o "Salão" se honra com um Retrato, que é um primor d'arte, mostrando a inteligencia sadiia que tão cedo enlutou a nossa pintura. João Timotheo figura com duas palhagens e uma mancha, esta sendo de muita beleza colorido agradável e confirmadora dos meritos do pintor.

A senhora Sarah Figueiredo merece incentivos com Maruf e Retrato da senhorinha L. B.

Manoel Santiago, que apareceu prometedoramente há tres annos expõe Yara, que o não recomenda. Cândido Fortunari fez o Escultor Paulo Mazzucchelli, cujo carácter soube fixar. O jovem Dakir Parreiras está representado com uma tela — No quintal, evidenciando a sua maneira moderna de ver e sentir as coisas. E' na feição que revela um bom trabalho.

A secção de escultura diz que não temos escultores... o que Bernardelli, Corrêa Lima, Eduardo de Sá, Moreira Junior e outros podem desmentir. Tem uma duzia de expositores, sendo de justiça que salientemos Leopoldo Silva, com Piedade; Kanto, Andrade Antônio de Mattos e Mazzucchelli. Seis são os gravadores de medalhas, à cuja frente notavelmente se salienta o mestre Augusto Girardet, os melhores sendo Leopoldo Campos, Soubre e Arlindo Bastos. Dos novos expositores da secção de architectura destacam-se: Berna, Dubugras e Francisco Santos.

A secção de artes applicadas teve apenas quatro expositores: Helios Seelinger dá-nos dous azulejos nos quais reproduz Caravelas e Nossa esquadra em evoluções; Theodoro Braga, que mostra vários trabalhos de estylislação da flora e fauna brasileiras tão desprecizadas diante das suas pobrissimas rivais, estrangeiras e uma interessante frisa decorativa animando a lenda do Veado e o jaboty. Ludovico Berna expõe um ritral, em estylo Luiz XV e duas taças e a senhora Wanda Marie mostra um tapete bordado à mão, trabalho de gosto e habilidade, feito em ariagem e lãs brasileiras sobre um desenho de Raul Peleirneiras, que na secção de pintura assigna três caricaturas a aguarella e que muito fazem rir.

E outros trabalhos ha no Salão e que nos escaparam neste relato ligeiro e pallido.

Carlos RUBENS

NOTAS & COMENTARIOS

A reforma da justiça local

Tem sido muito debatido o projeto de reforma da justiça do Distrito Federal, e varios advogados têm manifestado as suas opiniões a propósito, naturalmente cada um pensando de sua maneira e julgando errôneas as opiniões alheias... A reforma nem merece esse nome; pois não se reforma, mas se altera em alguns pontos o machismo processual, o que, se pôde ter benefícios, não parece concorrer para melhorar a nossa justiça. O que ella precisa é de uma reforma, mas reforma na extensão perfeita da palavra, essa só com a revisão constitucional. O processo no Brasil é uma causa inaudita. Basta que o leitor saiba (se já não sabe) que, afóra as 20 justiças locaes dos Estados, o Governo Federal tem tres justiças, absolutamente autonomas, como se não fossem mantidas pelos mesmos cofres e nomeadas pelo mesmo poder, naturalmente com certas variações. Ha a justiça federal, propriamente dita, ou seja o poder judiciario, de que trata a Constituição; ha a justiça do Distrito Federal, também federal, com a denominação de local; e ha a "justiça, ainda federal, do Territorio do Acre. Isso é um absurdo que salta aos olhos e por que se há de manter essa causa exdruxula e incomprendensivel?... Aliás, uma das maiores necessidades para o bom funcionamento da justiça é a sua unidade. O federalismo centrifuga da Constituição deu aos Estados a competencia para regular o direito adjetivo e a distribuição da justiça, salvo nos casos de competencia federal expressa, resultando dahi uma série de abusos, que a prática de mais de 30 annos já deve ter mostrado o inconveniente de manter o sistema. Desde os Estados, em que a magistratura é caloteada, portanto, não podem os juizes exercer a sua nobre profissão com necessaria independencia, ou se sujeitam a vexames horríveis, como acontece nesse longínquo e fantastico Amazonas; ou vivem subordinados ao império despotico da politicalha, que os ameaça sempre que lhe contrariam os abusos, findingo por persegui-los abertamente, sempre que não conseguem a sua subserviencia absoluta. E' uma verdadeira lastima o que vai por certos Estados, onde se reduz a justiça a um papel desprezível e humilhante. Essa é a maxima questão, para a qual se devem volver as vistas. Que utilidade pôde haver em crear na justiça do Distrito um juiz ináis, ou fazer mais uma instancia? Modificações no apparelho judiciario, exactamente onde melhor e mais perfeitamente funciona? Em materia de justiça, temos muito a fazer. Mas, só o poderemos fazer, reformando a Constituição. E, agora que se agita a idéa, é licito chamar a atenção para esse ponto capital. Nem o Supremo Tribunal, apesar do esforço e do trabalho intenso que têm os ministros da nossa alta corte, pôde ter reguladas as suas funções, pelo accumulo de serviço, nem ha meios de resolver. Os tribunais regionaes morreram no nascedouro, porquanto tendo o Supremo considerado inconstitucional a sua criação, e cabendo-lhe indicar os candidatos a sua composição, nunca o fez, nem o executivo pôde levar a termo a sua idéa, caprichosa até. Portanto, isso de reformas por secção não nos pôde interessar, nem vemos porque essas alterações periodicas, cuja unica vantagem é crear lugares para os felizes apadrinhados, possam beneficiar a justiça. Só uma reforma radical, unificando a justiça, facilitando o seu funcionamento, barateando o seu custo, apresentando a marcha dos processos, seria um serviço real ao paiz. Mas essa depende da revisão e, espera que a questão está em ordem do dia é justo que os nossos juristas provoquem a realização desses desiderata, com que farão obra de são patriotismo.

"America Brasileira"

O Sr. Elídio de Carvalho, um dos nossos mais fieis e prestigiosos escritores, que pôde ser autonome pela efficaç exploracão a propria industria, continua brilhantemente cumprir desenvolver o fecundo

programma cívico e cultural da sua primosa revista *America Brasileira*. O ultimo numero desse lustroso magazine, que se subintitula devidamente "resenha da vida nacional", é consagrado ao 2 de Julho, a grande epheméride bahiana, que assinala em a nossa historia a consolidação da independencia nacional.

O director da *America Brasileira*, continuando a galhardia com que sumariou os episódios do Centenario, acaba de enfeixar no presente numero uma curiosa e profusa documentação historica referente aos feitos bahianos. Essa obra de serena e imparcial indagação foi realizada com infrangível criterio, trahindo a cada passo o senso de selecção esthetic da seu abnegado cimprehensor.

Variando e duplicando o interesse desses valiosos depoimentos de coetaneos e posteriores de 2 de Julho, agrupam-se na *America Brasileira* diferentes escriptos de collaboração autorizada, todos convergentes para acentuar o relevo, a graça e o influxo instructivo da insinuante revista.

Agradecemos a visita e encarecemos a pontualidade da *America Brasileira*.

(D'A União, da Parahyba.)

CARLITOS

Carlitos foi o primeiro dos homens que soube realizar um drama cineplastico, — e nada mais do que cineplastico —, em que a acção não illustra uma ficção sentimental ou uma intenção moralista, mas faz um conjunto monumental, projectando do íntimo do sér, na sua fórmula visível e seu meio material e sensível, sua visão propria do objecto. Eis ahi, segundo me parece, uma grande coisa, um grande acontecimento, analogo à concentração nelles mesmos de todos os elementos coloridos do espaço por Ticiano, de todos os elementos sonoros por Haydn para criar as suas almas e nol-as esculpir em nossa frente. Ninguem se apercebe disso, evidentemente, porque Carlitos é um palhaço e um poeta, por definição, é um homem solemne que vos introduz no conhecimento pela porta do tédio. No entretanto, Carlitos me aparece tambem como um poeta, e mesmo, um grande poeta, um criador de mythos, de symbolos e de idéas, dando á luz um mundo desconhecido...

ELIE FAURE.

A nossa situação julgada pelo Presidente de Minas

O valor da exportação geral do Brasil, nos seis ultimos annos, expressa-se do seguinte modo, em numeros redondos, em papel-moeda, com o seu correspondente em ouro:

Exportação total do paiz

Anos	Peso em 1.000 toneladas
1917.....	2.017
1918.....	1.772
1919.....	1.908
1920.....	2.101
1921.....	1.919
1922.....	2.121

Valor papel
1.000 contos

1917.....	1.192
1918.....	1.137

1919.....	2.178
1920.....	1.752
1921.....	1.709
1922.....	2.382

Valor euro
1.000 contos

1917.....	544
1918.....	588
1919.....	1.034
1920.....	689
1921.....	403
1922.....	553

Ora, commentando a nossa situação económica, o Sr. Raul Soares, na sua ultima mensagem, externa commentarios dignos de reflexão e divulgação, pois coloca o Presidente de Minas a questão no terreno da realidade. Diz elle que, tirante o anno de terminação da guerra europeia, em que houve re-crudescencia de preços pela abertura de mercados de consumo até então cerrados, ultimo decennio, encarado sob os aspectos reais do volume e do valor ouro da exportação, foi para o paiz um periodo de retardamento económico e de depreciação dos seus produtos, apesar das apparencias de uma prosperidade vertiginosa, traduzida no volume dos negócios em papel-moeda. "E' este um phemoneno que se observa em grão maior ou menor mas, invariavelmente, em todos os países affligidos pela inflacção monetaria. A inflacção, na ordem económica desenvolve a força centrifuga, fomenta na peripheria a actividade dos negócios, a especulação sobre terrenos urbanos, as transacções a termo sobre um volume muitas vezes superior às possibilidades da producção, a conversão accelerada de outros capitais em capitais fixos (construções civis, obras publicas), a affluencia para as cidades, a multiplicação dos bancos, sem fomentar a actividade productora, na mesma proporção da actividade especuladora, antes abatendo aquella pelo desequilibrio dos factores da riqueza. Aviltando a moeda do paiz, a inflacção enfraquece a resistencia do productor contra a pressão natural do comprador externo. Se o mercado exterior offerece lib. 10 por uma mercadoria nacional cotada a 200\$, com o cambio de 20\$ a libra, no primeiro desnivelamento da taxa, se a libra subir a 25\$, aquelle passará a offerecer pela mesma mercadoria lib. 9, isto é, 225\$, que o productor acceptará na illusão de que o seu producto se valorizou."

Na verdade, ao passo que a producção decresce em algumas partes do Brasil e apresenta, no conjunto, um augmento inferior à média dos países de economia cansada, re-crudece o movimento de negócios, expresso em papel-moeda cada vez mais depreciado. No ultimo quinquenio, o encaixe dos bancos que operam em nossa patria elevou-se de menos de meio a mais de um milhão de contos; o desconto de letras triplicou: quasi triplicou a somma dos depositos á vista. Se é verdadeira a lição dos economistas e da experiência de todas as nações, devemos acordar na gestação de uma crise, cujo desenvolvimento poderá ser abreviado ou retardado, attenuado ou aggravado, conforme o caminho que for escolhido: ou alargamento da circulação fiduciaria, augmento das despesas publicas e dos "deficits", ou reforçamento das comportas da inflacção, das economias e do equilibrio dos orçamentos.

O café, que durante a guerra europeia e no período immediatamente posterior, alcançava preços compensadores, entrou a experimentar nos mercados externos uma baixa em progressão mais rapida do que a que podia ser compensada pelo alteamento do seu preço interno, proveniente da depreciação da moeda nacional. O Presidente de Minas Geraes acha que a explicação natural do phenomeno se encontra nas variações da produção aggravatedas com a retratação do credito pelos "Federal Reserve Banks" dos Estados Unidos que, em 1920, elevaram as taxas de desconto de modo a impedir a retención dos "stocks" alli existentes e a formação de novos. Ao mesmo tempo, o declínio do cambio, dissimulando a depreciação

do producto, entiblou a resistencia do mercado interno, até o ponto de tornar necessaria a intervenção oficial da União, à qual Estado prestou, na medida dos seus recursos, a coadjuvação solicitada, por se tratar de uma mercadoria basica da economia nacional e em particular da de Minas. Mas, para executar a defesa do café, para conseguir na Europa e nos Estados Unidos preços apenas razoaveis, foi necessário que o preço interno se alteasse até atingir, senão ultrapassar, a capacidade acquisitiva do consumidor nacional, das classes menos providas de recursos.

Entende Presidente de Minas que se este facto acarretar a redução do consumo do café, em vez do seu alargamento, que seria o recurso natural de defesa desse produto, provará apenas a dificuldade da solução do problema, sobre a qual tanta divergência reina entre os entendidos. No primeiro trimestre de 1920, segundo os dados da Estatística Federal, a sacca de café custava no Rio, posta a bordo, em média 88\$, que valiam £ 6.10 sh. No mesmo período de 1921 cabia a 59\$, que valiam já apenas £ 2.7 sh. No primeiro quartel de 1922, para obter a sacca £ 3.6 sh., isto é, metade do valor de 1920, mistério fôr que o preço subisse não já a 44\$, metade daquelas 88\$, nem mesmo a esta somma, mas a 105\$000. Para conservar o mesmo valor ouro ou pouco mais, no primeiro trimestre do anno corrente, teve de galgar a altura desconhecida de 147\$ por sacca.

"O problema do café, escreve o Sr. Raul Soares na sua mensagem, é uma equação económica, cujos termos são o productor e o consumidor, ambos com interesses igualmente attendiveis. Baixae o preço de uma mercadoria e terás desalentado a sua producção; deprimit-o um tanto mais, e o terás estancado. Do mesmo modo com o consumidor. Alteae o preço do genero, e torna-o-heis inacessivel á bolsa do povo. Elevai-o ainda, e comegeará a escassear a freguezia mediana. Exalte-o a artigo de luxo, e só terá a clientela dos abastados, que são o menor numero. Foi o alto preço da borracha do Amazonas que abateu essa riqueza nacional, suscitando-lhe a concurrencia irremediable da Ásia."

A área productora do café dilata-se por tres continentes, numa grande extensão. É certo que no Brasil a sua cultura encontra condições mesologicas inegualaveis, alhures, mas, em compensação, regiões ha no nosso e em outros continentes onde o braço e o transporte são consideravelmente mais baratos. Desde que se mantenha o preço estabilizado em alto nível, o concorrente não deixará de adoptar para com esse producto o processo que applicou à borracha. Vêde estes numeros da produção do café nos outros paizes, fora do Brasil:

Annos	Saccas
1889-90.....	3.965.000
1899-900.....	4.842.000
1909-910.....	4.181.000
1919-920.....	8.463.000

Produção esta que proveio principalmente da Colombia, da Venezuela e das possessões hollandezas. No entanto, para compensar essa circunstancia, o uso do café desde alguns annos se alarga progressivamente no paiz maior consumidor desse producto, os Estados Unidos, onde vem substituindo gradativamente ao chá e, agora, às bebidas espirituosas, depois da ultima reforma constitucional que prohibio o fabrico, commercio e ingestão do alcohol.

Conclue o Sr. Raul Soares que a sorte da industria cafeeira depende do resultado da luta entre a produção e o consumo. Se este avançar mais rapidamente que aquella, será a prosperidade e a riqueza. Se aquella se acelerar sobre este, voltarão os mäos dias e o desaparecimento dos concorrentes mais fracos. "Tenho confiança na preservação desta riqueza publica e na prudencia dos homens a quem está confiada a sua defesa. Não devemos, porém, dissimular os riscos desse empreendimento, inspirado por um patriotismo esclarecido e realizado com a maior competencia. Querer encobrir os seria adoptar a tactica do avestruz, que cuida evitar o perigo, encobrindo a cabeça para o não ver. O verdadeiro optimismo, condição essencial de progresso dos povos e de sucesso das administrações, não consiste em fechar os olhos ás circumstancias adversas, mas em pesal-as com exacidade, reconhecer-as com franqueza e enfrentá-las resolutamente, para prevenir as suas consequencias. Não podemos dormir sobre a bonança do café. Man-

EMPRESTIMO EXTERNO DO MARANHÃO

As recentes discussões sobre o emprestimo externo do Maranhão eram provar que essa operação foi feita em condições muito pouco favoráveis. O emprestimo é de 1.500.000 dollars a juro de 5%, tipo 5% amortização em 20 annos. E do total serão efectivamente, empregados nas obras a que se destina a transacção, apenas 1.644\$, ou seja pouco mais da metade. A outra metade é consumida logo de inicio, da seguinte forma:

	Dollars
Diferença de tipo	225.000
Despesas de emissões de apólices na America	25.000
Remuneração da Casa Ulen	187.500
Idem adicional por despesas preliminares. (2.5%)	37.500
Para pagamento da amortização em quatro annos	119.280
Idem de juros em 1923	60.000
Idem de juros em Maio de 1924	59.280
	713.068

Ou seja.

Em garantia dessa operação deu o Estado os impostos não gravados; obrigou-se a depositar as receitas arrecadadas até completar quantia necessaria ao serviço de juros e amortização; comprometeu-se a não contrair novo emprestimo sem resgatar um tanto deste, tendo a casa Ulen preferencia, em igualdade de condições, caso se fizesse novo empréstimo, e assumiu a obrigação de não alterar, para menos, durante vigencia do contracto, os impostos dados em garantia

tenhamos despertos, preparados para oscilações de preço, que são contingencias inevitáveis de todos os productos agrícolas, empenhados em baixar-lhe o custo de produção, pelo aperfeiçoamento da cultura, e em melhorar-lhe os tipos."

A situação de Santa Catharina segundo a Mensagem do Presidente do Estado

Segundo a mensagem do Governador Hercílio Luz, é a seguinte a situação do Estado, nos elementos principais de sua vitalidade: na instrução pública se notou um crescimento animador nas matrículas e no numero de escolas isoladas. Funcionaram, em 1922, todas as escolas públicas, com 31.097 alunos, sendo essa frequência de 7.8% superior a de 1921. As escolas isoladas, de 450, passaram a 500, e a matrícula nessas escolas de 23.671, em 1921, ascenderam a 25.502 em 1922. Nas escolas federaes, municipaes, subvencionadas pelas Municipalidades, e particulares, a matrícula foi de 14.553 alunos, numero que, sommado ao de alunos das escolas estaduais, totaliza a população escolar do Estado em 45.650 alunos, o que representa um aumento de 5,9% sobre a matrícula de 1921. O Estado de Santa Catharina é o que gasta maior porcentagem da sua renda com a instrução. Cuida, depois, da situação das obras do Estado, especialmente dos melhoramentos de Florianópolis. Passando a tratar das concessões de terras, em numero de 206, representando 292.476.554 metros quadrados, afóra as terras concedidas em virtude de contratos especiais. O movimento migratorio em 1922 se reanunciou, entrando 1.615 famílias, com 9.731 pessoas. A receita do Estado foi de 9.979.445\$278, o que representa mais de 37% sobre a estimativa orçamentaria, e a despesa realizada, de réis 11.344.141\$440. A dívida passiva do Estado assim se representa: emprestimo externo de 1922, 4.843.028 dollars; emprestimo externo de 1919, 9.533.18 esterlinos e emprestimo externo de 1911, 35.613 libras; dívida interna consolidada, 5.217.700\$ e dívida fluctuante 3.504.298\$480. A dívida activa do Estado é de 1.500.924\$580. Em 1922, o Estado exportou 42.891.807\$374, ou seja mais réis 11.880.309\$574 do que em 1921. O intercambio comercial com o estrangeiro foi de réis 8.736.197\$818, tendo sido a maior exportação feita para a Argentina, no valor de réis 5.931.950\$014.

Homenagem ao Mexico

Foi recebida com os maiores e mais sinceros aplausos a idéa do Deputado Domingos Barbosa, apresentando a Camara de que faz parte um projecto de lei, mandando que se ofereça ao Mexico uma estatua de Gonçalves Dias, com o duplo intuito de render uma homenagem ao grande poeta na America e de retribuir ás inúmeras gentilezas que, de algum tempo a esta parte, temos recibido continuadamente do Mexico. A elevação da Legação à Embaixada, a sua repre-

sentação por occasião do Centenario, a offerata do monumento do Cauetemoc do pavilhão na Exposição e o convite ás escriptores brasileiros para visitar esse paiz, onde têm sido recebidos com as mais carinhosas e excepcionaes demonstrações, tudo isso tornou o Brasil devedor de altas provas de afecto do Mexico, que, em boa hora o deputado maranhense cuidou, não retribuir, mas agradecer, oferecendo a estatua do nosso grande poeta, aquelle que mais vibrou a sua lyra, cantando a gente autochtona da terra americana. Estamos certos de que o projecto não dormirá o sonmo do esquecimento nas pastas das commissões, mas virá em breve ao plenario receber a approvação entusiastica do Congresso, a que se apresenta esse ensejo feliz para testemunhar ao Mexico o quanto que nos têm tocado as suas provas de cordialidade e arraigado desejo de approximação, não só económica, mas tambem intellectual entre as duas nobres patrias. A maneira por que foi acolhido o escriptor Sr. Ronald de Carvalho, na sua recente visita a esse paiz amigo, as multiplas manifestações que recebeu, não sómente da intellectionalidade mexicana, senão do Governo, principiando pelo illustre Presidente Obregon, que lhe prestou varias homenagens, é mais um indicio do alto apreço que nos consagra essa admiravel Republica, em cujo solo, plantando a estatua de Gonçalves Dias, testemunhamos um agradecimento sincero, vindo do coração.

A questão siderurgica

A questão da siderurgia nacional não teve ainda uma solução favorável, como constitue ella um dos problemas fundamentaes da nacionalidade, é interessante conhecer a opinião do Sr. Presidente de Minas a respeito desse grande problema económico. Na sua ultima mensagem, o Sr. Raul Soares declara que não é contrario à exportação do mineral, porque, possuindo o Estado cerca de 3.500.000.000 de toneladas dos maiores minérios, não ha nenhum inconveniente para o futuro encaminhar uma porção de tão opulento deposito ás nações que delles necessitam, mas acha que devemos em primeiro lugar cogitar da nossa siderurgia, assentando-a em bases nacionaes e impedindo se estableça o monopolio numa industria a que se ligam o progresso economico e a defesa do paiz.

A respeito do contracto da "Itabira Iron Ore Company", diz o Sr. Raul Soares que se recusou a assignal-o por considerar sobremeneira desvantajosa as suas clausulas. Assim se exprime o Presidente de Minas: "A Victoria a Minas estava obrigada a melhorar as condições tecnicas de sua linha e electrisical-a assim de transportar mineral de ferro a oito réis por tonelada kilometro. Pelo contracto com a "Itabira Iron" aquella obrigação passa a esta empreza, que, em compensação, terá o direito de fazer trafegar seus trens pelas linhas da Victoria a Minas "gratuitamente". Desapareceria assim por completo qualquer esperança de ficar a União exonerada do pagamento da garantia de juros a Victoria a Minas muito menos de

ter restituição das garantias a pagar. Ora, a principal razão de ser da Victoria a Minas é o transporte de minério. Das rendas deste transporte é que deveria viver. E justamente dessas rendas ficaria privada. Aliás, parece que o intuito de "Itabira Iron" é substituir-se a ella ou absorvê-la, em vista da concessão que lhe dá o contrato de fazer as linhas Itabira a Santa Cruz, entroncando nos pontos convenientes da Victoria a Minas e de colocar trilhos paralelos na zona privilegiada da mesma estrada. Os prejuízos da Estrada de Ferro Victoria a Minas que é feita com garantia de juros, portanto, com dinheiro da Nação parecem evidentes. Que a consequência do contrato seria o estabelecimento definitivo, irremovível de um monopólio é causa inseparável de discussão uma vez que ficariam fechadas a entrada e a saída do minério pelas estradas da "Itabira Iron" a qual nenhuma sequer teria a obrigação de transportar numerosos alheios. E é essencial que a linha de Victoria a Minas seja absolutamente livre, por ser o caminho natural substituível do minério do Estado para o oceano. Sem uma revisão atenta do contrato com a União, em que sejam salvaguardados tão grandes interesses, não pode, pois, o Estado facilitar o estabelecimento da "Itabira Iron".

Ao mesmo tempo encontramos na mensagem informações confirmando que a nossa incipiente indústria siderúrgica apresenta de anno para anno, sensível progresso e vai marchando lenta mas seguramente para a nossa independência da importação extrangeira. A produção do gusa em breve suprirá todas as necessidades do consumo interno e já se tem feito com sucesso algumas remessas para a Argentina e Portugal, onde o gusa mineiro foi experimentado com êxito completo, pelas suas qualidades excepcionais. Por outro lado, a esperança de podermos, em dias não remotos ver empregado em fornos altos o carvão nacional, parece que se tornará realidade mais cedo do que se supunha. Com efeito, as experiências realizadas na Europa por um competente professor da Escola de Minas, expressamente commisionado pelo Governo Federal, demonstraram que, se a hulha de Rio Grande do Sul não se presta à produção de coke para o forno alto, os carvões minerais de Santa Catharina o produzem e da melhor qualidade. Assim sendo, a questão do combustível nacional ficará de pendendo sómente de transporte fácil e barato.

Finalmente, a electro-siderurgia vai apresentando resultados promissores no país, e principalmente em Minas. De facto, o êxito da Companhia Electro-Metallurgica de Ribeirão Preto, que está fazendo aço de primeira ordem com o minério de ferro levado de Minas, abre largas perspectivas à nossa indústria siderúrgica, que, ao lado das montanhas de ferro, encontra quedas d'água poderosas e as florestas necessárias. Dentro do Estado de Minas já funciona a Companhia Electro-Siderúrgica Brasileira, que tem em Juiz de Fora um forno com capacidade de 12 toneladas diárias de aço, dois trens de laminadores e instalações para segunda fusão de ferro e aço. A Usina Queiroz Junior Limitada dispõe de dois altos fornos na antiga e tradicional Usina Esperança e outro na Estação Burnier, todos em actividade. A Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, com usina em Sabará, tem em serviço um alto forno e outro em estudos. Dispõe de fundição de ferro e cobre e de uma boa fábrica de cimento para o aproveitamento da escoria. Começa a Companhia a montagem de um forno Martin para fabricação de aço, e bem assim de dois trens de laminadores. A firma Gerspacher & Giannetto mantém em Rio Acima um alto forno de boa capacidade. Igualmente a Companhia Nacional de Altos Fornos está montando na estação de Gagé um alto forno com capacidade para 50 toneladas de gusa, que será transformada em aço por processo eléctrico. Serão igualmente instalados ali laminadores para aço de vários perfis. A nossa siderurgia, carvão vegetal sofre actualmente o emburago oriundo do alto preço de combustível nas regiões onde estão situadas as usinas. As Companhias interessadas estão enveredando para o bom caminho, com plantação de eucalyptus e outras essências, de que a Usina Esperança já tem 20.000 pis e a de Gagé 60.000. A siderurgia a carvão de madeira ainda tem, com tudo, uma vasta zona para o seu desenvolvimento, pois nas margens do Rio Doce encontrará abundante minério rico fundente e combustível.

Estudos brasileiros

Da *Tribuna de Santos*, transcrevemos, com a devida vénia, a seguinte local, sob a epígrafe *supra*:

Há um aspecto da moderna literatura brasileira — notadamente da em que se especializam os escritores centralizados no Rio de Janeiro — que não pode passar despercebido: é a maneira com que se volta para a nossa vida, para a vida do país, na qual que ella tem de mais característico, de mais íntimo, de mais apreciável, deixando para além de uma época de desânimo e pessimismo os resabos do negativismo em que nos fomos afundando.

E' ler essa forte geração de estudiosos das nossas particularidades sociais e históricas em que, ponho ao de elma Rorha Pombal, é lícito destacar os nomes de Elydio de Carvalho, Tasso da Silveira, Ronald de Carvalho, Oswaldo Orsini, Nestor Victor, Renato Almeida, Andrade Muricy, Mario Simonsen, Graça Aranha.

Com a recente fundação do Instituto Varnhagen, graças aos esforços dessa pleia pujante, vão os estudos brasileiros constituir, não só a preocupação dos altos espíritos acima apontados, além de outros muitos, como receber uma directriz, uma ordem, uma feição harmoniosa que os tornem accessíveis aos espíritos de menor alcance.

Porque a verdade em tudo isso é que tal surto espiritual, em torno da vida do país, não procede de outra causa senão esse despertar da consciência nacional que se verificou aqui desde o inicio da Grande Guerra. O terrível quadro europeu obrigou-nos a trocar a atitude passiva de expectadores de tudo quanto se passava além-Atlântico — nunca é demais frizar esse ponto — por uma outra bem mais útil: a de espectadores do nosso próprio drama histórico e social.

E aí estamos a ver com que ardor, com que desassombro enlevo, os nossos escri-

cões de Anthropologia — "Maquettes" da seção arqueológica do vale de Teotihuacan, no tempo de Quetzalcóatl (Ano dos Ventos) e da igreja de Acemann, reprodução exacta de um altar do templo do Quetzalcóatl; cerâmica peculiar da região de Teotihuacan; tipos etnográficos, em gesso, e objectos dessa região; cerâmica Muyn; álbum de photographias de ruínas arqueológicas e coleção de photographias murnes; "A população do vale de Teotihuacan", importante trabalho em três volumes, de autoria do engenheiro Manoel Gauno, Secção de estudos biológicos.

64 exemplares da fauna e flora mexicana e quinze telas, quadros. Constituirá ainda patrimônio da Sala Azteca uma rica variedade de colecção de "specimens" do Museu Nacional do México.

A estética da cidade

E' este um problema no qual se deve sempre insistir. O Rio de Janeiro é uma formosa cidade, mas sempre vítima de administradores sem gosto, de provincianismos injustificáveis, de imprevidências de toda ordem. Assim, temos encravadas na área monumental da cidade, por exemplo, na Avenida Rio Branco, entre os palácios do Supremo Tribunal e do Club Militar, algumas casinhas de fachadas modestas e burguesas, que prejudicam sobremaneira a imponência da nossa principal via pública. Por outro lado, em ruas estreitas installam-se grandes bancos, construindo predios admiráveis, como o feito para o Banco Italiano de Desconto, que é um dos mais belos edifícios da cidade, mas posto em lugar sem perspectiva, quer para se lhe contemplar a fachada. Os nossos prefeitos nem sempre têm o gosto aprimorado e o conhecimento de grandes cidades, de modo que administram o Rio como fosse qualquer cidade do interior, resentindo-se, sobretudo, essa administração de unidade. Cada prefeito, cada orientação. Além do mais, nota-se uma grande ausência de previsão, sendo que os melhoramentos são feitos, por via de regra, para um dado momento sem se contar com o vertiginoso desenvolvimento da capital, resultando d'ahi a sua deficiência tempos depois. Acontece, dest'arte, que o Rio tem a sua estética comprometida em muitos pontos, sobretudo pela construção, mestres de obra gananciosos e sem o mínimo gosto, que entulham com monstrosos as nossas ruas e estragam até a paisagem deliciosa da cidade. A Prefeitura se limita a verificar a segurança das obras, completamente indiferente à estética.

Agora, ao que se anuncia, já se estuda o plano de construção da grande área do morro do Castello, dizendo-se que uma comissão delinhe o projecto. E' momento, pois, de chamar a atenção das autoridades para a importância desse novo perímetro, que, pela sua situação admirável, se destina a ser um grande centro da vida urbana. E' preciso evitar que o primeiro indivíduo, que comprar um lote de terreno, tenha o direito de ali edificar a casa que lhe aprovou, de um só ou de dois pavimentos, com uma fachada simplicia, de acordo com o aprazimento de qualquer mestre de obra imbecil. E' preciso organizar um plano de conjunto, fazendo-o executar rigorosamente, no qual se devem cuidar das exigências do embellecimento, das condições da viação e de trânsito (outro problema insolvel e que dia a dia mais se complica), afirmando as imprescindíveis necessidades de segurança, conforto e higiene. O que não se pode continuar a ver é esse sacrifício de uma cidade formosíssima, ao mau gosto de seus dirigentes. A cada hora há lastimáveis decepções. Em lindos jardins, collocam-se estatuetas horríveis, compradas em qualquer marmorista estrangeiro; em ruas distintas permite-se que um senhorinho em briga com o inquilino pinte de vermelho a fachada da casa, inclusive as cantarias; ao lado de palácios se da licença para uma casinha pitoresca. O resultado é que o Rio, de surpreendente natureza, oferece um deplorável espetáculo de estética urbana a quem o visita, admadissimo por certo do desrespeito da Prefeitura por esses assuntos. Não sabemos se existe alguém que fiscalize a beleza da cidade (si existe devemos duvidar do seu bom gosto), mas o certo é que precisamos tornar uma realidade essa fiscalização, no caso de já haver, ou criá-la, quanto antes, se não existe, como parece. Agora, no Castello não pode haver a justificativa de que o conjunto saiu prejudicado pela diversidade de épocas, em que se cuidou da remodelação. E' preciso traçar um plano e executá-lo fielmente. Conflamos que o Sr. Prefeito Alvaro Prata tenha a necessária energia para salvaguardar a cidade de qualquer aventuras, porquanto as que aí estão já bastam.

O CUBISMO

O cubismo não é simplesmente uma fria enumeração matemática. É o corpo material que reconstruiu com lógica, obedecendo aos princípios do Universo, onde tudo é harmonia. Fóra do realismo e das suas monotônias sentimentais, é que reconquistou normalmente a verdade espiritual, única razão de ser da obra de arte.

METZINGER.

ptores dedicam livros e livros aos nossos fenômenos, indagando, perquerindo, analysando. E' ha em tudo isso um facto singular: São Paulo, que é a ação, São Paulo, que é a força realizadora, São Paulo, que é o exemplo da energia constructiva, e possue um nucleo intellectual respeitável, permanece, no tablado das letras, indiferente, quasi, ao movimento que se observa no Rio. A literatura de São Paulo continua puramente especulativa, não se contando aqui, em numero superior a cinco ou seis escritores-publicistas de mérito real.

Os prêlos na paulicéa estão diariamente despejando aos azares da publicidade volumes e volumes; poucos os que se prendem a assuntos praticos. Na quasi totalidade, obras de ficção. Eis aqui um phénomeno que está desafiando uma analyse mais detida, que a natureza deste "suelto" não comporta.

A sala Azteca

O Museu Nacional, em breve, aumentando o seu patrimônio, terá enriquecida a sua secção de assuntos americanos. O governo do Mexico, acrescentando uma nova demonstração de afecto às inúmeras provas que nos deu por occasião do Centenário da Independencia, doar-lhe-á uma rica coleção de trabalhos biológicos e arqueológicos, constituindo, assim a Sala Azteca. O pretexto que a acompanha — se pretextos são necessários para os testemunhos de amizade — é a retribuição às atenções que afirmamos aos representantes do país irmão nas festas de 7 de Setembro. Assim é que a secretaria de Agricultura e Fomento, conforme resolução do presidente Alvaro Obregón, entregará ao Museu, por intermédio do embaixador Torre Diaz, entre outros, os seguintes objectos. Se-

Ruy Barbosa

Inaugurando na sua sala de sessões, & sob a tribuna dos oradores, o retrato de Ruy Barbosa, o Instituto da Ordem dos Advogados não rendeu, apenas, homenagem à sua memória insignie, mas cunhou o próprio Direito, que teve em Ruy Barbosa, na palavra e na actividade, a sua mais alta formidável expressão. O grande advogado, será o símbolo náutico augusto da perseverança na justiça, através todos os embates da força e da insídia; da crença no direito, contra os potentados e os arbitrios; de fôr na liberdade "omnipotente criadora das nações robustas".

Essa homenagem foi como que uma canonização ao Mestre perpetuando-lhe a glória imortalizada. Da oração que produziu o Professor Pinto da Rocha transcrevemos alguns trechos de grande brilho:

"Em um dado momento da sua evolução política, cada povo tem um nome que o representa e o synthetiza.

Dentro da segunda metade do século XIX, a Itália teve Cavour; a Espanha teve Cisneros; a França teve Thiers; a Inglaterra teve Gladstone; a Alemanha teve Bismarck; Portugal teve Fontes Pereira de Melo; o Brasil teve o Visconde do Rio Branco.

Dentro do século XX, Crispi representa a Itália; Canovas del Castillo, a Espanha; Clemenceau personalizou a França; Lloyd George, a Inglaterra; Bethmann Hollweg personificou a Alemanha. Theophilo Braga, a transição portuguesa; Mitre foi o expoente argentino; Woodrow Wilson, synthetizou o espírito dos Estados Unidos; Ruy Barbosa symboliza a evolução do Brasil e do Continente sul-americano.

Esse nome foi condão da nossa Patria, desde 1906, foi a vara mágica da América.

Essa vida, Ruy Barbosa, depois dos dias luminosos de Haya, foi o oráculo dos Delphos, resurgido no Brasil.

Depois de morto, a casa de São Clemente vai ser, não o templo de Júpiter, mas o rellario de Mount Vernon. A casa da Virgínia e a casa de Botafogo serão para as duas Américas, os fósforos do grande eclipse da evolução continental.

Desde 1868, esse nome apareceu no horizonte, subiu como o sol, mas ao contrário desse, apesar de desaparecido da nossa vista, ainda não desce, e, assim, a nossa terra, desmentindo a fatalidade das leis cósmicas, parece haver parado os seus movimentos de rotação e translacão, para se deixar ficar, como extasiada, à frente do astro, embobida na luz que delle ainda emana e aquecendo-se ao calor que o seu genio espalha prodigamente, em torno.

Esse nome viveu na dispersiva movimentação da Babylonia Carioca, sem se deixar empolgá-la por ella; ora, como um centro de convergência e cohesão; ora, como um ponto de, onde enanava a força de repulsão, mas alentando sempre a solidariedade deste formigueiro humano, erguendo uma vasta officina de labuta, rasgando uma arena imensa de justas incruentas, acumulando energias, actividade, iniciativas, músculos, vontades e ciências, embora isolado na tepida serenidade da sua maravilhosa biblioteca, tempo onde ia a romagem dos crentes beber inspiração e conselho, nas horas amargas da vida; onde accudiram, de toda parte, os que tinham sede de Direito e fome de Justiça; onde os amigos se concentravam, enquanto Elle discorria; onde os inimigos emudeciam quando

Ele surgia na clamor de sua bondade austera; onde os filhos encontravam em bençãos da alma paterna os effluvios excepcionais do amor que os encantava; onde os netos lhe brincavam sobre os joelhos, como raios de sol que entrasse pelas janellas, para se descompor em sorrisos alegres no crystal da sua grande alma, asyldada num organismo pouco menos debil e quasi tão pequeno, como o dos netinhos, tal qual, na delicada contextura de uma gemma de ovo, habita em germe a poderosa musculatura de um Condor.

Na labutação interminável da intelligentia, viveu apenas pela cerebro, como as velas vivem pela chamma que se consome, dando luz; na constante elaboração das idéas, esculpidas, nas fontes da vida, as transformações do Direito, através dos séculos, as conquistas da Liberdade, através da História, e os triunfos da Justiça, sob os escombros das gerações; acumulou, em livros preciosos, tesouros inesgotáveis e imperereíveis, para que todos nós possamos ter, no recanto dos nossos lares, o direito de trabalhar, aspirando livremente o oxygenio que Deus distribuiu com igualdade entre os homens, e os homens pretendem monopolizar entre os privilegiados das seitas e das facções; transformou a eloquência em catapulta contra a opressão, fazendo de cada palavra um virote contra a violencia, de cada phrase um thermo-cauteiro contra a prepotencia; pleiteou na tribuna do Senado, dos tribunais e das Academias, a liberdade dos opprimidos e o castigo dos oprimidores; acudiu a todos os perigos; estendeu a mão a todos os naufragos socorrendo os encarcerados, abrindo horizontes novos ás almas dos moços que tentam penetrar na vida, defendendo o lar dos que, pelo trabalho, fecundam a terra da Patria; garantindo aos velhos a certeza de poderem dormir o sono ultimo da vida na terra livre do Brasil redimido e grande; poe uma aureola de glórias incruentas sobre o busto branco da Liberdade republicana, em troca da corda de espinhos e punhas, com que a caudilhagem de todas as procedencias, lhe compensou a abnegação liberal dos serviços prestados á grandeza da Patria; cimentou a paz, quando outros incitavam á guerra; ergueu a consciencia humana acima das imposições brutales da força, alaudorando a soberania do povo acima da vontade dos potentados, vendendo a espada com a penha, fazendo calar, com a voz da sua garganta, a trovoada dos canhões; evangeliou pela imprensa, como os apostolos evangelizavam na Judéia, levando a todos os pontos da terra brasileira a sublimidade das suas doutrinas concretizada na Igreja suprema do respeito, do amor e da honra; respeito á lei, respeito á Justiça, respeito ao Direito; amor á Familia, amor á Patria, amor ao Trabalho; honra ao Povo, honra á Consciencia, honra ao Dever; finalmente, ergueu o nome da nossa terra ao conceito do mundo culto, muito acima da culminância que attingiu a Libellula de Santos Dumont, porque soube revellar e afirmar á consciencia mundial, na memorável conferencia de Haya, um Brasil até então desconhecido, um Brasil novo que surgiu para o Direito internacional, como a luz emergiu do caos ao "fiat" mysterioso e omnipotente do verbo de Deus; porque soube despertar da catalepsia perigosa da inconsciencia, para a gloria responsável da neutralidade nova, na Cathedra da Universidade de Buenos Aires, a alma ensomnada de um Continente que se deixava dominar pela indolencia intertropical, enquanto se infiltrava sorridente-

mente no organismo das Repúblicas Americanas o microbio da espionagem.

Viveu amanhado as camadas sociais atormentadas; a consciencia humana, a devoção, ingratitudes, injusticas, injuras, felonias, traições; nababo de talento milionário, os serviços á Patria perdurando de magnanimitade prodigo de perfeita descer ao limulo, para subir á immortalidade, legando aos reus, apenas o maior nome que o Brasil já produziu em toda a sua historia"

O patrimônio da Vilação

Acaba de ser publicado a estimativa do patrimônio da Vilação, onde há a avaliação dos mais valiosos bens do país, como as estradas de ferro federais, o Lloyd, Correios, Telegraphos, etc.

Edifício da S. de Estudos.....	2.753.649\$980
E. F. Minas Gerais.....	59.157.787\$779
E. F. S. Luiz a. Theresina.....	39.076.227\$385
E. F. Central do Piauhy.....	7.500.970\$358
Réde de Vilação Cearense.....	92.184.035\$174
E. F. C. Rio G. do Norte.....	37.928.643\$362
Great W. of Brasil Railway.....	188.539.199\$777
Este Brasileiro	189.233.755\$572
E. F. Therezopolis	9.025.526\$557
Prolongamento da E. F. Maricá	3.392.113\$384
E. F. C. Brasil.....	623.692.000\$000
E. F. Rio d'Ouro (Reparação de Aguas Obras Públicas)	6.101.956\$694
E. F. Lorena-Piquete-Itajubá	9.000.000\$000
Réde Sul-Mineira	135.643.057\$323
E. F. Oeste de Minas.....	192.866.623\$504
E. F. de Goyaz.....	25.344.311\$554
E. F. Noroeste do Brasil.....	90.823.777\$441
E. F. Paraná	71.500.000\$000
E. F. Barra Bonita a R. do Peixe	6.477.086\$939
E. F. Santa Catharina.....	6.212.933\$105
E. F. D. Thereza Christina.....	9.869.045\$083
E. F. Tubarão a Araranguá.....	5.102.935\$943
Ramal Urussanga	2.005.245\$735
V. F. Rio G. do Sul.....	233.479.102\$926
E. F. Jacuhy	3.118.731\$386
E. F. S. Pedro a S. Luiz.....	5.663.241\$364
Ramal de S. Borja a Santiago	2.981.863\$493
E. F. Itaqui a S. Borja.....	8.783.953\$440
E. F. Alegrete Quarahy.....	2.058.357\$471
E. F. S. Sebastião a Santa Anna do Livramento....	4.587.334\$240
E. F. Bazilio a Jaguarão..	4.041.808\$401
Directoria Geral dos Correios	32.000.000\$000
Repartição Geral dos Telegraphos	74.146.942\$700
Inspectoria Federal de Obras Contra Secas (exc. V. Cearense)	154.659.225\$659
Inspectoria de Portos, Rios e Canaés	524.179.347\$342
Repartição de Aguas e Obras Públicas (exc. E. F. Rio d'Ouro).....	183.095.163\$105
Inspectoria de Illuminação.....	100.064\$000
Inspectoria Federal de Navegação	130.370\$000
Lloyd Brasileiro (P. N.).....	99.220.111\$164
Total	3.146.077.835\$050

ROUPAS BRANCAS PARA HOMENS

Sortimento completo de todos os artigos necessários á tcilette mas clina, desde o mais vulgar ao mais raro, desde o mais dispendioso ao mais modesto

PREÇOS CONSCIENTIOSOS

**HABILITEM-SE AO
NOSSO SORTEIO DIARIO
DE MERCADORIAS NO
VALOR DE CEM MIL RÉIS**

PARC ROYAL
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

NOTULAS

— O Ministro das Relações Exteriores, em nome do Presidente da República, resolviu incluir na lista de precedência, de que trata o capítulo X do ceremonial diplomático do mesmo Ministério, com a categoria de principais de sangue, os cardenais da Igreja Católica, como membros do Sacro Colégio de Roma e, consequentemente, herdeiros eventuais do Trono Pontifício.

— A produção de petróleo no México em 1922 foi de 951.004.151 barris, tendo sido a renda bruta das empresas petrolíferas de 2.000 milhões de pesos mexicanos. ora, considerando-se que os capitais investidos nessas companhias é de 1.000 milhões de pesos, e tendo sido de igual quântia os seus rendimentos líquidos, vê-se que produziram 100 %.

— Os vencimentos do Presidente da República francesa, antes da guerra, eram de Frs. 600.000 annuais, áfora somma igual para a representação. Agora permanecem os Frs. 600.000 annuais mas se lhe juntam Frs. 1.400.000, divididos em duas verbas: despesas de casa e despesas de viagem e representação. Esta clara que não se incluem as despesas com as grandes viagens. Os ministros ganhavam, em 1914, Frs. 60.000 annuais tendo hoje Frs. 50.000 e mais 20.000 para automóvel. Os sub secretários de estado, que tinham Frs. 25.000, ganham agora Frs. 15.000 e mais 20.000 para automóvel, como os ministros. Os senadores e deputados percebiam Frs. 15.000 e, hoje, 45.000.

— O bair da mais forte emigração é a Itália, seguindo-se a Inglaterra, Espanha, Portugal, Alemanha, Suécia, Suíça, Dinamarca, Bélgica e Finlândia. No quinquénio 1910-14, emigraram, anualmente, cerca de 560.000 italiani, em 1920, 412.000; em 1921, 270.000 e, em 1922, 276.960. O bair mais procurado pelos italiani era os Estados Unidos, mas devido ao rigor das leis federais, as correntes diminuíram. A emigração continental europeia duplicou, baixando a transoceânica.

— Por ocasião do recente Congresso de Bibliófilos, reunido em Paris, houve uma interessante exposição do livro francês, desde os preciosos manuscritos monásticos, tales como o Evangelista de Carlos Magno, que é do século IX, até obras modernas ilustradas por Gobelin, Hermann Paul e Bonnard. Entre as raridades, citam-se um Apocalypse, de século XIII; a *História Romana*, de Tito Lívio, do século XIV e os *Simulacros da Morte*, do século XVI.

— O Sr. Lou-Kao, director do Observatório de Pekin traduziu para o chinês a teoria de Einstein (não sabemos se em livro ou se foi um ananhangado geral da doutrina), tendo sido a obra apresentada na Academia de Ciências de Paris, onde, por certo, foi muito admirada...

— Foi inaugurado em Paris um theatro norte-americano, por iniciativa da colônia desse paiz na capital francesa. Fundou-o o actor Elwin R. Wolfe, com o grupo chamado dos "seis americanos", tendo sido a estreia feita com a comédia de A. E. Thomas: *His Husband's Wife*.

— Por ocasião das festas de Pasteur, o professor Calmette fez uma estatística da mortalidade em França, concluindo que passou de 228 a 179, por 10.000, de 1890 a 1910, o que representa uma salvaguarda anual de 90.000 pessoas. No que concerne, particularmente, às molestias microbianas, a mortalidade nesses 20 anos diminuiu de 2 terços. Também a mortalidade infantil diminuiu de 167 para 127 por 1.000 nascimentos.

— Escreveram na *American Medicine*, o Dr. Royal S. Copeland, que, segundo os documentos nells autorizados na Comissão Sanitária da Liga das Nações, o numero de casos de typho registrado na Russia, nos ultimos 4 annos, atinge ao algarismo incrível e terrível de 45 milhões, numa população de 130 milhões de almas. Como é na-

tural a intensidade da epidemia cresce dia a dia, de um modo assustador.

— O Ministro Arthur Ribeiro, ao tomar posse do seu posto no Supremo Tribunal Federal, ao prestar o compromisso regimental, o fez sob juramento: *Juro por Deus cumprir os deveres do meu cargo de acordo com a Constituição e as leis de República*, tendo feito questão que, nesses termos, constasse, do compromisso lavrado pelo Secretario do Supremo Tribunal, o que foi feito.

— Formou-se no anno passado em Madrid, um club de escriptores que leva o nome de P. E. N., club calcado sobre um semelhante existente em Londres. As tres inicias significam Poetas, Ensaistas, Novelistas. O presidente do P. E. N. de Madrid é Azorin, sobre quem a *América Brasileira* já publicou um estudo e de quem traduziu um trecho. O comité compõe-se de cinco dos mais notáveis escriptores de Hespanha: Ramiro de Maeztu, Ramon Perez de Ayala, José Maria Salaverria, Henrique de Mesa e Henrique Diez-Canedo. Na reunião de 10 de Fevereiro, foram nomeados socios honorarios os mexicanos: Salvador Dias Miron e Francisco de Icaza, o Inglez John Galsworthy, os portuguezes Guerra Junqueiro e Eugenio de Castro, os hespanhóis Armando Palacio Valdes, o dramaturgo Guimera e o pensador Unamuno, os hispano-americano Juan Zorrilla de San Martin, Leonaldo Jujones, Santos Chocano, Gabriela Mistral, Guilherme Valenzuela Henrique Larreta, Blanco Fornbona, José Varona, Urena. Nenhum brasileiro foi escolhido para socio correspondente.

— A 2 de Agosto faleceu Clemenceau, completou 90 annos. Diz um telegramma que passou esse dia trabalhando num livro de philosophia, que espera acabar nesses 15 annos... O "Tigre" levanta-se às 5 horas e, depois de suas afazeres matinaes, começa a trabalhar no livro. Que philosophia nos levará Clemenceau, depois de uma vida empolgante de ação?

— O Presidente Coolidge prestou o juramento constitucional, perante seu Pai, que é notário público, no salão de visitas da casa particular deste, usando uma velha Bíblia de família. Como não havia luz eléctrica, a cerimónia foi feita à luz de um lampião. Contraste singular: no paiz que gasta mais eletricidade, não houve uma lampada eléctrica para o juramento presidencial...

— Pela Constituição dos Estados Unidos, o Vice-Presidente preenche o tempo do Presidente que morre, é destituído ou resigna. É o que diz o n.º 6, da secção 1 do art. 11, da Constituição de 1789: "In case of the removal of the President from office, a this death, resignation, a inability to discharge the power and dutie of the so a office, the same shall devolve on the Vice-President..." Cabe portanto ao Sr. Calvin Coolidge desempenhar a presidencia dos Estados Unidos até o termo do periodo para o qual foi eleito Presidente Warren Harding.

— Em Madrid, a CALPE (*Companhia Anónima Librería Publicaciones Ediciones*), acaba de erigir o Palacio do Livro, em edifício expressamente construído para servir de livraria e onde, além de se encontrarem os mais completos sortimentos de livros de todos os países e em todas as línguas, haverá sempre uma exposição dedicada a um livro, tendo sido a primeira, ao livro francês, seguindo-se o livro italiano, o livro hispano-americano, o livro alemão, etc. Haverá também o livro luso-brasileiro? Eis a questão. Annexa à grande livraria, há um serviço bibliográfico e mais completo possível.

— A casa de Edmond Rostand, em Cambio, nas proximidades de Biarritz, foi recentemente adquirida pelo Sr. Francisco Costa, pela importância de um milhão de francos. O novo proprietário daquella famosa vivenda é um dos mais conhecidos comerciantes portugueses no Brasil.

— Uma companhia francesa explora em Paris 47 linhas de auto-omnibus, com 1.050 veículos, que representam 42.000 H. P. tendo em 1922, transportado mais de 8 milhões de passageiros.

— A famosa Bíblia do Borsó d'Este, avaliada em 250.000 dollars e que pertenceu ao ultimo Imperador da Áustria, foi adquirida por um rico industrial de Milão. A Bíblia é ilustrada por artistas do 15º século e é considerada pelos condescendentes o mais bello exemplar existente. Durante a estadia do malogrado Imperador Carlos na Suíça, no meio de dificuldades, teve que vender essa obra preciosa a um alfarrabista de Londres.

— A Academia Francesa concedeu o seu grande prémio de Literatura ao Sr. François Porché, por 14 votos, contra 9 dados ao Sr. Paul Valéry e um ao Sr. Camille Maurclair. O grande prémio de romance foi dado ao Sr. Alphonse de Chateaubriand, com o romance *La Bière*.

— A fortuna de William Vanderbilt foi de 50 milhões de dollars, sendo herdeiros os seus filhos William e Harold, áfora forte doação feita á filha que se casou com o Duque de Marlborough. Determina o testamento, que sejam doados quadros ao *Metropolitan Museum of Art*, quadros no valor de um milhão de dollars, entre os quais incluem um Rembrandt, um Holbein e um Gainsborough. Tres quartos dessa colossal fortuna eram títulos do trust ferro-viário.

— Calculam as estatísticas em 100.000 o numero de radios trocados, mensalmente, entre a Europa e a América, em 1922, expendo 37.000 a Alemanha; 31.000 a Inglaterra; 14.500 a Noruega e 14.500 a França. Este ultimo paiz, convém observar, aumentou muito o seu serviço radiographic de Novembro para cá, expedindo a grande central de Paris, diariamente, mais de 9.000 lavras pelo sem fio.

— O actual decano da Academia Francesa é o Sr. Georges Clemenceau, que está com pouco mais de oitenta annos, pois nasceu a 28 de Setembro de 1841. Segue-se o Conde de Haussmerville, que é o decano de eleição e nasceu em 1843. Vêm após Anatole France, de 1844; Jules Cambon, de 1845; Pierre de La Gorce, de 1846; Jean Richer e George de Porto Rico, de 1849. Preside actualmente à Academia o Sr. René Boylesve, que, nascido em 1867, é um dos mais moços do illustre cenáculo, só tendo aberto Georges Govan, de 1869; Henry Bordeaux, de 1870, e Robert de Flers, de 1872. Há seis vidas na Academia: de Loti, Freycinet, Masson, Rhot, Capus e Jean Alcard. A cadeira desse é a de n.º 10, numero igual á de Ruy Barbosa na Academia Brasileira, e acha-se vaga há mais de dois annos, por não haver ainda nenhum dos candidatos que a disputam obtido a maioria necessaria. Além de Louis Madelin, que perdeu a eleição por um voto anônimo, são candidatos Abel Hermant, Maurice du Plessis Flandre-Nohesse, Paul Vigné d' Octon, Auguste Dorchain e o Duque de La Force.

— Segundo telegramma de Londres, o Sr. Phillips Piditch, Presidente da Comissão de Estudos Sul-Americanos, da Câmara dos Comuns, declarou aos representantes da imprensa que toda a actividade da comissão no decorrer do anno passado foi consagrada ao estudo de questões económicas e, sobretudo, à exposição internacional do Rio de Janeiro. No proximo anno, a comissão tratará da incorporação, no orçamento, de disposições que isentem do duplo imposto de rendimento os particulares ou casas commerciais estabelecidas na Inglaterra e na América do Sul. Tudo leva a crer que a comissão conseguiu da Câmara a votação dessas medidas. O Sr. Phillips terminou declarando-se, em nome da comissão, satisfeito com a elevação, ao grau de cavaleiro, do Sr. Henry Lynch, um dos mais profundos condescendentes dos interesses do Brasil.

Portugal

Guerra Junqueiro e a sua obra

... Nunca discuti, nem jámais discutrei com quem quer que seja o valor literario duma obra minha.

Um livro atirado ao publico equivale a um filho atirado á roda. Entrego-o ao destino, abandono-o á sorte. Que seja feliz é o que eu lhe desejo; mas, se o não fôr, tambem não verterei uma lágrima.

Não faço versos por vaidade literária. Faço-os pela mesma razão por que o pinheiro faz resina, a pereira peras, e a macieira maçãs: é uma simples fatalidade orgânica. Os meus livros imprimi-os para o publico, mas escrevo-os para mim.

Com tudo, desde o momento em que eu ponho todas as minhas ideias á venda em todas as livrarias, equiparo-me a qualquer productor que manda os seus productos para o mercado

Com uma diferença no entanto. O artifice e o industrial, podem echar de reclames boubastico, de elogios próprios as esquinas das ruas ou a quarta pagina das gazetas. E' esse o seu interesse. O artista, pelo contrario, perante os aplausos ou perante as invectivas, deve manter-se absolutamente digno e silencioso. E' esse o seu dever. Um poeta não é um marceneiro. Em quanto a critica, no uso dum legitimo direito, avalia livremente os meus versos, julgando-os optimos ou mediocres ou detestaveis, eu em vez de ir para os jornaes defender a minha obra, provando que ela é uma maravilha e o seu autor um homem de genio, acho um bocadinho mais sensato e mais util esquecer-me do livro feito para me lembrar unicamente do livro a fazer. Cortada a seara e recolhido o trigo, arroteia-se o campo e semeia-se de novo.

Cheio de luz ou cheio de sombra alegre ou triste, que importa o dia de amanhã? E' um cadaver. Deixa-lo em paz. Pensem no dia que ha-de vir, fitando o azul na direcção da aurora. Só os vian-dantes exaustos é que se sentam de tarde á beira das estradas, medindo em silêncio, melancolicamente, o caminho percorrido.

Nós, os que temos ainda força, não descansemos um minuto. O dia é breve e a jornada é longa. E os que se quedam contemplativos a olhar para traz, ficam muitas vezes, como a mulher de Lot, impiedados em estatua.

A nossa obra é o nosso monumento.

Não o cerquemos de grades de ferro com sentinelas armadas para o proteger, nem desperdicemos a existencia a dor-la constantemente de novo a oiro fino, a brunir-lhe as asperezas com o esmeril dulcissimo do amor proprio, e a sacudir-lhe as teias de aranha irreverentes com

um espanador olimpico, feito de grandes caudas de pavão.

Ao contrario. Levantemos a nossa obra com toda a coragem, ao ar livre, na praça publica, sem muros que a vedem e sem granadeiros que a defendam.



Batam-na os ventos, crestem-na os sóis, lasqueiem-na os raios, a ferrugem que a vermine, a lama que a conspurque, os cães que a mordam.

GUERRA JUNQUEIRO

O novo Presidente

O Dr. Manoel Teixeira Gomes nasceu em Villa Nova de Portimão a 27 de Maio de 1862. Estudou preparatórios no Seminário de Coimbra, naquelle tempo um dos estabelecimentos de ensino mais notaveis de Portugal, matriculando-se em seguida na Universidade que abandonou depois de perdido o anno. Indo para Lisboa, ali se reacionou com alguns homens illustres nas letras, vivendo na intimidade do grande poeta João de Deus e do crítico Fidalgo de Almeida. De Lisboa partiu para o Porto, onde acamaradou com os rapazes em evidencia na bohemia litteraria, pertencendo ao grupo que invariavelmente se reunia em casa de José Sampaio (Bruno), à rua do Bomjardim, grupo de rapazes cheios de talento e de irrequieta e audaciosa mocidade cuja historia, decerto, alguem fará um dia, aproveitando os episódios em que tão fertil foi essa época de que com tanta saudade se recordam os que a ella pertenceram. Com Queiroz Velloso, hoje conselheiro, político e professor do Curso Superior de Letras, e Joaquim Coimbra, o Jovial Raul Didier que, serenando, das tumultuosas paixões que o abraçaram nos tempos felizes em que cantava as maravilhas das Palmyras loiras, se converteu no solícito negociante que hoje é, fundou o jorna'zinho de theatros pomposamente denominado "Gil Vicente", que, como todas as publicações analogas, teve vida ephemera.

Collaborou tambem na "Folha Nova", o esplendido jornal que tão especial lugar ocupa na historia do jornalismo portuguez, na "Folha de Hoje", no "Primeiro de Janeiro", e em varias revistas litterarias que então se publicavam e que, como as celebres rosas,

viviam apenas o espaço de um dia. Desta bonhemia a que se entregara, celando á irreflexão dos annos juvenis, entrou dever sahir quando uma hora de mais recolhido pensar, se convenceu de que a vida tem exigencias imperiosas e que, para se viver nella com desafogo e nobresa, é preciso adoptar um rumo que conduza a um destino certo. Estas reflexões feitas aos vinte annos, de sobejó demonstram o são criterio do moço litterato. Assim, um bello dia abulou para Portimão, onde a sua chegada encheu de alegria os extremos paes e, decidido a trabalhar dedicou-se á exploração de uma industria que desenvolveu com a maior habilidade e o mala completo exito aproveitando os mezes de mais descanso em viagens pelo paiz e pelo extrangero. Espírito de larga cultura e cada vez mais desejo de ver e conhecer o que por esse vasto mundo existe, viajou durante o largo espaço de vinte annos, percorrendo a Europa e estudando minuciosamente toda a costa do Mediterraneo. Possuindo a paixão das viagens si não pousou nas arlings da terra dos Matebeles, entre capelões de elephantes, como Fradique Mendes, de Eça de Queiroz, frequentou, na ancia de conhecer costumes ineditos, as tribus dos Touareghs, ao lado dos quais galopou sobre camellos ageis com a pericia e a tranquillidade de quem se reconhece familiarizado com o deserto. Visitou tambem com vagares e atenção de artista as grandes e sombrias cathedraes, os vastos e solemnes museus, as galerias admiraveis e os palacios sumptuosos onde se reunem as obras primas dos seculos. Dessas visitas selicidas por um alto interesse espiritual, adquiriu conhecimentos tão vastos sobre a arte e a sua historia que o infatigavel e atento viajante é hoje, sem contestação alguma um dos mais finos e subtils criticos de arte que possue Portugal. Escolhendo á paz a alegria da sua casa de Portimão, principiou a escrever para dar, com esse trabalho tão grato ás nobres almas, uma grande alegria ao seu claro espirito. São desse periodo de fecunda actividade mental os bellos livros: "Inventario do Junho", "Cartas sem moral nenhuma", "Agosto Azul" e o drama "Sabinha Freire" de que a imprensa portugueza se occupou com larguezas e que são, de facto, do melhor que tem apparecido recentemente no mercado litterario de Portugal. Ultimamente, envolvido em outras explorações industriais e agricolas, poz de lado a pena, que muito em breve retomou para concluir outros trabalhos já principiados e alguns bastante adiantados. Teixeira Gomes é, realmente, um bello e primorosissimo espirito e um dos homens de letras mais notaveis de Portugal pela sua originalidade, pelo rythmo e pela cor de seus pensamentos e pela graça dos seus conceitos.

Filho dum homem educado em França, onde ass situá à revolução de 1848, neto dum servidor de Napoleão que fez a campanha da Russia e commandou um esquadão em Waterloo, e que, no regresso á patria, só encontrou desamor e odio, sendo atirado para o Limoeiro onde apareceu morto, exactamente na vespera da Terceira entrar em Lisboa, com as tropas constitucionaes, Teixeira Gomes é tambem um grande liberal, tolerante, progressivo, com um austero e nobre culto pela justiga. Esta forma de seu caracter completa a sua personalidade tão sympathica e tão atrahente. E' um algarvio com todos os caracteres da sua raça, dominadora e forte, embalada pelo mar rumoroso e immenso, esse mar donde outr'ora, em dias mais claros para a alma portugueza, sahiram as caravelhas do Infante na ancia infinita de alargar o mundo. Descendente dos celtas, idealistas e apaixonados, o autor do "Agosto Azul" é, como elles, uma alma varonil e um espirito delicado e affectivo a que as viagens e o convívio com civilisações mais apuradas deram um encanto inuis superior e uma harmonia mais perfeita.

Com o advento da Republica em Portugal, a 5 de Outubro de 1910, o Dr. Teixeira Gomes, que foi dos que mais cooperaram para a implantação da Republica no seu paiz, foi nomeado Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario na Grâ-Bretanha, por decreto de 23 de Março de 1911, tendo sido considerado diplomata de carreira por decreto de 7 de Abril de 1919.

O programma do novo Presidente

O Sr. Teixeira Gomes, Presidente eleito de Portugal, entrevistado pelo representante da "Associated Press" expôz em linhas gerais seu programma de Governo, começando por dizer textualmente: "Tenho absoluta fé no futuro de Portugal. Irei para o governo certo de que poderel contar com o apoio e a colaboração dos meus concidadãos, pois que o meu programma não é outro senão o de todos os portuguezes: trabalhar pelo engrandecimento da patria. Não sou político, não sou partidário, orgulho-me sómente de ser portuguez de ter sido honrado com a confiança dos meus compatriotas. Sou um admirador sincero da obra realizada pelo illustre Presidente Antonio José de Almeida, obra de amor e de congraçamento de todos os portuguezes".

O Fasclismo em Portugal

O "Conselho Supremo no Nacionalismo Lusitano" publicou o seguinte documento:

1.º — Está organizado o movimento fasclista em Portugal no chamado Nacionalismo Lusitano. A sua organização é feita dentro das leis não pode ser desconhecida a ninguém, desde que se espalham entre todos os elementos de ordem os boletins de inscrição, que se lançaram a público manifestos contendo afirmações collectivas.

2.º — O Governo conhece essa organização que lhe foi devidamente participada.

3.º — A campanha que se vem levantando entre os elementos radicais, auxiliada pelo Governo, é exactamente devida à força já adquirida pelo Nacionalismo Lusitano. A doutrina do artigo de V é louvável quando aponta aos portuguezes o erro e o crime do Governo em inclinar-se para os elementos da desordem. Mas seria um erro que não aproveitaria a ninguém senão aos elementos da desordem que procuram espalhar o terror antes de tentar o golpe, o afirmar-se que não existe essa organização de resistência à anarquia social.

4.º — A organização Nacionalista, o fasclismo portuguez se quizerem, não é um agrupamento feito em volta de nome nenhum. É uma causa que todos servem. A elle pertence o Sr. João de Castro, como um dos seus mais valiosos e nobres elementos. Não nos sentindo diminuidos pela afirmação da sua chefia devemos dizer que tal não é por amor da verdade. O Nacionalismo Lusitano não tem chefes pessoais. É dirigido por um Conselho Supremo a quem todos devem obediência.

5.º — Do Nacionalismo Lusitano faz parte o Sr. Coronel João d'Almeida que abandonou toda a luta política pela causa Nacionalista. Por isso mais odiosa foi a sua prisão, apenas motivada pela sua adhesão à organização Nacionalista, e aos princípios que o Conselho Supremo redigiu e fez adoptar.

Assim ficam rectificados os erros que possam correr sobre o Nacionalismo Lusitano e que malevolamente poderão ser aproveitados para diminuir o movimento de Reorganização Nacional. — Lisboa, 8 de Julho de 1923. — O Conselho Supremo do Nacionalismo Lusitano.

Litteratura portugueza

A interessante revista *Minerva*, que se edita em Turim, publica no seu numero de 1 de Junho um artigo sobre "Alguns aspectos da litteratura portugueza". A litteratura portugueza, diz o autor anonymo do artigo, é a maior que tem sido produzida por um pequeno Estado, exceptuando-se a Grecia. O autor cita todos os grandes nomes lusitanos, Camões, Sá de Miranda, João de Barros, Lopo de Almeida, Gil Vicente, Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz, etc., qualificando-a de "litteratura essencialmente lyrical".

A obra do grande poeta

Guerra Junqueiro deixa a seguinte obra:

Poesia — *Lira dos quatorze annos*, 1866; *Misticæ Nuptiae*, 1867; *Voz s sem eco*, 1867; *Victoria da França*, 1870; *A morte de D. João*, 1874; *O crime*, 1875; *Tragedia infantil*, 1877; *A fome no Ceará*, 1878; *O melro*, 1879; *A vénice do Padre Ezequiel*, 1885; *A lagrima*, 1888; *A marcha do onio*, 1890; *Fris Patriae*, 1891; *Os simples*, 1892; *A Patria*, 1896; *Oração ao céu*, 1892; *Oração à Virg. 1904*; *Poesias dispersas*, 1920.

Pros. — *Tiaz m d roda Paranoia*, de colaboração com Guilherme de Azevedo; *Contos para a infância*, 1881; *A festa de Camões*, 1912; *Miss Cancil*, 1914; *O monstro alemão*, 1919; *Pratas dispersas*, 1912.

UM INEDITO DE GUERRA JUNQUEIRO

Viver é amar, e amar é padecer. Deus é o infinito amor infinitamente vencendo a infinita dor. Todos os grandes homens, santos, heroes, filósofos ou artistas são expressões sagradas, religiosas. A mais alta é o Santo, porque na supremo bondade está incluída a verdade suprema e a supremo beleza. Mas, quer o sabio, quer o poeta, imortalizam-se como o santo, vivendo a vida instantânea, — da hora e do lugar, com alma de eternidade e de infinito. Não mexendo num grão de areia sem abalar o mundo, não arrancando uma folha de arvore sem que o Universo lhe venha preso.

E dessa família augusta o vulto nobre de Herculano. Encarnou esplendidamente a sua existencia individual na existencia da patria, a ideia de patria na ideia humana, e esta na ideia cosmica e divina. A mascara robusta e grave do historiador emerge de uma penumbra ascética, dum fundo de luz e de mistério. As linhas duras idealizam-se, tocadas de sonho transcendente. Descobre-se o monge, o cavador, o soldado, o sabio, o profeta. Sente-se a visão magnifica do homem heroico e religioso.

Osculemos todos a sua memoria, para exaltar o nosso espirito e purificar os nossos labios.

GUERRA JUNQUEIRO.

Os funeraes de Guerra Junqueiro

A decoração dos Jeronymos para os funeraes do Poeta foi feita pelo pintor Columbano, o grande mestre portuguez, tendo a orchestra do maestro Francisco de Lacerda executado no côrdo do templo-pantheon o "adagio" da Terceira Symphonia, de Beethoven (*heroica*), que é a marcha funebre do Heroe. Foi essa a unica voz que se levantou para celebrar a gloria do grande Poeta, que repousa ao lado de Camões, Herculano, Garrett e João de Deus.

ORIGENS DA NACIONALIDADE PORTUGUESA

Numa notavel conferencia, realizada em S. Paulo, o Sr. Ricardo Severo, falando sobre as origens da nacionalidade portuguesa, sustentou, com copiosa documentação alheia e propria, em valiosos trabalhos originaes, a existencia de uma raça lusitana com uma civilisação propria e com caracteres essenciais bem definidos que ainda hoje persistem, apesar de todas as influencias de alguns povos sobre outros, mercê da approximação e do cruzamento inevitaveis nas actuaes condições do mundo civilizado. Desse facto decorrem varias consequencias que explicam a historia da nacionalidade portuguesa à luz de um novo criterio, e justificam o culto das tradições nacionaes, como uma força propulsora de altos ideaes de democracia e de progresso no concerto pacifico das nações. Esse excelente documento de scienzia e de patriotismo, acaba de ser reimpresso e largamente distribuido pelo Governo Portuguez, por iniciativa do Ministro da Instrucção Pública.

Commentando a deliberação do Governo de Portugal "O Mundo", de Lisboa, publicou as seguintes linhas, que reproduzimos com a devida venia:

"O Sr. Dr. João Camoesas, Ministro da Instrucção Pública, resolveu mandar imprimir e distribuir pelas escolas o opusculo de Ricardo Severo sobre as "Origens da Nacionalidade Portuguesa". Passou quasi desprezida esta patriotica resolução, pela qual, no entanto, o Dr. João Camoesas demonstra efficazmente o seu intuito de criar em Portugal um forte e duradouro sentimento cívico, de que tanto carecemos e para cuja eclosão a Republica nada ou muito pouco tem contribuido. E essa falha é a maior e a mais grave da sua obra educativa. Não conseguimos ainda, com efecto, libertar-nos do comodo scepticismo e da indifferença covarde que, desde o meiado do seculo XIX, divorciou os portugueses da vida e do futuro da sua patria. São por demais conhecidas as razões desta perigosa attitude. Mas as suas consequencias surgem-nos com nitida virulencia na educação e no ensino publicos. Não ha um ideal collectivo a orientar os professores, não ha uma doutrina cívica para transmitir aos alumnos.

Permanece mas nossas classes dirigentes a noção falsa de que a formação da nacionalidade se deve attribuir apenas à vontade de um rei destemido e audacioso, e runca a um mandato imperativo da raça. Portugal aparece-nos assim como um paiz sem justificação ethnica e geographic, uma patria de acaso, sujeito só ás fluctuações de character e ás aventuras politicas dos seus governantes. Por isso, é frequente a opi-

nião, tantas vezes defendida por gente culta, de que a revolução de 1640, separando-nos outra vez da Hespanha, foi um caso histórico, a que a nossa grandeza e prosperidade seriam infinitamente maiores se não tivessemos readquirido a independencia e a autonomia da nação livre. E, na verdade, a acreditarmos que Portugal é uma "invenção" de D. Affonso Henriques, torna-se logico suppor que nem humas causas mais profundas e mais sérias de qualquer modo condicionam e garantem essa independencia e essa autonomia. A multidão inculta, obscuramente, no seu instincto rude, inas segura, reagiu sempre contra este criterio, sobretudo nos momentos de perigo. Não podia, nem sabia, porém, como é natural, exteriorizar em orientação firme e constante o seu insciente protesto. De resto, qual a força que se apoiaria uma accão orientada da alma collectiva, se, precisamente, a essa alma collectiva se não davam fôros de personagem importante e indispensavel na história de Portugal?

Sem ella, no entanto, sem a sua permanente intervenção de que nos teria servido a iniciativa isolada dos nossos grandes homens? Não perlurarla além da existencia de cada um... Não ha, com effeito, genios individuaes que inventem patrias. Nem energia alguma, por maior que seja, leva um povo a expandir-se e a multiplicar-se pelo mundo afóra, durante tres seculos, como nós fizemos, plasmindo tantas riquezas e populações ao nosso impulso criador. Mas esta verdade axiomática foi posta em duvida de tal maneira que os portuguezes se julgavam um proprio, sem características fixas, e, por isso sem ascendencia definida, sem passado tanto, sem um destino seu a realizar. Portugal surgiendo por vontade de um homem, isto é, por um artificio — que liame indistrutivel poderia ligar os seus habitantes num ideal communum, num ideal de futuro que torrasse coercivas as aspirações, os interesses moraes e materiaes, e as ambicões dos portuguezes? Nenhum, decerto. Dahl esse aspecto somnambulo do povo, que muitos observadores notaram, e que não era senão o resultado da nossa anciade em procurar de novo a palavra magica, e perdida, capaz de dizer o segredo do nosso antigo poder, as causas da nossa gloria passada, e por consequencia, a finalidade da nossa existencia presente.

Ora, é essa palavra reveladora que Ricardo Severo nos trouxe estudando e explicando as "Origens da Nacionalidade Portuguesa". E, por que? Porque demonstrou que sendo o nosso territorio "uma unidade geographicamente independente", como o ilustre Silva Telles minuciosamente e irrefutavelmente o prova e justifica, também, dentro da Peninsula Iberica a gente portuguesa conserva-se em uma formula ethnica com felicidade distinta dos outros nucleos de população peninsular". E' sempre o povo lusitano "localizado como no tempo do geographo Strabão". E delle descende, directamente, a "nacionalidade portuguesa", proveniente desse anterior composto ibero-ligure que, apesar das suas diminutas proporções, resiste e constitue-se sob os grandes cataclysmos historicos que assolam o paiz, e luta heróicamente pe'a sua independencia, ocupando algumas paginas da historia da humanidade com as suas epopeias de immortadura e universal gloria".

REPERTORIO



"A revelação de uma consciência nova"

"Assistimos, diz o Sr. William Speth, em *La vie des Lettres et des Arts*, ao que parece, em França como nos demais países, a revelação de uma consciência nova. Preferimos a ação ao pensamento e os escritores admitem a superioridade do pensamento sobre as paixões; ligam mais importância às manifestações de uma do que de outra.

Um sopro vivificante varre os miasmas do materialismo e do racionalismo. Os condutores de homens que fixam a evolução da inteligência glorificam a vitória da idéia pura que domina enfim as nossas sensações, nossos gostos e nosso espírito instáveis.

A princípio, a idéia não era senão um germem num espírito e cis que ella desabrocha, que ella convence mesmo seres que não a comprehendem mais integralmente, porque ella sabe dissimular as suas fraquezas e as suas loucuras, e ocultar a sua severidade sob o manto da paixão. De costume, ella nasce pelo raciocínio e propaga-se pela sensação conquista-nos pelo coração. Ella sobe, avulta até ao mysticismo onde, finalmente, atinge ao ponto culminante da sua força e no máximo da sua eficácia.

Nascida da observação imparcial, a idéia, na sua marcha regular, alimenta primeiro a necessidade especulativa dos sebos; ella volta em seguida para a vida donde saiu, onde, como uma semente atirada ao acaso dos ventos, ella germinará, crescerá, e entenderá seus ramos por sobre o mundo.

Assim se verifica o phänomeno o mais estranho e o mais mysterioso; a humanidade não se deixa guiar pela razão, ella obedece raramente a sensações espontâneas e a sua marcha é alumada pelos homens de sensibilidade super-aguda que sabem amar as idéias como nós amamos uma mulher e cujo raciocínio é sustentado por uma convicção que guia e estima a sua inteligência sem deturpala.

Sómente estes foram ouvidos da multidão que se exalta e que ama; são os grandes místicos cuja fé vivificam as teorias,

cuja razão domiou pela inconsciência, cujo verbo reverberou pelo mundo porque elle se impunha pela certeza da verdade e a magia do amor.

Se o mysticismo esclareceu algumas intelligencias, elle precipitou muitas outras no absurdo e no nada. Assim, jamais elle conseguirá substituir a razão e é pouco provável que forças suficientes nos envolvam para nos dirigir, não grado nós mesmos, nem o sabermos, para a verdade e a luz. Também no impeto da inconsciência ou da revelação, os espíritos superiores sentem-se quasi sempre levados para uma fé existente e teorias conhecidas. O impeto das idéias deduzidas não será jamais proporcionado à força da evocação mística, mas sim à altura da inteligência e ao rigor do raciocínio.

Pelo contrario, o ruído dessas idéias no mundo, as conversões que não de operar na multidão, a violência com que se impõem, não só à nossa inteligência, como também ao nosso coração, dependerão dessa iluminação invencível e espontânea."

O Sr. William Speth tocou num dos aspectos mais curiosos da grande evolução que se prepara no espírito humano. O factor inconsciente, a que elle confere o papel tão importante, parece nos o essencial nessa gigantesca transformação que preoccupa os pensadores e apavora muitos espíritos. De facto, o materialismo e o racionalismo parecem bem mortos. A falência da ciência não é um palavrão vã. Mas a fallência da inteligência também é cabal. Debalde o mundo de-norte-a-sul procura uma nova disciplina. O inconsciente domina. Rehabilitam-se os instintos. O espírito humano inhibido, põe-se em marcha, sequioso de intensidade. Nesse transe dramático podem surgir as trévas ou um novo rythmo de vida. Qual dos dois ao certo? O segundo com certeza. A vida é movimento eterno...

O momento francês

A propósito da França de hoje, lemos o artigo seguinte, que vale transcrever: — Muito se falou do desenvolvimento do fascismo na França. Parece que esse teria dificuldade em se acclimatar ali. O fascismo supõe e implica a ditadura, e a França de hoje permanece fiel às suas idéias republicanas e às suas doutrinas democráticas. Admitindo mesmo a possibilidade de um golpe de estado anarquista contra a república, há grandes possibilidades que os realistas não adoptem métodos de combate similares aos dos fascistas. Com efeito, a própria divisão e a força respectiva dos partidos da direita e da esquerda parecem assegurar à França um equilíbrio político, ainda firme no presente.

Outros problemas de interesse imediato preocupam o país. Em primeiro lugar, o da reconstrução dos territórios devastados. E' preciso não esquecer que, segundo os dados mais recentes, o número de comunas destruídas se eleva a 3.255, o que representa uma superfície de 3.337.000 hectares e uma população de 4.000.045 de almas (1º de Abril de 1922). As despesas que exigem as reparações são consideráveis e o número de operários empregados não faz mais do que crescer.

A questão do equilíbrio orçamentário deve merecer toda a atenção. O déficit previsto para 1923 ultrapassa de um milhão e de 1922 e vai a 6 bilhões. As despesas militares agravam sensivelmente as finanças.

A população da França é ainda um factor que se deve levar em conta, se se quiser lutar eficacemente para o seu ressurgimento. Apesar da volta da Alsácia-Lorena, e do computo dos três departamentos da Mosela, do alto e do baixo Rheno houve na França, neste momento, 500.000 habitantes a menos do que antes da guerra. E' certo que as perdas de homens durante o conflito, devem ser tomadas em consideração, mas convém notar que, em 1920 e 1921, anos que se registram mais casamentos e em que houve um excesso de nascimentos sobre mortes na população de 327.000, essa porcentagem foi ainda inferior à do período decenal de 1911-1910. Por outro lado, em 1922 e 1923 de novo se manifestaram os symptoms de despopulação. Durante esse tempo a Alemanha registrou, em 1920, um excesso de nascimentos de 623.000 almas ao passo que na Inglaterra se eleva a 491.000.

A infelicidade da França é de permanecer hoje num isolamento quasi completo, onde se relegam, de um lado, política económica da América e da Inglaterra e, do outro lado, a atitude quasi passiva da Itália, nas questões concernentes à paz da Europa.

Publicidade e Litteratura

O Sr. Jean de Bennefon, respondendo à enquete de *La Revue Mondiale*, sobre a publicidade e as letras, disse apenas: — "A publicidade matou a critica! Só Deus pode ressuscitar os mortos".

Terá, de facto, o reclame, contra cujo mercantilismo ainda agora se levantam as armas do Sr. Camille Mauclair, o poder de matar uma das mais altas expressões da inteligência humana? Si assim o for, poderia a critica esperar a sorte de um novo Lazar? E's duas perguntas que o leitor bem nos poderia responder e, se se desse ao trabalho, muito nos honraria.

Sanuário

ALFAIADE

Rua Rodrigo Silva, 18—I.º andar

HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

O Presidente dos Estados Unidos

O Sr. Calvin Coolidge, eleito com Harding, substituiu o seu companheiro de chapa, quando não esperava. Passando a primavera plena da política norte-americana, quando se vai abrir a campanha presidencial, o Sr. Coolidge vai desempenhar agora uma função importante na solução dos problemas partidários provenientes do desaparecimento prematuro e inesperado do Presidente Harding. Tudo indicava que o grosso do partido acabaria por concordar com a reeleição do Sr. Harding, e toda a dificuldade ficaria para os democratas. Os republicanos intratigantes ou ultra moderados, deviam ceder diante da conveniência da unidade do partido. Agora, tudo mudou e a influência do Sr. Coolidge, que já era grande, tomou outra feição. O novo Presidente dos Estados Unidos é um homem de cinquenta e um anos, e se pode considerar um novo, apesar de seu largo tirocinio de mais de vinte anos de vida política. Nascido a 4 de Julho de 1872, o Sr. Calvin Coolidge, estudou em Plymouth, sua terra natal, e depois em 1895 graduou-se em leis pelo Colégio Amherst, abrindo banca de advogado meses depois em Northampton. O seu feito de batalhador causou sempre impressão em Massachusetts e assim, entrando na política, o jovem advogado ganhou fama pelo seu espírito resoluto, combatendo com igual calor os excessos do argentinismo e do syndicalismo. Assim foi eleito para a Câmara de Representantes de seu Estado, onde ocupou posição de destaque de 1907 a 1908. Depois foi *mayor* de Northampton, de 1910 a 1911, tendo realizado várias reformas importantes. Ser *major*, chefe do poder executivo municipal nos Estados Unidos, é exercer uma ação poderosa e prática em todos os ramos da administração porque lá as atribuições das municipalidades são muito extensas, indo até à polícia, etc. Depois, foi membro do Senado Federal, de 1911 a 1915. Era, no começo da guerra, e apesar de seu americanismo, primo do professor cujas doutrinas sobre o monroismo fizem tanto sucesso na Europa e no Brasil, o Sr. Calvin Coolidge. Senador, depois Vice-Governador de Massachusetts sobressaiu-se logo pela sua atitude diante das perturbações resultantes da liquidação da guerra. Foi dos que mais profligaram os elementos dissolventes, contra os que exageravam a crise de trabalho. Eleito Governador em 1918, reeleito em 1919, elle foi um elemento de ordem e de pacificação moral. A parede de polícias de Boston pareceu à opinião pública, sempre vibrante e entusiástica nos Estados Unidos, como um caso típico do estado de espírito produzido pela guerra. O sobresalto foi grande, varecendo a uma corrente impressionada que o mal poderia alastrar e que convinha contê-lo. O Sr. Coolidge mostrou, no momento opportuno, que, sabendo respeitar a liberdade de cada cidadão, não poderia permitir nenhum abuso dissolvente e desorganizador. E o advogado, o político de combate soube reprimir com energia a parada de polícias e outras que se tentaram alastrar. O seu nome deixou de ser de uma celebridade local e ganhou logo a fama em todos os Estados Unidos e foi analysada pelos grandes jornais da Europa. Era um representante de uma geração moça, mas que releva acima de tudo a ordem. O Sr. Coolidge passou a ser o homem do dia, e assim na Convenção Republicana o seu nome reuniu todos os suffrágios para o segundo lugar na chapa. É um bello tipo de americano moderno, anglo-saxónio sem mescla, homem de leis, político de rápido prestígio, conhedor de negócios administrativos, homens de negócios, que em todas as suas campanhas políticas sempre demonstrou acompanhar as grandes linhas de orientação do Sr. Harding. Pátria-americano é o tipo do advogado de interior, feito político como o Presidente falecido era do jornalista. Como Harding, e, porém, um velho mestre de

seu partido e toda a política dos Estados Unidos não tem segredos para ele, e assim o mundo, a América, como os norte-americanos, podem confiar na eficiência da ação do novo presidente, que passa a ser em virtude de ter falecido o seu companheiro de chapa depois de completar mais da metade do tempo de seu mandato. Em 1919, nos Estados Unidos, repercussão da confusão da guerra, a Federação Geral do Trabalho queria tomar uma atitude revolucionária e subversiva, e chegou a atrair funcionários e até polícias. A parede dos polícias de Boston era um resultado desse trabalho demolitor. O Sr. Coolidge disse então, numa frase que ficou celebre, que admitia todas as liberdades, menos a de ser contra a ordem. A sua figura passou a ser representativa da resistência conservadora às reivindicações socialistas e comunistas. Daí a sua popularidade. Orador agradável, conquistou depois legítimos sucessos como tribuno e é considerado como dos que fallam com mais bom senso e calma no partido republicano. Num momento dado, o Sr. Coolidge representou a ordem, quando pela crise depois da guerra Clementes subversivos tentaram abalar a estrutura conservadora da sociedade norte-americana. Por isso, adquiriu rapidamente uma nomeada justa e representativa.

O Sr. Stanley Baldwin e o seu avô

E' sempre interessante conhecer a vida do chefe do gabinete ing'ez, um dos homens que concentram nas mãos maior somma de poder, governando as Ilhas Britânicas e, de certo modo, todo o Império. Equivale a dizer, pensando nas decisões da Europa e do mundo inteiro. Pois bem, o homem que reune agora essa somma considerável de mando e de responsabilidade é neto de um clérigo, o reverendo George Browne Macdonald, que exerceu seu ministério em Wolverhampton e que é também avô de Rudyard Kipling sendo o primeiro inglês primo irmão do primeiro romancista britânico. Esse avô de ambos foi um pamphletario, com a ingenuidade de todos os destruidores e pregadores, dizendo que tudo está viciado e perdido e que só nas suas receitas está a felicidade. Escreveu um livro contra o romance, em 1832, e, em 1841, uma brochura com esse título: *Da obrigação para os cristãos de se absterem das bebidas alcoólicas*. Dizem que o Sr. Baldwin é partidário da lei secca na Inglaterra, com o que muito honrará a memória puritana do seu reverendo avô.

Hugo Stinnes

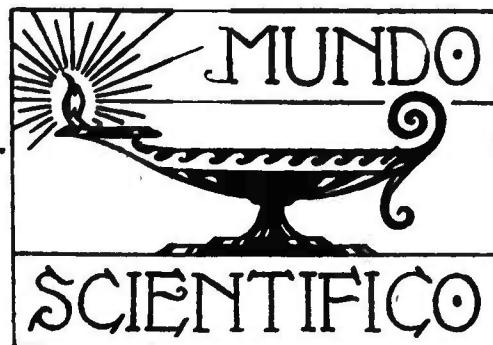
Passou, há pouco, pela nossa capital, um filho de Hugo Stinnes e logo se disse que esse poderoso industrial volta as vistas para o Brasil, o que, embora desmentido pelo nosso hospede, não se desfaz. Diz-se que Stinnes se interessa pelo carvão nacional e tentaria adquirir jazidas em Santa Catharina, havendo mesmo quem affirme a existência de negociações nesse sentido. E', pois, interessante relembrar quem é Stinnes. As variadas empresas à frente das quais se encontra esse grande cérebro, exercem em toda a Europa central uma actividade assombrosa, nos diferentes ramos da sua especialidade, com uma técnica e uniformidade de ação surpreendente. Raros são os íntimos de Stinnes que ignoram esse admirável sistema económico que funciona com uma precisão cronometrica. Nos agrupamentos dos "trusts" Stinnes, com uma excelente imprensa à frente, estão compreendidas companhias de navegação, hoteis, empresas florestais e agricultoras, na Hungria, Rússia, China e Mandchuria. E' sobretudo nas indústrias carboníferas e siderúrgicas que a ramificação é mais completa. Na alta Siberia, foram adquiridas pelo "trust" do aço e ferro, as minas Bismarckshutte e Katowise (sociedade mineira) com as importantes fundições da Westphalia e as ultimas aquisições realizadas na Alemanha ocidental e federada sob o nome de Rhine Elbe Union, a S'emens-Schuckut e as carvoarias de Brunswick. Stinnes conseguiu dominar a maior parte da indústria germanica, methodicamente, desde o Reno à Ponte. Anteriormente à organização da Rhine Elbe Union, as indústrias Stinnes dispunham de das seguintes e formidáveis riquezas: Produção, anual: hu'ha 21 milhões de toneladas; coque 4 milhões; aços e ferro 5 milhões, isto sem contar as empresas no extrangeiro, tais como a "Alpine Montangesellschaft", na Áustria, as fundições Liptak & C. na Hungria e as indústrias balkanicas da Lugar Grue. No entanto, estas indicações não dão uma idéa exacta do colossal esquife do grande imperio Stinnes. O seu formidável poder de ação e controle escapa a mais minuciosa estatística. Nessas paisagens apocalípticas do Ruhr, centro da maior organiza-

ção industrial do mundo, desde a hulha nos aços fornos, até aos luminadores e às fábricas de munições, movimentam-se diariamente 35.000 operários e produzem-se anualmente 85.000 toneladas de ferro só nas gigantescas fábricas Stinnes, cercadas por florestas de chaminés recortadas por contendas de linhas ferreas e canais. Esta estranha figura de político e industrial, o novo imperador alemão que, segundo Rechberg, a sua autoridade dentro da Alemanha é tão excepcional que, de facto, ultrapassa do governo, acaba de adquirir mais dois grandes diarios alemães, elevando assim a 140 o número de quotidianos da imprensa Stinnes. Agora, ao que se anuncia, Stinnes está desenvolvendo dois novos "trusts" — o do óleo e os annuncios. Anuncia-se que projecta adquirir o monopólio do petróleo da Tchecoslováquia, tendo já se apoderado de grande parte das ações da chamada Companhia Industrial de Petróleo, como também das usinas de óleo mineral "Olea" do Frankfort e das companhias de óleo de Hamburgo e de Stuttgart. Anuncia-se também que Stinnes possui interesses na Argentina e que até agora não procurou dar maiores desenvolvimentos. Ao mesmo tempo informa-se que ele adquiriu direitos de "controle" na "AIA", grande empresa que exerce a sua influência numa larga parte do serviço de collocação de anunciantes nos jornais de toda a Alemanha.

Os Presidentes e Vice-Presidentes dos Estados Unidos

Num artigo de Bassano, colhemos as seguintes notas interessantíssimas, feitas propósito da sucessão de Harding pelo Sr. Coolidge:

Dos vinte e nove Presidentes dos Estados Unidos, Washington, re-eleito, Adams, Jefferson, re-eleito, Madison, re-eleito, Monroe, re-eleito, J. G. Adams, Jackson, re-eleito, Von Buren, Polk, Pierce, Buchanan, Grant, re-eleito, Hayes, Cleveland, Roosevelt, eleito depois de ser vice-presidente em exercício. Taft e Wilson re-eleito preencheram o tempo de seu mandato presidencial. Harrison, que tomou posse a 1841, foi presidente só um mês, morrendo aos 68 anos, de complicações hepáticas. Taylor, inaugurado em 1849, governou um anno e 4 meses, falecendo com 65 anos de febre biliosa. Lincoln foi assassinado com um mês e 11 dias de segundo período presidencial; Garfield com dois anos e tantos, MacKinley, com 6 meses e 10 dias. Assim dos seis presidentes que morreram no posto, três foram assassinados. O Sr. Coolidge é o sexto Vice-Presidente feito presidente. O primeiro foi Tyler, democrata, que sucedeu a Harrison em 1841, governando 3 annos e 11 meses. O segundo Flimore, que substituiu em 1850 a Taylor, presidiendo a república durante 2 annos e sete meses. O terceiro Johnson, sucessor de Lincoln, republicano, governando 3 annos e 10 meses. O quarto Astor, que continuou o tempo que faltava a Garfield, tendo uma presidencia de 3 annos e 5 meses. O quinto Roosevelt, que sucedeu a Mac Kinley governando dois annos e 5 meses, lo depois eleito Presidente para o quadriénio seguinte. O Sr. Calvin Coolidge é o sexto, portanto. O novo Presidente chega ao Governo supremo com 51 annos. Washington quando tomou posse, tinha 57, Adams 51, Jefferson 57, Madison 57, Monroe 58, T. S. Adams 57, Jackson 61, Van Buren, 59, Harrison 68, Tyler 59, Polk 49, Tayor 64, Filmore 50, Rince 48, Buchanan 65, Jackson 56, Grant 46, Hayes 54, Garfield 49, Arthur 50, Cleveland a primeira vez 47 e a segunda 56; Harrison 55, MacKinley 54, Roosevelt 42, Taft 51, Wilson 56 e Harding 55. O Sr. Coolidge foi e é um advogado e homem de leis, como Adams, Jefferson, Madison, Monroe, o segundo Adan, Jackson, Von Buren, Tyler, Filmore, Pierce, Buchanan, Lincoln, Garfield, Arthur, Cleveland, Harrison, MacKinley, Talft, Adams começará, porém como professor primário, Filmore e Johnson como alfaíates, Lincoln com lenhador, Garfield, Arthur, Cleveland, como professores; Washington era proprietário agrícola; Roosevelt publicista, Wilson professor, publicista, historiador e constitucionalista; Harding, jornalista e director de jornal, Harrison tinha sido militar, e era proprietário agrícola quando foi eleito e Gant militar. O Sr. Coolidge é o 21º homem de leis, jurista, advogado ou juiz, que sóbrie a Presidencia dos Estados Unidos. Assim só oito não foram o que nós chamamos bacareis, tres agricultores, um General, um alfaíate e tres jornalistas e publicistas. Contamos 29 Présidentes antes do Sr. Coolidge dando duas vezes o nome do Sr. Cleveland como Presidente, porque exerceu dois mandatos com o intervalo de um período presidencial.



O misterio do homem equatorial

O Dr. Muraz, medico frances, é um homem paradoxal. Durante quinze annos ele correu os sertões africanos, armado da sua seringa hypodermica e de uma Kodak, para tratar as victimas da molestia do sonno e fixar na pelicula os mais estranhos espetáculos que os olhos do homem possam ver. O paciente Dr. Muraz voltou a Pariz para publicar um livro em que resume os problemas mais importantes da Africa Central, livro sobre o qual o Sr. Pierre Mille chama toda a nossa atenção. Segundo a opinião do Dr. Marcelin Boule, professor de anthropologia prehistórica no Museu de Pariz, é no centro africano que se encontrará, com toda certeza, exemplares vivos da humanidade prehistórica. O Dr. Muraz acrescenta que encontrou na grande selva equatorial, primitivos cujo aspecto simiesco era extraordinário. É interessante também notar as semelhanças existentes entre os primitivos da África e os da Oceania e da América, porque se a evolução pôde explicar que no Congo como na Polynesia os homens fabriquem tecidos com cascas de arvores batidas e usem as mesmas tângas com cascas de folhagens, como interpretar a similitude de costumes entre mulheres saras-jingés e as Aymorés do Brasil, que usam a mesma taboa inflada no beiço? É duvidoso que se encontre já mais o indivíduo traço-de-união entre o macaco e o homem actual, pensa o Sr. Pierre Mille. Talvez tenha existido a especie intermediária (mas será talvez num continente desaparecido, como aquelle que unia a África ao Brasil, e que se afundou há milhões de annos, antes que fosse submersa a Atlântida quaternaria). O que faz que não só ignoramos hoje, como sempre ignoraremos essas origens. E todavia se o descobrissemos um dia, mais evoluido do que o homem, verdadeiramente homem mas tão perto do gorilha quanto o Dr. Muraz nõ o mostra, num canto da floresta equatorial... .

Confirmando a theoria da relatividade

No *Journal of the Royal Astronomical Society of Canada* (numero de Maio ultimo) vem publicado um artigo do professor R. K. Young, do Observatorio de Victoria (Canadá), em que expõe pormenoradamente o metodo de medida empregado para o estudo das chapas photographicas tomadas na Australia, quando da recente expedição canadense, durante o eclypse do sol, em 20 de

Setembro ultimo. Foram duas as photographias tiradas, em cada uma das quais se veem a coroa solar e cerca de 25 estrelas, das quais, porém, apenas 19 puderam ser medidas. As photographias de controlo foram conseguidas na ilha de Tahiti, em condições astronomicas e meteorológicas semelhantes às tiradas na Australia, durante o eclypse. Depois de preparadas as chapas e verificadas os erros e desvios, foi feita a medição, no Observatorio de Victoria, incumbindo-se desse trabalho os professores Young e Harper. As medidas foram repetidas 7 vezes por cada observador, sendo depois corrigidas, devido aos desvios da refracção, da aberração e da superposição das chapas. Os valores assim obtidos foram introduzidos em 38 equações com 7 incógnitas, que foram resolvidas pelo método do mímimo quadrado. O resultado é que a desexão, assim medida, está acordo com os cálculos de Einstein, oscilando entre um segundo e quatro décimos e dois segundos e um décimo; o valor medio de um segundo e sete décimos é igual ao predito pela theoria da relatividade, assim confirmada mais uma vez.

Um inquerito sobre Einstein

A revista "Scientia" iniciou um inquerito internacional, a propósito da theoria de Einstein, com o duplo intuito: primeiro, de tornal-a acessível a todos os homens de cultura geral, mas sem uma cultura matemática intensiva; segundo, submeter a theoria a uma critica objectiva, para lhe apreciar o valor, importância e lugar no conjunto do progresso científico. A primeira resposta foi dada pelo professor Bouasse, de Toulouse, que o fez com o melhor "humour", por ser daquelles que não se impressionaram com a doutrina do insigne sabio, julgando-a mesmo uma simples diversão para dias de chuva... Principia dizendo que nem Fresnel, fundando a optica moderna, nem Faraday, achando as bases da telegraphia sem fio, nem J. J. Thompson propondo a theoria dos electrons, que renovaria o estudo da conductibilitate dos gases, nenhum delles mereceu essa glória tão retumbante, essa fama tão difundida, essa curiosidade, que Einstein despertou. "Os jornais estão cheios de seus retratos, escreveu; as mulheres formosas formam círculo para vel-o; annuncia "tournées" como uma atriz e a gente briga em seu favor ou contra elle. Está claro que há aquil, como se diz em Toulouse, alguma cousa de más ou de menos.

A razão dessa glória, que reputo ephemera, continua, está no facto da theoria de Einstein não entrar no quadro das theorias físicas: é uma hypothese metaphysica, que, por ser incompreensivel, é perfeitamente digna do grande exito." Depois defende a hypothese do ether, que embora estranha à realidade, explica milhares de phenomenos. Todo o tumulto levantado pela theoria de Einstein gira em torno de uma experiencia negativa de Michelson e Morley, isto é, de um phemoneno de optica. Pois bem: já se publicaram bibliotecas inteiras de comentarios, já se desbaratou toda a optica, quer-se abandonar o ether, no entretanto ainda não se pensou em fazer um trabalho de optica, baseado nos principios maravilhosos da relatividade. Se a pedra de toque da theoria é uma applicação, temos que convir que os relativistas são homens sem apuro. Além do mais, observa

que os partidários de Einstein, conseguem a alguns raciocínios, enquanto repelentes outros, o que leva a perceber se os dados intuitivos são um só bicho, ou se podem ser separados, e, nesse caso, adoptada uma parte sem detrimento de outra. Depois, a pergunta sobre a explanação do sucesso da theoria entre os matemáticos, disse a uma nova geometria não euclidiana. Os matemáticos se valem satisfeitos por terem que definir uma hipótese qualquer que seja. Accetam essas premissas, nos dizem elles, contradictoria ou não com a evidencia; vejamos por diversão, o que saí de ahí de acordo com as regras da lógica tradicional. A theoria de Einstein é um inutil passatempo... Tal é a opinião do Professor Bouasse, que entra em desacordo com as tendências modernas, pendendo todas à relatividade, em que vêm, mais do que uma diversão para noites de chuva, uma larga perspectiva de sabedoria, que abre aos nossos olhos assombrações.

Premio Orlando Rangel

O pharmaceutico Orlando Rangel, sem dúvida um dos mestres da therapeutica brasileira, acaba de instituir na Academia Nacional de Medicina, um premio, que não tem o seu nome, ao menos enquanto S. S. viver, para incentivar os estudos de therapeutica no Brasil. Esse premio, que será distribuído pela primeira vez em 1929, por occasiao do centenario dessa doutrinaria instituição, com a denominação "Premio Soares Meirelles", conduta dos juros acumulados, durante 4 annos, de 50 apostos de conto de réis que o Sr. Orlando Rangel entregou ao Presidente da Academia, para o fundo do dito premio. Poderão concorrer medicos e pharmaceuticos, ainda que não sejam membros da Academia, inclusive extrangeiros desde que residam há mais de 4 annos no Brasil. Os trabalhos serão entregues a 29 de Fevereiro (anos bisestos) data do aniversario do seu instituidor, devendo a sua entrega ser feita na sessão aniversaria da Academia. Julgará os trabalhos uma comissão presidida pelo Presidente da Academia e composta pelos diversos presidentes das varias secções da mesma.

Visão extra-retiniana

O escritor Jules Romains, que é um dos nomes mais em voga nas modernas letras francesas, anunciou ha cerca de 3 annos a sua descoberta maravilhosa: pôde-se ver sem os olhos, pela pelle. Os sabios pouco se interessaram com a descoberta, que chegaram a afirmar pouco sera, mas ultimamente numerosos trabalhos têm culminado do assumpto e dizem que as experiencias feitas são as mais favoraveis, para confirmar a doutrina ocellar. No ultimo numero do "Monde Nouveau", o Sr. René Maublanc descreve uma experencia feita com exito por Jules Romains, para afirmar que essa nova descoberta, cujo realce por se mesma, renova os valores sociaes, pela educação dos cégos; os biologicos, pela modificação dos problemas paropticos e os philosophicos, pelas suggestões e alterações nas teorias psychologicas do conhecimento, da percepção, do espaço, dos regimens de consciencia, dos estados hypnoticos, do parallelismo psycho-physical e outros mais. Ainda não se pode afirmar até que ponto essas experiencias são positivas, pois, embora os seus autores afastem

A VICTOR VICTROLA

REPRESENTA UM THEATRO

Adquirindo um destes instrumentos fechará um contrato permanente com os mais afamados artistas do mundo. Peça uma demonstração prática.



UNICOS REPRESENTANTES PARA O BRASIL

PAUL J. CHRISTOPH & C.º

98. RUA DO OUVIDOR, 98.

RIO DE JANEIRO

empre a hypothese de uma transmissão de propriedade da qual quer acto hypnotique é preciso que as despesas sejam depois de provas absolutas e radicais. Quem ousará duvidar da possibilidade de uma visão extra-retiniana? Mas, o que não se pôde é aceitar essa hypothese, cuja apparencia repugna ao sentido comum, sem que esteja comprovada de um modo completo e irrefutável.



Anatole France prophétiza uma nova guerra

O grande Anatole France, cujas idéias libertárias sucederam, na velhice, ao suave epicurismo de sua vida, fallando na inauguração da estatua de Jaurés, em Carmaux, verberou a burguesia e previu o mais trágico futuro para os homens, terminando a sua inflamada oração com esse calor, que Jérôme Coignard acharia talvez imprudente:

"Estamos em vespertas de uma guerra igual à de 1914. Aliás, todos os grupos que governam a França confessam e declaram isso.

Entretanto, ainda há pouco, quando já iam além do razoável, os horrores da guerra, nos diziam: "serão os últimos"

Hoje, elles nos dizem: "preparamos-nos para a guerra: haverá guerra dentro de vinte anos, de dez anos, talvez até antes; é possível que ella estale se abandonarmos o Ruhr, reglão que fornece munições aos alemães".

Não sei, mas não me atrevo a dizer que isso seja impossível.

Mas, quem tem a culpa? Não foi a nossa política quem fez tudo para provocar e para apressar essa nova guerra que se annuncia?

Não fizemos a paz. E eu já disse — a burguesia francesa não pôde, não quer, não sabe fazer a paz.

A guerra não cessou. Bem vedes que estamos em guerra desde o próprio dia do armistício. E que acto mais característico de hostilidade poderíamos imaginar que esse da ocupação do Ruhr?

Com engenho e subtileza, arguir-me-hão que era um acto indispensável para cobrar o que nos deviam. E não acreditaes que uma acção firme e pacífica teria resultado melhor e que, por outro lado, o retântimento de negócios com uma nação vizinha, importante em população, na indústria e no comércio, nos teria enriquecido mais que uma reclamação à mão armada e que até agora nos tem custado tanto?

Que povo é o nosso? Em que sonho cobarde nos sumimos? Perdemos até o instinto de nossa conservação, para entregar a gestão de nossos negócios a uma Câmara de Deputados que nos conduz à ruína, não já pelos prestígios de seus brilhantes erros e pelas loucuras do genio, senão, também, pelas sugestões da ignorância e da estupidez. E a deixaremos por mais tempo decidindo dos nossos destinos?

Cidadãos, despertemos à voz de Jaurés! Cinco anos antes da guerra, esse grande homem disse: "Tenho fé na possibilidade de um congresso europeu de paz e, mais, tenho fé na possibilidade de uma approximação entre a Alemanha, a Inglaterra e a França."

Jaurés — não te quero contemplar hoje, em bronze ou em marmore, numa solemne immortalidade. Estarias demasiado longe de nós e eu te quero ver vivo, tal como te conhecemos!

Nesta hora crítica, ameaçados dos mais temíveis perigos, precisamos das lições da tua primêncie e te imploramos, mestre e amigo, a ti que foste o melhor dos homens, que nos guiles e nos consoles.

Fallando em Lyon, a 25 de Julho de 1914, nas vespertas da guerra, Jaurés disse: "Já-mais nos encontramos em situação mais ameaçadora e mais trágica do que a actual."

Ouviram, ouvi o homem que vieste prever e tua previsão nunca falhou.

Nunca estivemos em uma situação mais ameaçadora e mais trágica do que a que nos

crearam a imprudencia e o erro dos nossos "amigos" de hoje "

Lei de imprensa na Itália

O Conselho de Ministros da Itália aprovou uma nova lei de imprensa. Agora, que se discute, entre nós, o assumpto, é interessante referir as bases da lei italiana. Entre as medidas tomadas, estabelece-se que as funções de editor responsáveis devem ser exercidas pelo director ou por um dos principais redatores. Os senadores e os deputados não podem ser gerentes de jornais. O prefeito, depois de ter ouvido uma comissão especial, na qual se encontra um representante da imprensa, tem o direito de acabar com a publicação de notícias falsas ou tendenciosas e de aquellas que possam entregar a ação diplomática do governo, combater o crédito nacional, lançar o alarme entre a população ou perturbar a ordem pública. Podem ser tomadas medidas violentas contra os editores dos jornais que por meio de artigos ou desenhos levem ao ódio de classes, ao desprezo das leis, etc. Isto sem prejuízo da ação eventual dos tribunais. Se o editor de um jornal sofre duas condenações no espaço de dois anos, o prefeito pode deixar de o reconhecer. Esta lei de imprensa, que contém disposições absolutamente dráticas, está sendo objecto de acerbos comentários, tanto dentro como fóra da Itália.

A agonia do bolschevismo

Sob esse título acaba de aparecer um livro do Sr. Italo Zingarelli, editado por Fratelli Treves, de Milão, que é um depoimento da situação da Rússia, fascinada ou dominada pela loucura bolchevista. O escritor italiano visitou a terra, onde Lenin impera, para ver in loco a ação dos soviets e trouxe de lá o mais veemente libello, na simples narração do que viu de miseria, de torpeza, de destruição e morte. Por toda parte, a fome, a fome terrível, chegando ao cannibalismo, pois os casos de antropophagia não são raros e "medicos compilaram depoimentos de maridos que mataram os muheres, para comer, de pais que se sustentaram com a carne dos filhos". A esse propósito, cortasse o seguinte episódio, de uma buffonaria trágica: dous palhaços de um circo de cavalinhos, Bim e Bom, diziam cynicamente — Na república dos soviets progredimos tanto, que uma criança de peito sustenta os seus pais durante uma semana." Não é preciso juntar mais. Essa constatação macabra e horripilante é um símbolo de sofrimento e miseria, que edifica o mundo. Onde o remedio? Como conjurar a crise tremenda? Não se iuta contra o vendaval, espera-se que passe a insanía do vento.

A Estrada de Ferro de Bagdad

A recente aquisição, por financeiros britânicos, da parte anatoliana da estrada de ferro de Bagdad e seus ramaos de Angora e Konia, representa um dos maiores acontecimentos comerciais destes últimos anos. O syndicato encabeçado pelo Barão Rothschild, Barão Schroder, Baring & C., e Lloyds Bank, que adquiriu os títulos da Banque des Chemins de Fer Orientaux, vai fazer imediatamente um adiantamento de 25 milhões de dollars para o inicio das obras de reconstrução das linhas. Pelo acordo feito com o banco, os capitalistas britânicos deverão levantar o capital para a reconstrução não sómente para a construção de grande parte das 900 milhas da estrada de ferro da Anatólia, destruída durante a retirada grega, mas também para construir mais de 1.200 milhas de novas linhas, conforme exigia o contrato original transferido, notadamente a linha Berlim-Bagdad. O total em dinheiro necessário a essas obras será, portanto muito menor aos 25 milhões de dollars acima referidos. Nos círculos britânicos considera-se essa aquisição feita pelos capitalistas britânicos muito mais importante do que as famosas concessões cuja ratificação era pretendida pelo grupo de Industriaes norte-americanos chefiado pelo Almirante reformado Colby M. Chester.

A futura guerra Tcheco-Poloneza

Ao que parece a grande guerra europeia, longe de ter acabado com a guerra, como esperava o Sr. Barbusse quando escrevia a sua famosa phrase: "guerre à la guerre", vai pelo contrario motivar innumeros outros conflitos entre nações. O céo da Europa Central e Oriental é o que aparece o mais

carregado de nuvens ameaçadoras. Ela agora que um artigo notavelmente documentado, publicado pelo Jornal "Lzien k Pozna ki", nos anuncia uma proxima guerra entre a Tchecoslováquia e a Polónia. A incorporação da Galícia oriental à Polónia constitui um serio obstáculo para a política tcheca cuja base fundamental é o desejo ardente de possuir essa província. O insulto secreto dos Tchecoslovacos, segundo dizem os Poloneses, vai mais longe. Seria de dividir entre a Alemanha e a Rússia os territorios Poloneses que se estendem até os rios Klirca e Nurva, guardando para si Cracovia, Wielick e Bochnia, recompensando ainda a Rússia com o abandono dos territorios Ruthenos arranados à Hungria. Seria o meio de realizar o seu desejo de crear uma fronteira comum entre a Tchecoslováquia e a Rússia, dos dois lados dos Carpatus. O autor do artigo, depois de assignalar a iminência da conclusão de um tratado Germano-Tcheco, chama a attenção da França e da Itália sobre os perigos de uma guerra entre a Polónia e a Tchecoslováquia que viria romper o equilíbrio na Europa Central, abrindo as portas do mundo civilizado à influencia bolchevista. Falta-nos para firmar o nosso julgo a opinião dos Tchecoslovacos.

As dificuldades da Hespanha

O que falta a Hespanha e o que ella poderá inventar é uma grande política externa que a libertasse das suas mesquinhias dissensões internas, indignas do seu grande engrinho. Entre os embargos de toda especie, a rotação liberal e conservadora continua a sua pequena manobra, enquanto a Europa toda se renova. Alguns espíritos querem limitar a Europa, mas o comunismo, apesar de toda a agitação creada na Caltacinha, não conseguiu ganhar o povo. O fascismo não logrou melhor exito, porque se este ideal nacionalista seduz muitos hespanhóes e consegue implantar-se no Mexico, cujo exemplo é muito admirado na Hespanha, falta aos hespanhóes um sentimento unânime de reacção. A Hespanha vive sonhando, enquanto as suas possibilidades são grandes, bem inimigas exteriores, sem dúvida exagerada (150 pesetas por habitantes quando a Itália tem 415, a Bélgica 484, a Inglaterra 561, França 593), a Hespanha tem deante de si uma tarefa positiva de exploração e de renovação, que deveria reter melhor a attenção dos seus políticos e dos seus pensadores.

O calendario Julian

Noticiam de Constantinopla que o Congresso Pan-Ortodoxo, alli recentemente reunido, resolveu abolir o calendario Julian e adoptar o calendario gregoriano, a partir do proximo 1 de Outubro. Esta noticia, diz Ch. Nordmann, que nela refere, val emocionar os observatórios, chancelarias do Infinito; os astrónomos têm também elles sua "questão do Oriente", a qual reside precisamente na "unificação dos calendarios". Os actuais calendarios apresentam muitos inconvenientes. O mais grave delles é justamente o serem varios: na Europa, estão em uso nada menos que 3 diferentes. De forma que, por exemplo, o dia que para nós e para o europeus do sul e do occidente, se denominou 15 de Julho de 1923, para os ortodoxos avos foi o 2 de Junho do mesmo 1923, e para os musulmanos 1 dzei-l-kalch de 1841. Há alguns annos, quasi metade da Europa empregava ainda o calendario Julian com seu atraso de 13 dias sobre o nosso. Ha pouco, o Governo Bolchevista o substituiu por este, o que prova que ás vezes os soviets têm juizo. Algumas nações balkanicás, porém, insistiam em manter-se fiéis ao outro, e apesar de que a Bulgária, em 1915, logo após a visita que Guilherme II da Alemanha então fez a Sofia, adoptou também o calendario gregoriano. Fizeram-n'o, aliás, por uma razão pittoresca: para provar que... os búlgaros não são slavos, tanto que movendo a guerra contra os slavos russos, de logo repudiaram o calendario Julian que esses slavos russos observavam. Como fez em 1915 a Bulgária, e fez depois a Rússia bolchevista, vão agora fazer todos os outros países ortodoxos, o que demonstra que o amor proprio religioso naquellas regiões acabam por ceder ao bom senso. Vale, porém, aqui um pequeno mas importante registo: a China e o Japão, que não são ortodoxos, nem sequer longamente cristãos, já adoptaram, há muito tempo, o calendario gregoriano.



A temporada theatrical de 1923

Felizmente, apalnadas as dificuldades, foi possível à Empreza Walter Mocchi nos dar este anno a temporada do Municipal, não só com uma magnifica Companhia Dramatica Franceza, de que já tivemos enejo de falar, bem como a estação lyrica symphonica, iniciada com os maravilhosos concertos da "Wiener Philharmoniker", dirigida pela batuta do eminente "kappellmeister" Ricardo Strauss. Ao entrar em circulação o numero desta revista, estará ocupando o nosso Theatro Municipal a grande Companhia Lyr.ca, em cujo elenco artistico se incluem nomes do maior relevo na scena moderna e cuja vindia a esta Capital, na crise presente de cantores, representa um esforço inaudito, que não podemos deixar de registrar. Por outro lado, o repertorio é admiravel, com peças novas para a nossa platéa, como "Debora e Jael", de Hildebrand Pizzetti; "Sakuntala", de Francesco Alfano; "Electra", de Strauss; "Vida Breve", de Manuel Falla e "Compagnacci", de Primo Baccelli; com duas peças brasileras: "Saldunes", a grande opera de Miguez, e "Jupycá", do maestro Francisco Braga; com as oporas de Wagner: "Tristão e Isolda", "Lohengrin", "Walkyria"; "Boris Godounov", essa obra imperecível de Moussorgsky; "Damnação de Fausto", de Berlioz; "Salomé", de Strauss, afóra as peças mais comuns do repertorio italiano e francez, que tantas predileções tem no nosso publico. Agora, uma ligeira referencia ao elenco. O primeiro lugar cabe ao illustro maestro Cav. Gino Marinuzzi, que é um regente do melhor quilate, com qualidades admiraveis e um alto poder artístico, tornando a sua interpretação de um fulgor desusado. Citaremos depois os nomes, quo já dispensam louvores, tão aplaudidos têm sido de nossa platéa, das senhoras Cláudia Muñoz, Nínón Valin, Toti Dalmonte, Carlota Dahmen, Flora Perini, Elsa Bland, Elena Hirn e das artistas brasileras, senhoras Lydia Salgado e Antonietta de Souza. Dentro os cantores citaremos Carlos Galeffi, Armand Crabbe, Aurelano Pertile, Walter Kirchoff, Miguel Fleta, Marcel Journet, G.ilio Cirino, José Segura Talien, John Sullivan, e Asdrubal Lima, este ultimo nosso patrício, do grupo de artistas brasileros. Essa simples indicação, basta para mostrar ao leitor a garantia de exito da Companhia que hospedamos neste momento.

Mais uma vez vingaram os esforços do Sr. Walter Mocchi, que, conforme já tivemos enejo de assinalar, tem procurado, através inúmeras dificuldades, dar ao publico carioca temporadas dignas de sua cultura e bom gosto, merecendo portanto que os poderes locaes se interessem com elle, conjuntamente, pelo exito da sua iniciativa, tornando o contrato, não um instrumento rijo a impedir as estações, mas perfeitamente malcavado, para attender ás contingencias variaveis anno a anno. Aliás, tudo indica que as modificações apicadas pela empreza, e de que já tratamos longamente, serão attendidas, como de justica.

O actual concessionario do Theatro Municipal, e no se sabe, não é um improvvisor, como insinuam malevolamente certos indíviduos de má-fé e ignorância respeitável, mas, não só já ocupou cargos politicos em

seu paiz e exerceu o jornalismo, como director de jornal, como também e hoje um dos "leaders" dos emprezarios de todo o mundo, que ensexa varias concessões, numa politica original, que tem de perto connexões pela aliança do nosso Municipal. Não predomina a ganancia (e se fosse assim já não o teríamos no Municipal) mas devo de contribuir para o cultivo do povo, variando os repertorios e pondo em scena operas de monstros difíceis, como as de Wagner, e muito especialmente a Tetragona do Niebelungen trazendo quadros especiales, com artes insigneis, enfim tornando o nosso famoso theatro um centro de arte e de beleza. Convenhamos em que trazer uma companhia em época de crise cambial, em que o mal recaia a dia se desvaloriza, é um empreendimento audaz e só o interesse e amotoso intento de cumprir o contrato podem justificá-lo. E fez o Sr. Walter Mocchi, cuja operosidade é digna do maior relevo. Alás basta lembrar o papel que teve, no Congresso Nacional do Theatro Lyr.ca Italiano, reunido em Roma em Março deste anno, para mostrar o seu prestigio indiscutivel. Nesse certame, a que o chefe do Governo italiano, Sr. Bento Mussolini deu a maxima atenção, representando-se pelo Ministro das Beiras Artes, o Sr. Walter Mocchi foi o "leader", conseguindo ver approvadas as suas conclusões, formadas num conhecimento profundo das coisas do theatro, na visão esclarecida da situação moderna dramática e lyr.ca, na sua brilhante intelligencia. Se referimos esses factos é apenas com o intuito de fazer justiça e esclarecer os leitores sobre o esforço que representam as nossas temporadas do Municipal. São momentos de infinito goso artístico e de opção cultivo espiritual e temos o dever de velar por elles.



Vincenzo Gaudio, o architecto illuminado

Barcelona é talvez a unica cidade que possee um architecto illuminado. Imaginae um sonhador fanatico para quem as formas tradicionaes são perimidas e que combina novas formas, pretendendo copiar a natureza na pedra. Tal inventor de palacios bizarros parece escapado de um livro de Villiers de l'Isle Adam. Qualquer cidade do mundo o teria affastado: Barcelona protegeu-o e encarregou-o de realizar os seus sonhos.

Vincenzo Gaudio hoje está velho, mas, durante annos e annos edificou como possuidor de uma fúria sagrada. Se trechos inteiros dessa cidade aparecem inconsistentes, se o estrangeiro recúa espavorido deante das columnas obliquas, das chaminés serpentinas, das casas de proporções e invertidas que parecem animaes ou plantas fantasticas, é a Gaudio que se deve essa impressão extraordianaria. Ninguem detestou mais a linha recta e o gosto. O edificio gigantesco do Palácio de Gracia é um bloco pavonoso, furado de orifícios irregulares, chapado de ferro, propositalmente inhabitável e absurdo. O Parque Guell é a realização de um pesadelo. Mas é a Sagrada Família que manifesta melhor esse genio louco.

Essa cathedral inspirada pelo desejo sombrio de ser a unica no seu genero, é enorme. Tres vezes mais alta do que São Pedro de Venezia e la ultrapassa S. Peter de Roma, doze torres nas quais retumbam placas de bronze representam os Apostolos, quatro os Evangelistas e unia, de 170 metros, a Christo. Centenas de personagens e de

monstros animam as suas fachadas onduladas, pintas em certos lugares com cores violentas, de onde pendem esculpturas e que encoram pesadas novenas de pedras. Prezados e eletricos acendem toda a noite, de baixo para cima do edificio, e fogo de ouro e de prata de inscrições sagradas...

Todavia, essa cathedral mystica e misteriosa, começou em 1882, e que custará centenas de milhares, ainda não existe. Só se vê por enquanto uma unica fachada, de pé como uma decoração de theatre em um vasto terreno baldio. Aberto sobre o espaço, esse muro desmedido parece um grande grito solitário. Gaudio não verá o fim da sua obra, sombrio, rude, ascetico, obstinado, cego e surdo para tudo o que não tem no seu organismo, ele se cansa paralegar, num canto demolido alto para os arquitetos a sua basílica impossivel, novo Solness possuido do desejo do infinito.

Paul Landowski

A medalha de honra do Salón de Paris deste anno, coube ao escultor Paul Landowski, com o grupo "Fantômes", cuja descrição fez Camille Maucclair, escrevendo para "La Nación", de Buenos Aires, nestes termos: "Em escultura não citarei senão uma obra que domina todas as outras. O autor é Paul Landowski e se intitula "Les Fantômes". São oito figuras de soldados que surgem do tumulo commun para formarem uma unica muralha contra o invasor do solo patrio. Estes homens, apesar dos detalhes, das vestimentas e armas, são seres de todos os tempos. Suas expressões, suas atitudes, são de grande força pathética e, no conjunto, lembram os calvários bretones da Idade média. Observa-se essa criação com uma elevada admiração e piedade. Esse monumento será erigido sobre uma das colinas da Champagne, de onde se desencadeou, em Julho de 1918, o ultimo ataque alemão, perto de Relms. E estes oito figurais de irmãos e martyres se destacarão solitarios do céo, enquanto que os seus corpos de bronze parecerão surgir da terra vivendo na mesma coloração. Faz muito tempo que París não admirava uma obra de tão grande valor artístico."



A joven musica norte-americana

A joven America vive actualmente uma época de nacionalismo musical. No entretanto, os mais valorosos compositores da America não recusam a assimilação da grande cultura musical europeia, criada na idade de ouro da musica, no velho mundo. Sobre os diversos grupos e círculos dos jovens americanos perpassam as influencias as mais variadas, ora as de Ravel e Debussy (em Frelingue e Jacob), Emerson Whithorne, ora de Scriabine e Stravinsky (em Deems Taylor e Leo Ornstein), ora de Strauss e Busoni (em Louis Gruenberg), etc...

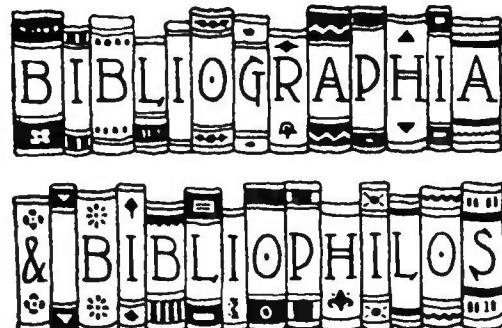
Mas os autores americanos de nosso tempo se servem dos processos musicais europeus de um modo mais lógico; tratam unicamente de adoptar a técnica da alta composição europeia, sem se escravizarem ás idéias musicais que dominam a formação psychologica dos povos transoceânicos. Essa tendência para se emancipar do domínio de espirito musical europeu criou um passado muito pro-

Loteria só da Bahia

xino, uma espécie de nacionalismo primitivo que consistia em adoptar na composição americana melodias populares, negras, indias e outras das mesmas origens. Esse americanismo elementar dà lugar, pouco a pouco, a uma corrente energica que vai crear a verdadeira vida musical americana. Isto é, o americanismo espiritual. A medida que os acontecimentos económicos e sociais se desenvolvem na América, a medida que se eleva o gênero desse paiz, cuja admirável e clarevidente iniciativa, longe de ficar escravizada à Indústria, se eleva e penetra nas esferas superiores, é útil assinalar o nascimento de uma arte nacional absolutamente nova e característica de uma raça. Quando se procura definir o que impressiona nas peças como as americanas como os encantadores *Jas e Notes de Nova York* de Emerson Whithorne, ou a *Série Indiana* de Gilbert, chega-se a reconhecer um elemento que serve como base a toda essa cultura: o elemento anglo-celta. Chega-se assim a essa conclusão que é o fundamento original, que dá à composição norte-americana o seu carácter próprio.

Mas a jovem composição americana comprehende também alguns criadores que, nascidos na Europa, se adaptaram à vida e às instituições do paiz e influiram seriamente sobre os trabalhos de seus camaradas mais moços, graças a seu ideal particular... Ernest Bloch, um dos maiores compositores da América, cujas obras procuram traduzir o espírito da Bíblia na música, era na frente desse movimento novo. E, pois, um fenômeno interessante. A América do Norte, paiz do industrialismo, desfrutando um bem-estar material inaudito e de proezas técnicas as mais rebuscadas, esse paiz se interessa pelo renascimento musical da Bíblia, na realização musical de imagens pacíficas e longínquas. Bela lição aos que julgam ligeiramente esse paiz e seus compositores que, para bem dizer, são completamente ignorados na Europa.

LAZARE SAMINSKY.



Letras francesas

A casa Crés de Pariz acaba de publicar as cartas de Pascal — *Les Lettres de Blaise Pascal* — em edição organizada por Maurice Beaufreton, nas quais o grande espírito se nos revela sob os múltiplos aspectos de seu gênio. Eram essas missivas pouco conhecidas, pois os "Pensées" e as "Lettres provinciales" são os seus livros mais familiares, onde a sabedoria inquieta nos revela sua excelsa e singular grandeza. Andou bem a conhecida casa editora divulgando essa nova obra de Pascal. Talvez não venha alterar o conceito pascalino, mas, seja como for, ao menos criará ainda melhor a pena trante psychologia de sua altíssima figura, onde sangram as dores da inquietação humana, afirmando a vida, corrida ao pé do abysmo. O filósofo, o homem e o crente se encontram ligados indissoluvelmente, aparecendo, nessas cartas, aquela empatia religiosa penetrante e profunda, que leva a Deus o espírito humano, depois das tentativas falhas e nulas, de duvidas e de negações. Neelas se reflete a ansa da criatura, desejosa de attender a Deus e lutando contra todas as perturbações que medram ao caminho. Sendo ainda pouco conhecida essa correspondência, a publicação da Cia. Crés se destina a uma larga divulgação, sobretudo na crise actual, quando Pascal, com a sua dúvida orientada para a fé cristã, tão directamente empolga o espírito das gerações modernas.

Depois de Baudelaire, que há uns três ou quatro anos esteve repentinamente em voga, repetindo-se as edições das *Fleurs du Mal* em toda a França, eis vez que na ordem do dia. Por toda a parte aparecem estudos sobre o autor de "Sagesse". G. Jean Aubry publica no "Mercure de France" algumas recordações e documentos sobre Verlaine na Holanda. Ad. Van Everen, no mesmo número, reproduz algumas cartas do poeta a Léon Va-

nier. Lucien Aressy escreve um livro "Verlaine et son milieu", com um prefácio fantástico de Rachilde, enquanto o editor Escoller imprime uma "plaquette" sobre a "Agonia de Verlaine", (1890-1896), com retratos, versos e cartas, tiradas da biblioteca de Robert de Montesquieu. É curioso notar-se que todos esses estudos se referem aos últimos anos de vida de Lélan (Verlaine esteve na Holanda em 1892) quando o poeta já se achava no ciclo místico da sua evolução. Isto, depois do interesse manifestado pelo "poeta maldito", não indicaria uma certa transformação no espírito dos franceses contemporâneos?

Naturalmente, Renan também chama a atenção dos críticos e dos pensadores, não me atrevo a dizer por ser este anno o centenário do seu nascimento. O terrível Sr. Pierre Lasserre num livro chamado "Renan et nuos", analisa a influencia de Renan na evolução do espírito do século XIX, "que teve uma idéa muito mais vasta das variedades do espírito humano do que o século XVIII podia ter". O Sr. Lasserre, naturalmente não deixa de fazer certas restrições, a mais seria das quais é considerar que Renan foi um dispersivo, que estendendo o raio do seu espírito a uma região mais ampla, enfraqueceu-o. Faltava a Renan, acha o Sr. Lasserre, a fé constructiva. Convém notar também uma interessante "Bibliographia das obras de Renan", de Henri Girard e Henri Moncel, livro completo e conscientioso.

O Sr. Henri Allorge, o belo poeta da "Splendeur Douloureuse" e do "Essor Eternel", que a Academia Francesa corou, acaba de publicar nas edições de G. Crés, em Pariz, um romance da imaginação dos mais curiosos: "Le grand cotacysme".

Este romance, cujo enredo ocorre no século 100, transporta-nos a uma humanidade fabulosa, com que a ciência transformou profundamente não só as instituições e os costumes, como os próprios homens. A humanidade que nos descreve o Sr. Henri Allorge é diversa na nossa. Diminuída por catástrofes pavorosas que destruiram toda a África do Norte e alguns pontos da zona torrida. O tempo dos cataclismos, porém, não se achava terminado; surge um outro, mais terrível talvez que os anteriores e o resto da humanidade é destruída. Apenas escapou um pequeno grupo que, tomado consciência da sua fragilidade, volta a ser como os homens primitivos, isto é, simplesmente humanos, despindo-se do orgulho científico.

Por ahi, vemos que o Sr. Henri Allorge não quiz sómente fazer obra de romancista da imaginação, mas também esboçar a sua philosophia da vida, que procura nos fazer voltar às fontes primitivas de nós mesmos. A humanidade do século 100 não conhece o amor; o homem reduziu-se a um ser pensante e não sensível. O formidável e terrível espetáculo do cataclysma, que destrói definitivamente os recursos da ciência e põe de novo os homens na sua mesquinharia condição de animal desarmado, traz aos sobreviventes a revelação da própria sensibilidade e do amor, que só poderá reconstruir o mundo.

E é nessa cena de fé tranquilla que o Sr. Henri Allorge termina o seu romance, no correr do qual soube mostrar mais uma vez o seu harmonioso temperamento de poeta.

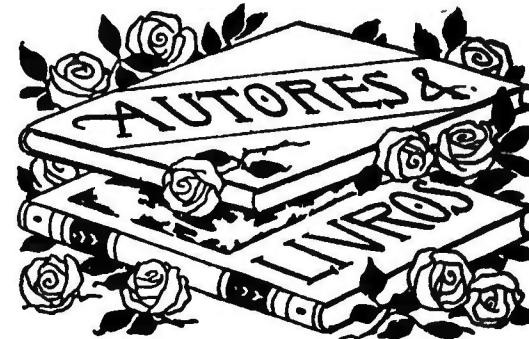
Os livros de Sarah Bernhardt

Uma parte dos livros pertencentes à biblioteca de Sarah Bernhardt foram vendidos ultimamente em leilão no Hotel Drouot de Pariz. Essa primeira venda produziu 69.187 francos, alguns livros atingiram um preço bastante elevado. Um exemplar das "Cé-

O MELHOR
AUTOMÓVEL DO
MUNDO É

BUICK
DEPOSITARIO:
MESTRE & BLATGE
RUA DO PASSEIO, 48-54.
Rio de Janeiro

monies et coutumes religieuses", com as "Superstitions anciennes et préjugés vulgaires" em 10 volumes, attingiram a 2.650 francos; esta bela obra foi oferecida à grande artista em 1903 pelo pessoal do seu teatro. 12° impressa sobre papel de luxo, com o brasão do Chancelier d'Aguesseau. O "Voyage pittoresque à Nápoles et en Sicile", do Abade de Saint-Nom, alcançou 4.000 francos; os "Portraits des grandes hommes et illustres" do Sergent, 5.600 francos; as "Metamorphoses" de Ovídio, 2.800 francos, um belo exemplar de cevantes, in-quarto de 1748, com figuras de Coyrel, 4.620 francos; as obras de Racine (Lefèvre) edição de 1820, seis volumes in-olto, 5.100 francos; o "Martyro de S. Sebastião", de d'Annuzio, original sobre papel de Holanda, com dedicatória, 1.260 francos; a "Parisienne", de Henri Beque, original (1885) com dedicatória, 1.100 francos; "Amants", de Maurice Donnay, original, sobre China, com dedicatória, 1.100 francos; "Shylock", de Edmond Haraucourt, original, sobre China, com dedicatória, 1.055 francos; as "Obras Completas de Victor Hugo" 45 volumes, 1.255 francos; duas outras de d'Annuzio, texto italiano, "La Citta morta e Fedra", 1.005 francos; e 800 francos; um Shakespeare, em inglês, 3 volumes de Knight, 1.350 francos; um "Chantecler", original, sobre Japão, 3.700 francos; um manuscrito de Alexandre Dumas fil., "Une visite des noces", 1871, 3.200 francos; "Divorçons" de Najac (1883); um d'Annuzio, texto italiano, original em Holanda, (1899) com dedicatória: A Sarah Bernhardt Alla signora di Sogni, religiosamente offre, Gabriele D'Annunzio, comprado por Maurice Rostand por 500 francos. Esses preços não são, todavia, muito elevados. Certos livros de Sarah Bernhardt, em outros tempos, teriam alcançado quantias mais fortes.



Antero de Figueiredo: **ESPAÑA** — Livro Allaud & Bertrand. Paris e Lisboa — 1923. Este livro de uma grande emoção em que a paisagem e a vida multipla e frenética da Espanha aparecem humanizadas na sensibilidade fina e admirável do A., é lido com um raro prazer. Senhor de um estilo próprio e brihante, por vezes rebuscado no floreio e na imagem, mas sólido e preciso, como de um vibrante pintor impressionista, o A. se conta entre os mais significativos dos prosaadores de Portugal contemporâneo, sobretudo no gênero desse livro. A Espanha maravilhosa e subtil, com seus coloridos quentes e os seus recantos prodigiosos, se revê nas páginas do S. Antero de Figueiredo na intensidade integral de seu rythmo de deslumbrações. Feito com amor, de quem sente no sangue o frenético da Espanha e comprehende de uma unidade ibérica, numa mesma e singular vibração, o livro que registramos é uma descrição luminosa das terras hispanholas, feito por quem as sentiu como poeta inebriado da língua e no brilho dessas terras singulares e fascinadoras. A Espanha é como uma lenda, que attrahe o artista para lhe decifrar o mistério da sua propria essência.

Antonio Sardinha: — **CHUVA DA TARDE** (Sonetos de Amor) Empreza Internacional Editora — 1923 — O nome do Sr. Antonio Sardinha é, nas letras modernas de Portugal, um dos que se têm cercado de maior fulgor, quer como ensaísta vibrante, quer como poeta. A sua arte é bem filha do meio que o cerca, sendo um dos mais comovedores cantores de seu paiz, tendo feito na *Epopéia da Planicie* o louvor das terras alemãs, com um encanto e uma cõr local verdadeiramente deliciosos. Em *Quando as Nacentes despertam...* a emoção é toda evocativa, seja das paisagens que lhe encantaram os olhos extasiados, seja de pequenas intimidades, ou recordações, que se lhe prendem na alma. Esta série de sonetos de amor — *Chuva da Tarde* é de um lyriismo encantador, nos motivos subtils, nos rythmos coloridos e amaveis, nos episódios de graça e de fascinação. É um impressionista de tons incisivos e sonoros.

cuja palheta possue coloridos singulares e imprevistos, de vibração e calor. Que delicado esse soneto, *Velho Motivo*, em que retorna o motivo do mais bello soneto de amor de nossa língua:

Soneto de Jacob, pastor antigo,
-- Soneto de Rachel, serrana bela...
Oh quantas vezes o relembrô e digo,
pensando em ti, como se fôras ella;

O que eu servira, p'ra viver contigo,
— tão doce, tão alrosa e tão singela!
Assim, distante do teu rosto amigo,
em torturar-me a ausencia se desvela!

E vou soffrendo a minha pena amarga,
— pena que não me deixa nem me larga,
bem mais cruel que a de Jacob pastor.

Rachel não era delle e sempre a via,
enquanto que eu não vejo noite e dia
aquelle que me tem por seu Senhor!

Esse soneto é um formoso exemplo desse livro de cantos de amor, ungidos de uma deceção e repassados de um lirysino commovido, que o tornam de mérito pouco vulgar. O Sr. Antonio Sardinha é um dos artistas mais representativos de seu paiz, cujo espírito se reflecte no seu temperamento e na sua sensibilidade de um modo incisivo, para que o faça reinar no seu estro, como um raio de luz que o crystal irisa. Já o chamaram com razão: o poeta do lusitanismo.

Adolfo Bonilla y San Martin — **LOS MITOS DE LA AMERICA** — Editorial Cervantes, Barcelona, 1923. — Este ultimo livro do eminentíssimo membro da Real Academia Hespanhola não é só uma preiosa contribuição à historia da America precolombiana, como tambem uma série de interessantes ensaios, finalmente analysados, sobre os assumptos os mais diversos da America hespanhola. O seu ensaio sobre a litteratura hispano-americana, por exemplo, é um sólido e luminoso estudo no qual o autor proclama a necessidade de uma cultura mais unitaria e mais directamente hespanhola nos paizes hispanos do Novo Continente. Outros estudos, como os ensaios sobre Ramos Megia e o philosopho cubano Felix Varela, revelam o mesmo profundo senso critico do autor, cujo nome, alias, já conquistou a merecida posição na admiração dos hispano-americanos.

Pierre Loti: **LA INDIA** — Editorial Cervantes, Barcelona, 1923. — A Editorial Cervantes teve uma feliz idéa em publicar a excellente traducção do Sr. Vicente Diaz de Tejada. O estylo de Pierre Loti não perde, traduzido em castelhano, esse sabor evocativo que fez a fama do autor de "Madame Chrysanthème", e a India é desses livros de Loti que se le sempre com o mesmo prazer.

Marcelio Fabri: **LE VISAGE DU VICE**. Edições do Monde Nouveau, Paris, 1923. — O vigoroso autor do romance das multidões modernas, que já registrou a sua visão implacavelmente aguda no *l'Inconnu sur les Villes*, cuja ambição, "supprimindo o individual, era de procurar além das suas degenerescências, o romance e as suas fontes proprias, isto é o Poema Epico", acaba de publicar

um novo livro, *Le Visage du Vice*, em que se firma mais uma vez o seu robusto talento. Começado em Abril de 1912, este livro foi abandonado e retomado varias vezes, e devemos felicitar o autor por tê-lo terminado, pois, conseguiu realizar nesse uma bela pintura da vida contemporânea. Os Herschall, terríveis polvos das cidades modernas, que jogam com a vida e o destino dos fracos que os cercam, como o Le Poitevin, esse degenerado avassalado pelo vicio, são personagens que o Sr. Marcelio Fabri sabe animar de uma vida intensa, collocando-os sob a luz crua da sua observação impiedosa, disseccando-os com uma frieza systematica de cirurgião, e comunicando-nos, ao mesmo tempo, pela sua narração directamente suggestiva, uma sensação elevada de arte. *Le Visage du Vice* é um dos livros que dominam a produção destes ultimos annos.

Henri Massis: **JUGEMENTS** — Pariz, 1923.

Com este titulo um pouco aspero, um pouco definitivo, apezar da segunda epigraphe que elle põe na capa do seu livro, o Sr. Henri Massis acaba de reunir tres curiosos e finos estudos sobre Renan, Anatole France e Maurice Barrés. A intolerancia do autor é um pouco rigida e o Sr. Henri Massis parece mais condemnar do que julgar esses mestres. Renan, France e Barrés são, no conceito do autor, os tres malfeitos da intelectualidade contemporânea. Por acaso o Sr. Henri Massis não exagera um pouco a influencia ou melhor os perigos da influencia desses escriptores? Para elle, a interpretação poetica, o espírito critico, a curiosidade estheticá, são liberdades e ousadias perniciosas, sybaritismo desprezível. O orgulho e a duvida de Renan, o scepticismo reqüintado de France são escolas de destruição. Una disciplina do bello, ou melhor, uma utilidade do bello conforme uma certa disciplina, va lá — para a ethica do autor, mas para toda ethica? E preferir a estheticá à moral, como Renan, é então um erro tão lastimável? Tambem, se o thema poeticó e a duvida confundem, momentaneamente, o pensamento, ellas não deixam igualmente de o reposar e de o tonificar. Outros homens não de vir que farão outra causa, com toda certeza, — contra Renan, France e Barrés, mas ha de ser graças a elles.

CARTILHA DE HYGIENE, organizada pelo Instituto de Hygiene e publicado pelo Estado de S. Paulo — Monteiro Lobato & C., Editores — 1923 — Essa interessante publicação para uso das escolas primarias, e que nos foi gentilmente enviada pelo Sr. Director Geral do Serviço Sanitário de S. Paulo, comprehende uma série de conselhos hygienicos, illustrados com desenhos, de modo a impressionar a criança e demonstrar a efficiacia dos preceitos. Quer a linguagem, quer as gravuras são feitas singelamente, mostrando as vantagens da boa pratica das regras comesinhas de asseio, de alimentação e de prudencia, illustradas, não com o pavor de doenças, mas com exemplos de meninos sadios ou robustos, em contraste com outros amarellos e doentios. E' esse um serviço admirável, que muito honra o Serviço Sanitário de S. Paulo e que deve ser imitado, em toda parte, pelos benefícios incalculaveis que

pode produzir, como elemento de instrução intuitiva.

Ricardo Jorge: **O OBITO DE D. JOÃO II** — Portugalia editora, Lisboa, 1922 — Sobre a morte do monarca portuguez que "lançou Portugal no caminho da supremacia do orbe, propulsor de um imperialismo desventuradamente ephemero", o Sr. Ricardo Jorge publicou um interessante trabalho, em que estuda todas as circumstâncias da morte de quo faleceu D. João II, que tu lo indica ter sido uma "escripta chronicá". Com uma sólida documentação, dá-nos ao mesmo tempo um interessante estudo psychologico do meo do entanto, d'correndo sobre as possibilidades de envenenamento do monarca e sua autoria

Conde de Sabugosa: **OUTRA RAINHA** — Portugalia editora, Lisboa — 1922. Numa elegante *plaquette*, a casa editora Portugalia publica a conferencia que, sob esse título, proferiu o Conde de Sabugosa, na Liga da Accção Social Christã, em homenagem à Rainha D. Amelia. A figura da antiga rainha de Portugal nos aparece, nessas páginas de emoção, cercada do maior fulgor, que mais reluz ainda no sacrificio. D'z-nos que foi "Uma que espalhou a boa semente e só consegui ceifar espigas amargas."

Mercedes Blasco: **OS BASTIDORES DO AMOR**, Portugalia, Lisboa, 1922. A Sra. Mercedes Blasco, conhecida actriz portugueza, que já publicou anteriormente as suas *Memórias da Actriz*, dois curiosos livros: *Musa hysterica* e *Vagabunda*, reúne nos *Bastidores do Amor* uma série de historietas, que bem podem ser verídicas.

Nesses diversos amores, que se sucedem ao correr do livro, apparentemente diferentes, contrários quasi, a autora mostra a eternidade do amor, sempre igual na sua força dominadora. Escrito com singeleza, num estylo direito e escorreito, o livro agrada e interessa.

Mercedes Blasco: **CARAS PINTADAS**, Portugalia, Lisboa, 1923. É toda uma pleia de caras pintadas, isto é, de actores e actrizes, que passa nesse livro ilhéu, amavel, por vezcs commovido. As celebridades do theatro lisboeta disflam, desenhadas com um traço inciso: Ignacio Peixoto, Cynira Polonio, Eduardo Brazio, Anna Pereira, Sylvestre Alegrim, Pepa Ruiz, outros mais, numa atmosphera exactamente sentida.

Adrien Timmermans: **L'ARGOT PARISIEN**, Victorion Frères et Cie, Paris, 1922. — O argot ou gíria parisiense existe há tanto tempo que é hoje uma verdadeira língua, tendo já suas regras fixas. O Sr. A. Timmermans, que foi professor de línguas e literaturas francesa e ingleza, na Holanda, procurou nesse livro completo e bem documentado estabelecer a ethymologia do vocabulário argot. Não é sem surpresa que se vê, pelo estudo do Sr. Timmermans que muitas palavras do argot derivam directamente do grego antigo, sendo que a maioria delas vêm de línguas vivas. Assim se percebe os laços misticos que unem ás vezes os idiomas os mais diversos por intermedios imprevistos. O livro do Sr. Timmermans parece tratar de um assunto futile, mas constitue na realidade uma synthese instructiva e digna de louvores.

LEVES COMO BORBOLETAS

os deliciosos

CAPRICHOS

torradas especiaes para estomagos debeis da

F.A.D.A. do Alto da Serra - Petropolis.



JOSE' CONSTANTE & CIA.

MATRIZ: RIO DE JANEIRO

91, Avenida Rio Branco, 91

BAHIA E PERNAMBUCO

Comissões-Representações

REPRESENTANTES DE:

Adriano Ramos Pinto & Irmão, Ltda	Porto
Antonio Pardo	Murcia
Ass & Cia, Ltda.	Lisboa
Brandão Gomes & Cia, Ltda.	Espinho
Estabelecimentos Herold, Ltda.	Lisboa
Garôna, Laporte & Cia.	Paris
Gross Hermanos	Malaga
Manoel Costa & Cia.. Ltda.	Lisboa
R. Singefhurst & Co. (1918) Ltda	Liverpool
Werrng, Jue & Co.	Cris iania
Peter Skarvig, Ltda	Aalesund
Vicente, Merguza	Malaga

e outras firmas estrangeiras e nacionaes.

AGENTES NO RIO DE JANEIRO

Do: Banco Commercial do Porto

SAQUES - S_I PORTUGAL E OUTROS PAIZES

Cartas de Credito — Abertura de Creditos Mensaes

Ordens de pagamento: por telegramma e por carta.

Caixa Postal, 373

Telephone, N. 1659

End. Telegraphico: CONSTANTE

RIO DE JANEIRO

AMERICA BRASILEIRA

BREVEMENTE

Historia da Musica Brasileira

DE

RENATO ALMEIDA

ALVARO PINTO - EDITOR
(ANNUARIO DO BRASIL)
RIO DE JANEIRO

LIVRARIA E PAPELARIA AZEVEDO

CASA EDITORA DOS ROMANCES DA COLLECÇÃO CHIC
A. DE AZEVEDO & COSTA

Livros Colegiais e de Literatura

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA

SECÇÃO DE IMPORTAÇÃO
ESCRITÓRIO
Rua Senador Dantas, 120
Telfônico, Central 3079
DEPÓSITO
Rua Senador Dantas, 104

SECÇÃO DE VAREJO
LIVRARIA E PAPELARIA
Telefônico, Central 5258
Rua Uruguaiana, 29
RIO DE JANEIRO

S. A. Monitor Mercantil

FUNDADA EM 1912

*Para defesa do Commercio
contra os māos negocios*

Apparelho regulador do credito
e multiplicador
das transacções mercantis

ESCRITORIOS:

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96
(TERCEIRO ANDAR)

RIO DE JANEIRO = BRASIL

NAÇÃO PORTUGUESA

REVIST: PORTUGUESA DE CULTURA NACIONALISTA

Director: ANTONIO SARDINHA

Editor: J. FERNANDES JUNIOR

Secretario: DOMINGOS DE GUSMÃO ARAUJO

Rua Serpa Pinto, 38 -- 3.^o LISBOA

PUBLICA-SE TODOS OS MEZES

Assinatura annual para o Brasil: 48 escudos (Adiantado)

Pode-se assinar ou anunciar por intermedio da AMERICA BRASILEIRA
que fornece todas as informações



BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

Casa Matriz : AMSTERDAM

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro ... S. Paulo ... Santos ... Buenos-Aires ... Santiago do Chile ... Valparaizo.
Na Alemanha ... HAMBURGO.

Capital autorizado..... Florins 50.080.000
Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging
Amsterdam -- Rotterdam -- Haia*

Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

II, RUA BUENOS AIRES, 13

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

CAPITAL. FRS. 50.000.000

CAPITAL REALISADO

Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000
Fundo de reserva: Frs. 12.500.000

Emprestimo sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortisações semestraes com direito de reembolso antecipado.

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações e debentures, guarda de valores, etc.

DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES
Abertura de credito para construções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:
39 BOULEVARD HAUSSMANN 39
Séde de Operações e Direcção Geral

44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO

Endereço Telegraphico-BRESIFONCI
CAIXA POSTAL, 307

TELEPHONES { Directoria N. 4.116
Secretaria N. 2.085
Expediente N. 3.750

AGÊNCIA:
24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).